



Universidade Estadual do Ceará

Simone dos Santos Machado

LINGUAGEM FORMAL E MODELOS COGNITIVOS  
IDEALIZADOS: UM ESTUDO SÓCIO-COGNITIVO NA  
TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

Fortaleza – Ceará  
2007

Universidade Estadual do Ceará  
Simone dos Santos Machado

LINGUAGEM FORMAL E MODELOS COGNITIVOS  
IDEALIZADOS: UM ESTUDO SÓCIO-COGNITIVO NA  
TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Lingüística Aplicada. Área de Concentração: Estudos da Linguagem - Lexicologia e Tradução, linha 3.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Lenz Costa Lima

Fortaleza – Ceará

2007  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada**

**Título do Trabalho:** Linguagem formal e modelos cognitivos idealizados: um estudo sócio-cognitivo na tradução para legendas

**Autor(a):** Simone dos Santos Machado

Defesa em: 28/08/2007

Conceito obtido: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Paula Lenz Costa Lima, Profª Drª.  
Orientadora

---

Emilia Maria Peixoto Farias, Profª Drª.  
1ª Examinadora

---

Soraya Ferreira Alves, Profª Drª.  
2ª Examinadora

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, que por toda sua vida, em meio a tantas dificuldades criaram a mim e ao meu irmão com o melhor que tinham e podiam nos dar, além da grande admiração que manifestam por mim; ao meu irmão, que me muito me incentivou; ao meu esposo, Levi, que, em todos os momentos, está ao meu lado, acreditando em mim e nos meus sonhos, e me ajudando na luta por alcançá-los; e finalmente, ao meu filho de onze meses, Ruan Guilherme, que, sem sequer saber, é a minha maior alegria e inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o desfecho de uma caminhada que dará início a outra. Na trajetória percorrida, percalços foram encontrados. Contudo, uma força maior me fez continuar e não desistir. Esse poder que nos levanta, e às vezes, nos faz cair, a fim de sempre nos permitir alcançar o de melhor, torna realidade os nossos sonhos, satisfaz os desejos do nosso coração e sempre está a nossa disposição quando nela confiamos. Em minha vida, essa força propulsora é chamada Jesus Cristo. A Ele, o autor e o consumidor da minha fé, a minha gratidão, a honra, a glória e o louvor para sempre.

A minha orientadora, Paula Lenz Costa Lima, pela grande contribuição em cada passo dado rumo ao amadurecimento e efetivação desta pesquisa, a partir das discussões e sugestões sempre prazerosas, além do gratificante aprendizado adquirido com a mesma enquanto pessoa, com o qual pude ser enriquecida.

À Professora Vera Lúcia Santiago Araújo pelo apoio e disposição evidenciados quando, sem medida, cedia-me fontes de pesquisa que foram fundamentais para o alicerce teórico desta dissertação.

Às amigas Luciana do Amaral Brilhante e Márcia Socorro F. de Andrade pelo estímulo e companheirismo na jornada acadêmica, bem como pela amizade que excedia o espaço universitário.

À FUNCAP pelo apoio financeiro durante todo o curso, permitindo-me dedicação exclusiva a esta pesquisa.

À Coordenação e aos alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE pela participação na pesquisa.

Aos professores do CMLA pelo conhecimento e crescimento que me proporcionaram ao longo do curso.

A Maria do Carmo, Secretária do CMLA, que sempre se mostrou prestativa, atenciosa e simpática às minhas necessidades acadêmicas.

E, finalmente, aos meus colegas de curso que me proporcionaram momentos de descontração e alegria, mesmo diante de tantas preocupações em torno daquilo que era o nosso objetivo final, enquanto alunos de mestrado.

## RESUMO

Esta dissertação analisou a influência dos modelos cognitivos idealizados (MCIs) no tipo de linguagem utilizada na tradução de fraseologias e clichês de raiva (palavrões) em inglês para legendas no português do Brasil. À luz de teóricos sobre Estudos Descritivos de Tradução, Tradução Audiovisual e Lingüística Cognitiva, nosso objetivo foi mostrar que a tradução para legendas é resultado da influência desses modelos. Acreditamos que a linguagem formal e a suavização ou corte de palavrões, estratégias comumente utilizadas na tradução para as legendas brasileiras, sejam influenciadas por MCIs para a escrita e que, por essa razão, a linguagem utilizada nas legendas seja natural para os espectadores brasileiros, qualquer outro tipo de linguagem utilizada na tradução seria recebido como estranho e não natural. A fim de verificar as hipóteses levantadas, esta pesquisa ficou dividida em três momentos: primeiro, realizamos um experimento para a elaboração dos MCIs relacionados às legendas (escrita, linguagem formal e palavrões); depois, selecionamos expressões típicas da cultura americana, a saber: clichês de raiva e fraseologismos a partir dos filmes americanos *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*, e analisamos o tipo de linguagem utilizada em sua tradução para o português do Brasil, tentando relacionar as traduções aos MCIs para escrita, linguagem formal e palavrões. Por último, verificamos a aceitação do público em relação às traduções baseadas em tais modelos e àquelas baseadas em modelos diferentes. Os dados do segundo experimento revelaram que tanto legendas formais quanto legendas informais foram aceitas pelo público. Embora os dados não tenham sido conclusivos, atribuímos o resultado aos MCIs elaborados, segundo os quais a linguagem formal se identifica com a escrita e a informalidade e os palavrões com os adolescentes.

## ABSTRACT

This thesis analyzed the influence of idealized cognitive models (ICMs) in the language used in the translation of American phraseologisms and clichés of fury (swearwords) for Brazilian subtitles. Based on Descriptive Studies, Audiovisual Translation and Cognitive Linguistics authors, we intended to show that subtitle translation is affected by those models. We believed that formal language and the minimization of swearwords used in the translation of Brazilian subtitles were influenced by ICMs related to writing. For this reason, the language usually used in subtitles might seem natural to Brazilian viewers, and any other different language might seem strange and unnatural for them. In order to verify our hypothesis, we divided our research into three parts: firstly, we made an experiment to build the ICMs related to subtitles (writing, formal language and swearwords); the second part was to select expressions which were particular to American culture, that is, phraseologisms and clichés of fury. We took the expressions away *10 things I hate about you* and *Mean girls* films, analyzed the language used to translate each expression into Brazilian Portuguese, and related each translated expression to the ICMs for writing, formal language and swearwords. In the last part of our work, we made another experiment to check the preference of the audience concerning the subtitles based on those models and the subtitles which were different from those ones. The last experiment showed that both formal and informal subtitles were well received by the audience. Although the results did not contribute to a conclusion, we related them to the ICMs previously elaborated. According to them, the formal language is closely related to the writing while the informal language and swearwords are related to adolescents.

## SUMÁRIO

Lista de Quadros .....	10
Lista de Gráficos .....	11
Introdução .....	12
1. Tradução e legendas: uma questão de adaptação cultural .....	15
1.1 Fidelidade e equivalência: uma tradição histórica e cultural .....	16
1.1.1 A teoria Lingüística e seus conceitos .....	19
1.1.2 Os Estudos Descritivos e a questão da adaptação cultural .....	22
1.1.3 A categorização e a noção de prototipicidade nos estudos de tradução .....	27
1.2 A tradução audiovisual: técnicas e estratégias de tradução .....	31
1.2.1 A tradução para legendas na Europa .....	34
1.2.2 A tradução para legendas no Brasil .....	37
1.2.2.1 A tradução de fraseologismos e clichês: a necessidade de adaptação cultural .....	40
2. Cognição e linguagem: aspectos teóricos e práticos .....	46
2.1 A metáfora cognitiva e sua influência na linguagem do dia-a-dia .....	46
2.2 A metáfora do canal e a expressão da linguagem .....	54
2.3 Os modelos cognitivos idealizados e sua relação com a linguagem formal escrita na sociedade .....	65
2.4 Experimento I: a construção de um MCI para fala e escrita na sociedade brasileira .....	69
2.4.1 Análise dos dados – língua oral/escrita e linguagem formal/informal .....	73
2.4.2 Uma proposta de MCIs para escrita, linguagem formal e palavrões .....	82
3. Analisando as estratégias de tradução nas legendas de <i>10 coisas que eu odeio em você</i> e <i>Meninas malvadas</i> .....	87
3.1 Os filmes .....	88
3.2 As listas de palavras: análise preliminar .....	90
3.3 O uso da linguagem formal nas legendas de <i>10 coisas que eu odeio em         você e Meninas malvadas</i> .....	96
3.3.1 Verbos .....	97
3.3.2 A posição do pronome oblíquo na frase .....	98
3.3.3 O uso de preposições .....	99
3.3.4 O uso de vocabulário não comum na oralidade .....	100
3.4 Fraseologias em <i>10 coisas que eu odeio em você</i> e <i>Meninas malvadas</i> ....	101
3.5 Os clichês de raiva – palavrões – em <i>10 coisas que eu odeio em você</i> .....	104
3.6 Os clichês de raiva – palavrões – em <i>Meninas malvadas</i> .....	117
3.7 Síntese das estratégias utilizadas na tradução dos clichês de raiva – palavrões.....	128

4. Legenda formal ou informal: pesquisando a preferência do público.....	131
4.1 Amostra do filme.....	132
4.2 As novas legendas.....	133
4.3 Questionário .....	135
4.4 Participantes .....	136
4.5 Procedimentos .....	137
4.6 Análise dos resultados: a recepção do público em relação às legendas.....	138
Considerações Finais .....	149
Referências Bibliográficas .....	152
Anexos.....	157
Anexo 01.....	158
Anexo 02.....	163
Anexo 03.....	168
Anexo 04.....	172
Anexo 05.....	177

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Funções da linguagem .....	30
Quadro 02: Aspectos inerentes à fala e à escrita descritos na literatura .....	70
Quadro 03: Aspectos inerentes à linguagem informal/formal descritos na literatura .....	71
Quadro 04: Resultado sobre as características relacionadas à linguagem informal .....	74
Quadro 05: Resultado sobre as características relacionadas à linguagem formal .....	75
Quadro 06: Resultado sobre profissões vs. nível de formalidade e de prestígio social .....	76
Quadro 07: Resultado sobre as características mais relacionadas à fala .....	77
Quadro 08: Resultado sobre as características mais relacionadas à escrita .....	78
Quadro 09: Resultado sobre a (in)tolerância dos sujeitos em relação ao uso de palavrões .....	80
Quadro 10: MCI para língua escrita .....	83
Quadro 11: MCI para linguagem formal .....	84
Quadro 12: MCI para palavrões .....	85
Quadro 13: Quadro comparativo das listas dos textos em inglês .....	93
Quadro 14: Quadro comparativo das listas dos textos em português .....	95
Quadro 15: Exemplos de tempos verbais usados nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – DC .....	97
Quadro 16: Exemplos de tempos verbais usados nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – MM .....	98
Quadro 17: Exemplos de pronomes usados nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – DC.....	99
Quadro 18: Exemplos de pronomes usados nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – MM .....	99
Quadro 19: Exemplos de preposições usadas nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – DC .....	99
Quadro 20: Exemplos de preposições usadas nas falas dos personagens e suas legendas correspondentes – MM .....	100
Quadro 21: Exemplos de vocabulário não comum na oralidade – DC .....	100
Quadro 22: As estratégias de tradução nas legendas de DC .....	129
Quadro 23: As estratégias de tradução nas legendas de MM .....	129
Quadro 24: Comparação entre as legendas originais e as novas legendas .....	134

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Nível de conforto dos informantes quanto à linguagem usada pelos personagens .....	139
Gráfico 02: Nível de conforto dos informantes quanto à tradução dos diálogos nas legendas .....	140
Gráfico 03: Nível de conforto dos informantes quanto ao uso de palavras pelos personagens .....	141
Gráfico 04: Nível de conforto dos informantes quanto ao uso de palavras nas legendas .....	141
Gráfico 05: Intuição dos participantes quanto ao nível de naturalidade nas legendas .....	144
Gráfico 06: Nível de ocorrência de palavras caso o filme fosse em português .....	146

## INTRODUÇÃO

Dentre as várias funções assumidas pela tradução audiovisual (doravante, TAV) nos meios de multimídia, oferecer a pessoas de diferentes países a oportunidade de assistir a filmes estrangeiros é uma de suas funções de destaque. Segundo Araújo (2004:161), ambos dublagem e legendagem são as técnicas de TAV mais comumente utilizadas no Brasil. Enquanto a primeira é preferencialmente usada em programas abertos da televisão e filmes destinados ao público infantil, a segunda é mais usada em programas de TV a cabo, no cinema, DVDs e em grande parte de filmes destinados a vídeo cassete. Através da legenda, o espectador ouve a voz do ator enquanto lê a tradução simultânea escrita na parte inferior da tela.

A tradução para a legendagem<sup>1</sup> de um filme é um processo bastante complexo que envolve peculiaridades não apenas do ponto de vista tradutório (a relação entre línguas distintas que tem sido alvo de estudo há décadas), mas também por parte do processo técnico da legendagem. Durante este processo, o tradutor precisa atender a algumas especificidades das legendas tais como a limitação de tempo e espaço, por exemplo, o que algumas vezes acaba por interferir no resultado da tradução.

Este tipo de tradução envolve a adaptação de um código oral em um código escrito e o tratamento dispensado às legendas, atualmente, ainda obedece à antiga dualidade existente entre fala e escrita. Segundo essa visão, a fala é geralmente informal, ao passo que a escrita deve ser cercada de cuidados com a gramática formal da língua. Dessa forma, os tradutores não têm outra saída senão recorrer à linguagem formal como sistema lingüístico em suas traduções, independentemente do tipo de filme. O uso da linguagem formal fica entendido aqui como o uso de expressões baseadas em regras gramaticais da norma padrão culta da língua.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo “legendagem” será usado para referir-se ao produto final da tradução, momento em que o filme está pronto para o mercado.

Um aspecto envolvido na tradução de legendas está associado à tradução de palavras e expressões consideradas tabu pela sociedade, as quais, normalmente, não podem aparecer nas legendas. A não tradução ou a suavização de tais expressões pode dar ao espectador a falsa impressão de que os falantes de língua inglesa não falam palavrões, ao passo que os filmes brasileiros são repletos deles.

Segundo Araújo (2004:166), o resultado da tradução baseada em tais regras são expressões não naturais para os espectadores brasileiros. Isto porque os filmes tendem a mostrar situações do dia a dia, com pessoas comuns conversando de maneira informal. No entanto, a tradução de tais situações é geralmente feita sob os padrões da gramática formal, diferente da maneira corrente normalmente utilizada pelos falantes, contribuindo para uma total ausência de naturalidade na tradução. Isto acontece, principalmente, tratando-se de clichês, expressões próprias a certo idioma e que aparecem comumente em filmes norte-americanos.

Ao contrário de Araújo (*op.cit.*), acreditamos que o uso da linguagem formal e a suavização, ou corte, de palavrões nas legendas brasileiras sejam resultados das expectativas do público em relação às próprias legendas, ou seja, estas devem apresentar um texto elaborado seguindo a norma padrão culta da língua e sem expressões consideradas ofensivas pela sociedade, sob pena de parecerem estranhas ao espectador.

Desse modo, pareceu-nos razoável supor que a opção pela linguagem formal nas traduções seja motivada por questões intrínsecas à sociedade e cultura brasileiras e que, portanto, modelos cognitivos idealizados (MCIs) exerçam um papel importante na sua motivação. Os demais aspectos da linguagem utilizada nas legendas também podem ser motivados por um MCI para a língua escrita e, nesse sentido, ao contrário do que supôs Araújo (*op.cit.*), não seriam recebidos como estranhos ou artificiais pelos espectadores brasileiros.

Considerando tais aspectos, nossa pesquisa teve como objetivo investigar o papel dos modelos cognitivos idealizados na escolha do tipo de linguagem utilizada na tradução de clichês para as legendas. Mais especificamente, procuramos analisar os MCIs subjacentes ao tipo de linguagem escolhida para a tradução nas legendas e

investigar o impacto de traduções, com diferentes tipos de linguagem (formal e coloquial), em sujeitos habituados a assistir a filmes americanos com legendas.

Esta pesquisa de caráter analítico-descritivo investigou os aspectos orais e informais no processo de legendagem de dois filmes americanos: *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. Desta forma, nossas leituras e reflexões foram voltadas para as teorias e métodos de tradução que têm como foco o processo de legendagem.

Os procedimentos realizados a fim de desenvolver esta pesquisa foram divididos em quatro etapas principais, que constituem o corpo deste trabalho: primeiro, o levantamento e a leitura da bibliografia sobre clichês, tradução audiovisual, modelos cognitivos, linguagem formal e tópicos relacionados ao assunto. Segundo, a elaboração de MCIs para fala, escrita, linguagem formal, linguagem informal e palavrões a partir de um experimento aplicado a falantes nativos do português do Brasil. Terceiro, analisamos as expressões selecionadas nos dois filmes, tentando estabelecer uma relação com os MCIs construídos na etapa anterior. Por último, realizamos uma pesquisa de recepção de público com o objetivo de verificar que tipo de linguagem tem melhor aceitação pelo público: aquelas que seguem os modelos identificados ou aquelas que divergem deles.

Acreditamos que uma análise da TAV sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, como processo influenciado pelos modelos cognitivos idealizados (MCIs) da sociedade brasileira é bastante enriquecedora para os estudos de tradução, uma vez que ela ajuda a esclarecer a motivação de certas estratégias de tradução, a refletir sobre a estreita relação entre cultura e tradução e a discutir questões relacionadas à ideologia e sociedade brasileiras.

# 1. TRADUÇÃO E LEGENDAS: UMA QUESTÃO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL

Neste capítulo, apresentamos uma breve explanação a respeito das teorias de tradução e sua relação com os conceitos de fidelidade e equivalência que, ainda hoje, influenciam a forma como o público leitor ou espectador de textos traduzidos, de um modo geral, entendem a atividade tradutória. Apresentamos também, um resumo sobre a legendagem, enquanto técnica de tradução audiovisual, e as estratégias de tradução utilizadas para a elaboração das legendas. Para isso, dividimos o presente capítulo em duas partes centrais: a primeira aborda os conceitos de fidelidade e equivalência na teoria Lingüística e nos Estudos Descritivos de tradução como também sua relação com os princípios de categorização propostos pela Lingüística Cognitiva. A segunda parte discute a atividade tradutória inserida no processo de legendagem no Brasil e na Europa e, para encerrar, trata de uma das estratégias de tradução utilizada nas legendas, o uso da linguagem formal, e sua influência em fraseologismos e clichês.

Em relação à tradução, as fontes pesquisadas mostraram que ela tem sido uma atividade corrente e necessária desde que o homem começou a ampliar suas fronteiras territoriais e culturais nos tempos mais remotos de sua história. A aprendizagem de uma nova língua, imposta ou não, e a busca pelo conhecimento de artes e ciências desconhecidas por um povo foram atividades, quase sempre, facilitadas pela tradução, mesmo que informal, entre línguas distintas.

Do ponto de vista histórico-bíblico, a partir do fato conhecido como “a torre de Babel”, mencionado no livro do Gênesis capítulo 11, a confusão das línguas teria sido o cenário propício ao desenvolvimento e prática da tradução como mediadora da compreensão entre os homens. Estudos históricos mostram que o fato teria ocorrido na pré-história e relatado por Moisés por volta de 1.400 a.C.<sup>2</sup>. Vê-se, então, que a tradução é uma atividade bastante antiga, quase tão antiga quanto a própria civilização. Derrida (2002:70), em um ensaio de título bastante semelhante ao fato bíblico *Torres*

---

<sup>2</sup> Conforme a Bíblia de Estudo de Genebra, p.03.

*de Babel*, menciona que “Babel é a lei imposta pelo nome de Deus que pela mesma ação vos prescreve e vos interdita traduzir, mostrando-vos e despojando-vos do limite”.

## **1.1 FIDELIDADE E EQUIVALÊNCIA: UMA TRADIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL**

Por ser assim tão necessária, a tradução passou, desde cedo, a despertar o interesse de estudiosos, os quais passaram a dedicar tempo e esforço para compreender os processos envolvidos nesta atividade. De acordo com Bassnett-McGuire (1980), os romanos já desenvolviam estudos sobre a tradução, tentando estabelecer as estratégias mais apropriadas no processo: tradução “palavra por palavra” ou “sentido por sentido”.

Regra geral, até a década de 70<sup>3</sup> do último século, sustentou-se a idéia de que a tradução seria uma simples operação envolvendo duas línguas, na qual o texto traduzido deveria ser “equivalente” e “fiel”<sup>4</sup> ao texto de partida, este considerado texto original e de qualidade superior àquele. Os conceitos de equivalência e fidelidade divergiram muito entre os estudiosos das teorias de tradução que defendiam uma perspectiva sociológica para o processo tradutório. Essas divergências levantaram questões as quais serviram, e ainda servem, de base para diversos estudos na área.

Nos estudos de tradução, segundo afirma Wilss<sup>5</sup> (apud Rodrigues 2000:18), “não se pode determinar o momento preciso de emergência do termo equivalência de tradução, contudo, presume-se que tenha advindo da matemática”. Talvez por esse motivo o termo ‘equivalência’ seja dotado de um caráter tão impessoal e relacionado mais diretamente a uma coisa ou objeto. Em seus estudos, Rodrigues (2000:15) analisa os conceitos de equivalência nas diversas teorias da tradução e menciona que, na

---

<sup>3</sup> Na década de 80, Toury surge fazendo parte de uma nova escola conhecida como Estudos Descritivos, muito difundida entre os estudos de tradução. Algumas de suas idéias serão abordadas mais à frente neste trabalho.

<sup>4</sup> “Equivalência” e “fidelidade” não serão pontos primordiais no desenvolvimento deste trabalho, entretanto, sua discussão se faz necessária para mostrarmos em que aspectos o pensamento tradicional para tradução difere da teoria a qual recorreremos durante a realização da pesquisa.

<sup>5</sup> WILSS, W. **The science of translation: problems & method.** Tübingen: Gunter Nar, 1982.

literatura analisada sobre tradução, existem discussões e oposições intimamente relacionadas:

É o caso da distinção entre tradução “palavra por palavra” e “sentido por sentido” [...] essa oposição tem assumido diferentes formas na literatura, desde a tradução “literal” oposta à “livre”, a “fiel” oposta à “criativa”, até, mais recentemente, a “equivalência formal” oposta à “equivalência dinâmica” (Rodrigues, 2000:15).

Essas dicotomias estão relacionadas à direção que uma tradução deve tomar no sentido de ser estranha ou natural ao público receptor. Alguns autores, como Bassnett-McGuire (*op.cit*), relacionam a naturalidade e a fluência da tradução à adaptação do texto de partida aos termos lingüísticos e culturais da língua-meta, ao passo que a literalidade está associada à cultura geradora do texto. Por sua vez, Venuti (1986) trata essa dicotomia como domesticação em oposição à estrangeirização, ou seja, a adaptação da tradução aos aspectos culturais do público-alvo (domesticação) em oposição ao estranhamento gerado pela tradução feita sob os padrões da cultura de partida e não daquela que receberá o texto traduzido (estrangeirização).

Essa oposição entre conceitos recebe críticas de Snell-Hornby (1995:19). Segundo ela, “as tentativas feitas para repensar o conceito, para qualificá-lo e classificá-lo, levaram ao que só pode ser descrito como uma explosiva proliferação de tipos de equivalência”, e ainda salienta que “a falta de simetria entre as línguas torna impossível postular a equivalência como relação necessária para a tradução”. Além disso, Snell-Hornby (1995:16-18) mostra quão enganosa é a defesa do conceito de equivalência nos estudos de tradução. Segundo a autora, os termos *equivalence* (do inglês) e *Äquivalenz* (do alemão) podem, a priori, parecer equivalentes, simétricos e perfeitos em um processo tradutório, entretanto, isto não é verdade. Uma investigação mais detalhada e aprofundada desses dois itens lexicais mostrou diferenças cruciais, tanto do ponto de vista do desenvolvimento histórico de cada palavra, quanto das respectivas funções que cada uma exerce dentro de seu sistema lingüístico e sócio-cultural.

O conceito de fidelidade, por sua vez, está intimamente relacionado ao conhecido epigrama “*traduttore, traditore*”<sup>6</sup>. Uma vez que o texto fonte é considerado superior à tradução, ou que a tradução feita pelo autor do texto fonte seja melhor do que qualquer outra tradução, o conceito de fidelidade se aplica em preservar a intenção do autor. A esse respeito, Wyler (2003) afirma que:

[...] o texto de partida seria um objeto definido, congelado, receptáculo de significados estáveis, em geral identificados com as intenções de seu autor. Caberia ao tradutor transportá-lo, fielmente, para o seu próprio texto na língua-receptora (Wyler, 2003:18).

Em outras palavras, a missão do tradutor seria não trair por meio de mudança ou omissão, ou qualquer outro recurso, o sentido e/ou a forma dada ao texto “original”.

Apesar de renegadas pelos Estudos Descritivos, “fidelidade” e “equivalência” são termos ainda valorizados pelo público leitor no tocante às traduções de um modo geral. Desconhecedor dos processos envolvidos pela atividade tradutória, o público confere à tradução uma posição inferior e desprestigia seus tradutores ao renegar seu *status* de profissional da linguagem, conferindo-lhes salários baixos e pouco tempo para a realização de seu trabalho (Wyler, 2003). Segundo Arrojo (2003:72), uma das faces mais visíveis e conhecidas em relação à tradução é:

[...] o preconceito generalizado com que se considera qualquer tradução, olhada de soslaio até mesmo pelos profissionais da área. A tradição tem sido, portanto, inclemente em relação à atividade do tradutor, atribuindo-lhe, freqüentemente, um caráter de precariedade, de remendo, de “mal necessário”, em oposição a um “original” sempre pleno e completo em si mesmo (Arrojo, 2003:72).

Além da constatação feita pelas autoras supracitadas, essa visão tradicionalista ainda pode ser encontrada na definição de dicionários, como o *Oxford Dictionary* (2000:1438), onde consta que “tradução é o processo de mudar algo escrito ou falado em uma outra língua”<sup>7</sup>. Definições como esta tratam a tradução como um

---

<sup>6</sup> “Tradutor, traidor”.

<sup>7</sup> “Translation is the process of changing something that is written or spoken into another language” (essa tradução é da autora, assim como todas as demais, quando não houver edição disponível em português).

processo isolado e independente dos aspectos culturais próprios de um povo, como se o texto fonte encerrasse em si um significado único a ser resgatado na língua-alvo.

Em suma, tradicionalmente, a relação entre o autor e seu tradutor deve ser marcada pela harmonia e fidelidade. Sendo fiel, a tradução pode, então, ser considerada “perfeita”, porém não original, pois originalidade é um atributo legado somente ao texto fonte.

Com base nesses pressupostos, as dicotomias tradução literal *vs.* tradução livre e fidelidade *vs.* originalidade foram centro de discussão nas teorias tradutórias que se seguiram. Ora defendendo, ora negando as noções de fidelidade e equivalência, cada teoria apresenta uma abordagem em relação ao texto original e ao texto traduzido. A seguir, apresentaremos algumas das teorias de tradução que tratam de fidelidade e equivalência em seus estudos.

### 1.1.1 A TEORIA LINGÜÍSTICA E SEUS CONCEITOS

Em seus primeiros passos na busca de uma teoria tradutória, os romanos iniciaram seus estudos acreditando que a tradução era um processo automático. Para eles, cada palavra do texto fonte deveria ser trocada pelo seu equivalente na língua-alvo, ou seja, o sentido era inerente à palavra enquanto unidade semântica.

A lingüística contrastiva utiliza a equivalência de tradução como base para comparação de determinados aspectos entre duas ou mais línguas. Segundo Halliday et al.<sup>8</sup> (apud Rodrigues, 2000:29), a realização de estudos comparados depende do estabelecimento da equivalência no uso real da língua, ou seja, o que denominam “equivalência contextual”, pois “não é a correspondência formal que aceitamos como tradução”.

Embora não forneça de maneira clara uma definição para equivalência, o equivalente contextual mencionado pelos autores seria uma estrutura em uma língua capaz de substituir outra em uma língua diferente. A partir do equivalente contextual

---

<sup>8</sup> HALLIDAY, M. A. K. Et al. Comparação e tradução. In: \_\_\_\_\_. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974, p.136-161.

seria possível estabelecer as semelhanças e diferenças entre as línguas estudadas e se chegar à conclusão se há ou não correspondência formal.

Em sua proposta para uma teoria lingüística da tradução, Catford (1980) se propõe a analisar e descrever os processos da tradução a partir de uma teoria baseada na lingüística geral. No entanto, parece limitar-se a uma sistematização das semelhanças e diferenças entre as línguas, isto é, questões sobre sistemas lingüísticos, tal qual os defensores da Lingüística comparada.

Assim como Halliday et al. (*op.cit.*), Catford (*op.cit.*) não define o que entende por equivalência. Trata o termo como algo transparente, como se o conceito de equivalência fosse um consenso entre todos os autores que utilizam o termo em seus estudos sobre tradução. Catford (1980) preocupa-se em definir os tipos de equivalência: a equivalência textual e a equivalência formal. Segundo ele, “um equivalente textual é qualquer texto ou porção de texto da LM<sup>9</sup> que [...] se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF”. Por outro lado, um equivalente formal “é qualquer categoria da LM que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM o ‘mesmo’ lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF” (Catford, 1980: 29).

Para a determinação do tipo de equivalência encontrada, o autor sugere o recurso a um informante tradutor bilíngüe competente, conhecedor dos sistemas lingüísticos envolvidos.

Após a identificação do equivalente textual, Catford (1980: 32) propõe “um levantamento quantitativo de itens recorrentes, que poderia ser tratado em termos de porcentagem ou de probabilidade”. Se essa análise estatística fosse feita com uma amostra de textos bastante variada, as probabilidades encontradas poderiam ser generalizadas para o estabelecimento de regras de tradução. O que Catford (*op.cit.*) não parece levar em consideração é o caráter dinâmico da língua. Mesmo que se chegasse a ponto de concluir a sistematização das regras para a tradução, elas seriam válidas apenas naquele tempo e lugar em questão, pois os sistemas lingüísticos não são estáticos, estão em constante mudança dentro de uma mesma língua.

---

<sup>9</sup> LM seria a língua meta, enquanto que LF seria a abreviação de língua fonte.

O fato de considerar a tradução um processo entre duas línguas faz com que o autor ache necessário estabelecer “uma teoria de língua, uma teoria lingüística geral” (Catford, 1980: 01). Essa teoria seria uma sistematização das possibilidades lingüísticas de tradução, ou seja, do que é possível ou não traduzir. Ao fazer isso, o autor avalia a tradução como um processo mecânico, como se os tradutores pensassem todos da mesma forma e recorressem a regras predeterminadas para a seleção dos itens que comporiam seus textos. Catford (*op.cit.*) parece rejeitar os demais processos envolvidos na tradução, o que “torna duvidosa a possibilidade de construção de regras de tradução ou de equivalência a partir dos resultados de uma pesquisa do gênero” (Rodrigues, 2000:45).

Diferentemente de Catford (1980), que busca sistematizar a tradução a partir de fundamentos lingüísticos, Nida<sup>10</sup> (apud Rodrigues, 2000:62) apóia-se nos conceitos da gramática transformacional e se propõe a usar a lingüística como um meio para análise e solução de problemas na tradução. Apesar de discutir enfaticamente sobre os problemas enfrentados na tradução da Bíblia, o autor menciona que as soluções propostas também se estendem às traduções de outros tipos de textos. Essa generalização é complicada porque a Bíblia é um livro escrito em uma época, cultura e estilo de linguagem específicos que envolvem problemas particulares, problemas que dificilmente seriam encontrados em textos de diferentes estilos, épocas ou culturas. Isto sem falar que o propósito para o qual a Bíblia foi escrito não pode ser estendido à grande variedade de textos existentes nas sociedades do planeta.

Nida (*op.cit.*) não define ao longo de seus textos o que entende por equivalência, entretanto, no glossário de um de seus livros consta que equivalência é “uma similaridade muito próxima em significado, oposta à similaridade em forma”. Fica difícil dizer, no momento, se essa definição foi dada pelo próprio autor ou se foi elaborada por outra pessoa que leu o texto e preparou o glossário para esclarecer dúvidas de futuros leitores. Segundo Rodrigues (2000: 65), “a equivalência em si não é, entretanto, definida. Assim como faz Catford, Nida apenas repete o termo, em vez de explicá-lo”.

---

<sup>10</sup> NIDA, E. A. Principles of translation as exemplified by Bible translation. In: BROWER, R. A. **On translation**. Oxford: Oxford University Press, 1966, p. 11-31.

Quanto à tradução, Nida (apud Rodrigues 2000: 65) a define como “a produção de mensagens equivalentes”. Segundo ele, o sentido de um texto pode ser resgatado durante o processo e transferido para outra língua com o mínimo de perda ou distorções. Nessa transferência o conteúdo tem total primazia em relação à forma. O conteúdo pode ser resgatado a partir da identificação de núcleos, que seriam as menores unidades do texto e portadoras da mensagem em si. A mensagem deveria ser então transferida para a língua alvo por meio destes núcleos. Isso garantiria, de acordo com seu ponto de vista, o total resgate da mensagem original, ou seja, das intenções do autor do texto fonte.

Catford (1980) e Nida (apud Rodrigues 2000), tratados anteriormente, foram os representantes da teoria lingüística para os estudos de tradução. Ambos defendiam a primazia do texto fonte em relação à tradução e a importância da fidelidade e da equivalência para a produção de um bom texto na cultura de chegada. A seguir, trataremos dos Estudos Descritivos de tradução e o tratamento dispensado à tradução pelos seus teóricos.

### 1.1.2 OS ESTUDOS DESCRITIVOS E A QUESTÃO DA ADAPTAÇÃO CULTURAL

A teoria dos Estudos Descritivos de Tradução difere da anterior por rejeitar o conceito de equivalência defendido pelos lingüistas. Enquanto estes acreditam que a tradução é um ideal a ser atingido e submetido às regras determinadas pelos teóricos, aqueles partem para a análise das soluções dadas pelo tradutor, ou tradutores, de um certo texto.

De acordo com Rodrigues (2000), Lefevere desenvolve seus estudos com o intuito de:

[...] dedicar-se a analisar o comportamento tradutório, relacionando-o às instituições, ao poder e à ideologia. Seu objetivo é estudar a tradução literária e pesquisar os fatores que influenciam a produção de traduções em certos períodos ou culturas (Rodrigues, 2000:104).

Para este autor a tradução é entendida como uma reescritura, que pode ser ao mesmo tempo “inovadora e subversiva” e “repressiva e conservadora”. Inovadora no sentido de que pode introduzir novos parâmetros na tradução e na literatura a partir do poder modelador de uma cultura sobre a outra. E repressiva porque pode manipular as obras para que se adaptem à ideologia ou estilo literário estabelecido.

Lefevere (1992b) acredita que as obras literárias estão localizadas dentro de um determinado sistema, de forma que algumas obras ficam localizadas no centro, ao passo que outras ficam localizadas na periferia. À reescritura cabe o papel de afetar a “interpenetração de sistemas literários” (Lefevere, 1992b: 15), fazendo com que obras da periferia possam ser deslocadas da periferia para o centro.

Em seus trabalhos, o autor refuta o pensamento de que somente os textos que se mostram “equivalentes e fiéis ao original” sejam representantes adequados de traduções, ou seja, aqueles textos que apresentam todos os segmentos substituídos em outra língua. Tal pensamento exclui da categoria de tradução, e do *corpus* de análise dos lingüísticas, textos que envolvam estratégias de tradução, tais como: omissões, acréscimos, resumos, adaptações e outros recursos. Estes últimos seriam, segundo Lefevere (1992b), os textos essenciais na constituição de um *corpus* para a análise de tradução.

Entretanto, um problema apontado por Rodrigues (2000:119) na teoria desenvolvida por Lefevere, é o fato de ele ter publicado em 1981 que a teoria não abrange todos os tipos de textos. Embora tenha tentado refazer sua afirmação em artigo publicado no ano posterior, o autor deixa transparecer em seus textos que a informação semântica ou locucionária é traduzível sem maiores problemas. Sendo assim, textos de caráter informativo são fáceis de traduzir e não oferecem atrações para pesquisas acadêmicas. Por outro lado, os textos literários, por necessitarem de forma e conteúdo para transmitir mensagens, deveriam receber mais atenção por parte dos tradutores e pesquisadores.

Essa colocação faz Rodrigues (2000) considerar que Lefevere acredita no resgate de informações de um determinado texto original se o texto em questão for um texto informativo, o que implica, portanto, a admissão do conceito de equivalência defendido por muitas das teorias lingüísticas. Ademais, Rodrigues lembra que o autor

usa expressões como: reproduzir, repetir, imitar e estas não se adequam ao modelo proposto por sua teoria.

É interessante o tratamento dispensado ao termo “fidelidade” nos trabalhos de Lefevere & Bassnett (1990). Para os autores, os tradutores conseguem ser fiéis “quando recuperam aquilo que querem os que subsidiam suas traduções” e ainda que “a fidelidade é apenas uma estratégia tradutória que pode se inspirar na aplicação de uma certa ideologia a uma certa poética” (Lefevere & Bassnett, 1990: 08). Sob esse novo ponto de vista, o tradutor não está obrigado em relação ao texto fonte, porém, antes de tudo, às exigências de quem contratou os seus serviços.

Tal qual Lefevere (1992b), Toury (1995) define como objeto de estudo a tradução literária. Neste tipo de tradução, o autor dá prioridade ao pólo receptor da tradução e busca descrever os passos realizados durante o processo em busca de uma explicação sistemática da atividade tradutória. Em relação ao processo tradutório, o autor explica que:

As atividades de tradução deveriam, até certo ponto, ser consideradas como portadoras de um significado cultural. Conseqüentemente, as traduções antes de qualquer coisa estariam aptas a representar um ato social, a fim de satisfazer a função designada por uma comunidade [...] de um modo apropriado aos seus próprios termos de referência<sup>11</sup>(Toury, 1995:53).

Segundo a concepção de Toury (*op.cit.*), o sistema receptor não só influencia o produto final da tradução, como também interfere no próprio processo de transferência<sup>12</sup>. Por meio dos Estudos Descritivos, o autor tenta compreender como as traduções se adequam para atender aos objetivos do grupo que receberá a tradução, ou seja, como os tradutores se comportam para satisfazer às particularidades da cultura na qual trabalham. Isto porque:

Os tradutores estão, normalmente, inseridos em um determinado ambiente cultural e são levados a suprir certas necessidades dela, e/ou exercer certas “funções” nela. Conseqüentemente, é exigido dos tradutores que operem

---

<sup>11</sup> “Translation activities should rather be regarded as having cultural significance. Consequently, ‘translatorship’ amounts first and foremost to being able to play a social role, to fulfil a function allotted by a community (...) in a way which deemed appropriate in its own terms of reference”.

<sup>12</sup> Uma das críticas de Rodrigues a Toury é que seus trabalhos dedicam grande atenção à transferência relacionada aos estudos de aquisição de uma segunda língua, e que não tratam com clareza a respeito de seu papel em uma teoria de tradução.

primeiramente e, antes de tudo, para atender aos interesses da cultura na qual trabalham, embora não concordem com tais interesses<sup>13</sup> (Toury, 1995:12).

Ao entrar em contato com o pólo receptor (a cultura de chegada), os aspectos culturais freqüentemente trazem problemas aos tradutores. Segundo Toury (1995:55), os tradutores enfrentam muitas restrições em suas comunidades no que diz respeito aos processos de tradução em geral. Para o autor, essas restrições podem ser transformadas em estratégias apropriadas, relacionadas ao que é adequado ou inadequado em determinadas situações durante o processo de tradução. De acordo com a teoria dos Estudos Descritivos, a regularidade de tais estratégias em textos traduzidos permite uma análise que originaria as *normas* de tradução. Contudo, essas estratégias só seriam consideradas normas se contassem com um *corpus* suficientemente grande, capaz de abranger grande parte de um gênero textual.

Na proposta de Toury (*op.cit.*), as normas de tradução não são regras, mas instruções geradas a partir de certos elementos envolvidos na tradução, a saber: o cliente e suas preferências, o público para o qual se destina a tradução e a cultura de chegada, entre outros. As normas podem ser mais ou menos rígidas dentro de um determinado sistema; sua função é estabelecer um comportamento apropriado para o grupo de tradutores, com o intuito de manter a ordem social.

É pertinente salientar que essas normas não seriam tidas como universais, pois o caráter dinâmico da língua, do tradutor (enquanto indivíduo social) e da cultura não permitiria tal atitude. As normas estabelecidas diriam respeito ao tipo de texto pesquisado, bem como à época e lugar dos textos selecionados. As normas são instáveis, ou seja, estão em constante mudança devido a sua própria natureza dinâmica. Algumas normas mudam com maior rapidez, outras, entretanto, levam quase o período de uma vida para sofrerem qualquer mudança.

Naturalmente, os tradutores não são passivos diante dessas mudanças, como se fossem meros espectadores. Ao contrário, por meio de seu trabalho, auxiliam na modelagem do processo da mesma forma que os críticos de tradução, a ideologia

---

<sup>13</sup> “Translators always come into being within a certain cultural environment and are designed to meet certain needs of, and/or occupy certain ‘slots’ in it. Consequently, translators may be said to operate first and foremost in the interest of the culture into which they are translating, however they conceive of that interest.”

tradutória (incluindo as tendências acadêmicas geradas pela teoria vigente), as escolas formadoras de tradutores, bem como a sociedade de um modo geral (Toury, 1995:62).

De acordo com Rodrigues (2000:140), os problemas de Toury começam em sua definição de tradução, que seria a “capacidade de substituir TFs [textos-fonte] por Tas [textos-alvo] sob certas condições de invariância”. Para ela, essa definição revela, em Toury, tendências para o pensamento tradicional de hierarquia entre os textos envolvidos no processo tradutório e que, portanto, o autor considera a possibilidade de uma produção literal.

Diferentemente de Rodrigues, concordamos com Toury (1995) ao considerar que os textos tenham certas marcas estáveis que podem ser transpostas para outra língua. Se um texto não apresentar um mínimo de marcas estáveis, seria praticamente impossível a tradução de um texto humorístico, por exemplo. Neste caso, uma das marcas estáveis seria o humor. Afinal de contas, uma tradução não surge do nada, ela nasce de um outro texto anterior, o qual serve, no mínimo, de inspiração para a produção de um texto traduzido.

Não cabe no momento, discutir o quanto de marcas estáveis um texto carrega em sua estrutura. O comentário foi feito apenas para mostrar que, em estudos de tradução, não se pode radicalizar e renegar completamente o texto fonte, pois sem ele não haveria razão para traduzir.

Apesar das críticas feitas aos Estudos Descritivos, parte da fundamentação teórica e da metodologia desta pesquisa se apóia em seus pressupostos, sobretudo no tocante à teoria desenvolvida por Toury (1995). Graças a ela, foi possível descrever as estratégias<sup>14</sup> utilizadas na tradução do *corpus* escolhido. No entanto, reconhecemos que, como teoria, os Estudos Descritivos não abrangem todos os aspectos a serem analisados nesta pesquisa. Por esta razão, nos apoiaremos também na Linguística Cognitiva, disciplina a qual recorreremos para a fundamentação teórica e metodológica de parte desta pesquisa. A seguir, mostraremos como os estudos de tradução e cognitivos podem se relacionar na teoria e na prática.

---

<sup>14</sup> De acordo com a teoria dos Estudos Descritivos de tradução, as *normas* só podem ser estabelecidas mediante a análise de um grande número de textos de um mesmo tipo, ou gênero. Assim, devido à limitação do nosso *corpus*, de dois filmes apenas, não foi possível nos referirmos às *normas* de tradução identificadas nas legendas. Por esse motivo, “estratégia” é o termo utilizado para descrever o produto final da tradução nas legendas dos filmes escolhidos.

### 1.1.3 A CATEGORIZAÇÃO E A NOÇÃO DE PROTOTIPICIDADE NOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO

De acordo com Snell-Hornby (1995:26), a categorização é uma capacidade inata ao ser humano. É a forma utilizada pelo nosso aparato cognitivo para organizar a grande quantidade de conceitos construídos em nossa mente. Segundo a autora, as definições e descrições apresentadas anteriormente (sobretudo as noções de fidelidade e equivalência e o estabelecimento de dicotomias na tradução) baseiam-se em categorias distintas. As dicotomias, enquanto categorização, aparecem nos trabalhos desenvolvidos a partir do século XX, com a distinção entre forma e substância trabalhada por Saussure (apud Snell-Hornby 1995:26) na Lingüística. Essa distinção saussuriana influencia diretamente tanto a dicotomia da equivalência formal vs. equivalência dinâmica de Nida (apud Snell-Hornby 1995:26), bem como a dicotomia de correspondência formal vs. correspondência textual de Catford (Snell-Hornby, 1995:26).

Snell-Hornby (1995:26) acredita que essas dicotomias estão diretamente relacionadas à teoria de categorização que é parte de nossa cultura ocidental. A validade dessa teoria se baseia nas ciências cognitivas, sobretudo naquelas desenvolvidas no campo da psicologia (por Eleanor Rosch) e na lingüística (por George Lakoff).

Os estudos de Lakoff (2002), que ganharam força a partir da década de 70<sup>15</sup>, tentam desmistificar a teoria Objetivista de Chomsky (1955, apud Snell-Hornby, 1995:58), um de seus principais defensores, que afirmava ser “a linguagem [...] um sistema modular independente do resto da cognição”. Este ponto de vista perdurou por muito tempo e se tornou base de vários trabalhos na filosofia da linguagem de autores como: Richard Montague, Donald Davidson, David Lewis dentre outros.

O primeiro dos conceitos definidos por Lakoff em *Women, Fire and Dangerous Things* é o de *efeito prototípico na linguagem*. Segundo o autor, os

---

<sup>15</sup> Até então, a visão Objetivista predomina nos estudos sobre linguagem, especialmente no que diz respeito à interpretação da razão. Esta visão apresenta uma visão baseada no objeto, acreditando que ele determina o mundo real. Assim sendo, a razão é transcendental e independente do corpo, tudo pode ser entendido e descrito sem metáfora, pois a razão não tem qualquer relação com a emoção; o pensamento é literal e a linguagem convencional (Lima em aula expositiva durante o seminário em Lingüística Cognitiva no CMLA, 2005.1).

protótipos “são importantes para a estrutura conceitual porque eles definem expectativas normais, necessárias a fim de caracterizar o significado de certas palavras”<sup>16</sup> (Lakoff, 1987:81). Com esta afirmação, Lakoff (*op.cit.*) mostra que a linguagem usada diariamente pelos falantes de uma língua é diretamente influenciada pela cognição e não “um sistema modular independente” dos processos cognitivos realizados na mente humana, como acreditava Chomsky (apud Snell-Hornby, 1995: 26).

De acordo com Lakoff (1987:81), o protótipo nos auxilia na categorização do mundo que nos cerca, fazendo-nos compreender a realidade ao nosso redor. Esta categorização nos permite simplificar a grande variedade de elementos e fatos do dia-a-dia, pois, do contrário, poderia haver uma sobrecarga mental com a repetição de informações afins. Caso não houvesse uma categorização, nada do que existe ao nosso redor faria sentido e, desta forma, não haveria pensamento.

Parafraseando as idéias do mesmo autor, o protótipo é o representante central de uma categoria X. Para que esse representante se torne central dentro de uma categoria, é necessário que ele possua todas as características necessárias a um elemento para pertencer a tal categoria. Os outros elementos que, por ventura, não possuam alguma ou algumas das características essenciais do protótipo são considerados periféricos e, portanto, colocados à margem da abrangência da categoria em questão. Em outras palavras, quanto menos características necessárias os elementos possuírem, mais periféricos serão.

É importante mencionar que o protótipo de uma categoria é estabelecido socialmente e, por isso, pode variar de cultura para cultura. As características necessárias a um elemento para pertencer a tal categoria são definidas de forma convencional pelos indivíduos de uma cultura específica. No entanto, a imagem mental de cada protótipo pode ser diferente entre os indivíduos e variar em aspectos tais como: tamanho, cor, formato e substância em alguns casos. Para melhor ilustrar o que foi mencionado, tomemos como exemplos os possíveis protótipos de ave construídos em uma sociedade como a brasileira e a da Antártida, por exemplo. Para

---

<sup>16</sup> “The second way in which stereotypes are important for conceptual structure is that they define normal expectations. Normal expectations play an important role in cognition, and they are required in order to characterize the meanings of certain words.” (Esta e todas as traduções sem referência são da autora).

os brasileiros, o representante central da categoria AVE seria um pássaro como um pardal ou um periquito, ambos animais que voam, têm penas, bico e põem ovos. Um pingüim, por outro lado, estaria mais afastado do centro por não apresentar características tais como: voar e ter penas, além de não ser uma ave típica do país. Dificilmente o pingüim seria o primeiro recurso mental de um falante brasileiro ao ouvir a palavra “ave”. No entanto, para as pessoas que vivem na Antártida, este esquema seria exatamente ao contrário: um pingüim seria, possivelmente, a ave mais prototípica por ser a mais comum da região. Por outro lado, a imagem mental que cada indivíduo constrói do protótipo pode variar quanto a cor, tamanho, peso etc.

Ainda em relação ao conceito de protótipo, Rosch (1978, apud Lakoff, 1987: 79) afirma que “os efeitos prototípicos são um fenômeno de superfície”<sup>17</sup>. Neste ponto do seu trabalho, Lakoff limita-se à citação e não esclarece o que seria “fenômeno de superfície”, entretanto, em *Introducción a la lingüística cognitiva*, por Cuenca e Hilferty (1999:36), os autores tratam com maior clareza e detalhe esta questão. Segundo eles, “para cada categoria construímos uma imagem mental que pode corresponder de forma mais ou menos exata a algum membro pertencente a uma categoria”<sup>18</sup>. Tal imagem pode se parecer com mais de um ou nenhum membro da categoria de forma concreta, ou seja, não é uma imagem fixa nem tão detalhada a ponto de representar um membro na sua forma real.

A teoria de categorização proposta por Lakoff (*op.cit.*) centraliza suas idéias nos aspectos experienciais do ser humano com o mundo a sua volta: a imagem mental, a memória, as funções sociais, as intenções humanas, tudo existe em função da interação do indivíduo com o mundo. “A linguagem é parte do mundo”<sup>19</sup> (Snell-Hornby, 1995:29) – esta noção é de suma importância para esta pesquisa e será retomada mais adiante – essa declaração representa o ponto de partida da visão que orientou a teoria de tradução baseada na análise lingüística.

Além da influência da categorização na construção das dicotomias, discutidas anteriormente, a noção de protótipo é uma ferramenta útil na categorização

---

<sup>17</sup> “Prototype effects are surface phenomena.”

<sup>18</sup> “Para cada categoria construímos uma imagem mental, que puede corresponderse de manera más o menos exacta con algún miembro existente de la categoría, com más de uno o com ninguno en concreto”.

<sup>19</sup> “Language is part of the world”.

de textos. Reiss (1971, apud Snell-Hornby, 1995:30) desenvolveu um estudo pioneiro com o intuito de estabelecer critérios objetivos para avaliar a qualidade das traduções.

A partir das três funções da linguagem (informativa, expressiva e apelativa<sup>20</sup>), Reiss (*op.cit.*) estabeleceu as dimensões da linguagem e os tipos de textos correspondentes. Sua divisão pode ser representada pelo diagrama a seguir<sup>21</sup>:

Quadro 01:

FUNÇÕES DA LINGUAGEM			
Função da linguagem	Representação	Expressão	Apelo
Dimensão da linguagem	lógica	estética	dialogica
Tipo de texto	informativo	expressivo	operacional

Com base nesse esquema, Reiss (apud Snell-Hornby, 1995:31) propõe um critério para tradução de acordo com a tipologia de texto. Segundo a autora, uma metáfora em um texto “expressivo”, por exemplo, deve ser traduzida por uma outra metáfora no TM, no entanto, isso não é necessário se o texto for do tipo “informativo”. Isso aconteceria porque, no texto expressivo, o mais importante é a forma, ou seja, a maneira como a informação é transmitida. No texto informativo, por sua vez, o mais importante é a informação e não a forma como é transmitida, conseqüentemente, sua linguagem deve ser a mais direta e literal possível.

A pesquisa de Reiss (*op.cit.*) foi criticada pelo seu caráter prescritivo que criava a ilusão de objetividade na tradução das teorias tradicionais. No entanto, foi um trabalho pioneiro que abordou a teoria da categorização quando os alicerces defendidos por Lakoff ainda começavam a serem construídos.

Naturalmente, a linguagem, em sua realização concreta no mundo não pode ser reduzida a um sistema estático de categorias claramente definidas (Snell-Hornby, 1995:31). Por outro lado, a noção de protótipo desenvolvida por Lakoff (1987) e Rosch (apud Lakoff, 1987) pode ser útil, não na avaliação ou prescrição de traduções, mas na construção de *corpora* para análise de estratégias de tradução à luz dos Estudos

<sup>20</sup> No original consta: “representation, expression and appeal”.

<sup>21</sup> O diagrama apresentado é uma adaptação do que foi mostrado por Reiss pois os termos constantes foram traduzidos neste trabalho.

Descritivos. Como mencionado anteriormente, a identificação de estratégias, e, conseqüentemente, o estabelecimento de normas, dá-se a partir da análise de textos de tipologias semelhantes, que podem ser agrupados com base na categorização de protótipos trabalhada pela lingüística cognitiva.

Até o momento, discutimos as teorias de tradução e os conceitos de fidelidade e equivalência trabalhados em cada uma delas. Também vimos que tais conceitos são categorizações cognitivas influenciadas pelo meio cultural em que se estabeleceram. A seguir, trataremos da tradução audiovisual e sua relação com os conceitos discutidos anteriormente.

## **1.2 A TRADUÇÃO AUDIOVISUAL: TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO**

A tradução audiovisual (TAV)<sup>22</sup> tem sido freqüentemente utilizada desde que a produção doméstica de filmes e programas televisivos passou a ser divulgada em países estrangeiros e disponibilizada para cegos e surdos. Nestes casos, as técnicas de TAV utilizadas são a dublagem, o *voice over*, a interpretação simultânea, a legenda aberta, a legenda fechada<sup>23</sup>, a audiodescrição<sup>24</sup> e a adaptação filmica.

Segundo Cintas (2005:03), a TAV passou a receber atenção de acadêmicos e profissionais da área para estudos sistemáticos somente a partir da década de 90. Até então, a TAV era ignorada como tradução por obedecer a limitações que alteravam o resultado final do texto traduzido, não sendo, portanto, considerada “tradução autêntica”. De acordo com o autor, o desenvolvimento tecnológico dos meios

---

<sup>22</sup> De acordo com Cintas (2005:03), a tradução audiovisual tem sido sistematicamente estudada por acadêmicos e profissionais da área desde a década de 90. Desde então, diferentes nomenclaturas têm sido propostas: tradução para a tela (*screen translation*), tradução de multimídia (*multimedia translation*) e tradução multidimensional (*multidimensional translation*). Neste trabalho, no entanto, adotaremos o termo tradução audiovisual por ser o mais difundido neste campo da tradução.

<sup>23</sup> Desde 1997, algumas emissoras brasileiras têm disponibilizado as legendas fechadas (*closed captions*) em alguns programas da televisão para surdos e pessoas com dificuldades auditivas. Entretanto, não serão consideradas para efeito de estudo nesta pesquisa por constituírem um tipo diferente das legendas abertas.

<sup>24</sup> Tradução oral de imagens para cegos.

audiovisuais nos últimos anos e a diversificação, cada vez maior, do público espectador têm contribuído para o crescente interesse pelos estudos nesta área.

Dentre as várias funções assumidas pela TAV nos meios de multimídia, oferecer a pessoas de diferentes países a oportunidade de assistir a filmes estrangeiros é uma de suas funções de destaque. Segundo Araújo (2004:161), ambas dublagem e legendagem são as técnicas de TAV mais comumente utilizadas no Brasil. Enquanto a primeira é preferencialmente usada em programas abertos da televisão e filmes destinados ao público infantil, a segunda é mais usada em programas de TV a cabo, no cinema, DVDs e em grande parte de filmes destinados a vídeo cassete. Por meio da legenda, o espectador ouve a voz do ator enquanto lê a tradução simultânea escrita na parte inferior da tela.

Gottlieb (1998:247) distingue lingüisticamente dois tipos de legenda: legenda intralingual e legenda interlingual. Enquanto o primeiro tem como foco a língua materna, oferecendo legendas de programas domésticos, filmes para surdos e pessoas com dificuldade auditiva, o segundo tipo, foco de nosso interesse neste trabalho, mostra a tradução do texto falado em uma língua para o texto escrito em outra língua diferente. De acordo com autor (Gottlieb, 1998:247), as “legendas [...] são transcrições de um filme ou diálogos de TV apresentados simultaneamente na tela”<sup>25</sup>.

Ao tratar a respeito de fala e escrita, Marcuschi (2001) menciona duas operações distintas: a transcrição e a retextualização. Transcrever a fala seria passar um texto de sua realização sonora para uma forma gráfica com base em uma série de procedimentos convencionalizados. As mudanças que por ventura ocorram durante o processo devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo.

Tal procedimento não se aplica às legendas, porque as legendas possuem uma limitação de tempo e espaço que não permite uma tentativa de transcrição. Qualquer tentativa nesse intuito ocasionaria um descompasso entre imagens, falas e legendas no filme. A idéia de transcrição também não se aplica nas legendas interlinguais, objeto de estudo desta pesquisa, porque elas envolvem a adaptação

---

<sup>25</sup> “Subtitles (...) are transcriptions of a film ou TV dialogues presented simultaneously on the screen”.

escrita em uma segunda língua, diferente daquela utilizada nos diálogos pelos personagens.

A retextualização, por outro lado, apresenta interferência maior e mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem. Segundo Marcuschi (*op.cit.*), a relação oral-escrito é afetada, levando-se em consideração quatro parâmetros de análise, a saber: forma e substância; conteúdo e expressão<sup>26</sup>. O que ocorre na retextualização é, na realidade, uma transcodificação, isto é, uma mudança nos códigos envolvidos na relação oral-escrito. No nível da substância da expressão, por exemplo, a correspondência entre letra e som é afetada; no nível da forma da expressão, há a distinção entre signos falados (fonemas e sua pronúncia) e signos escritos (grafema); já no nível da forma do conteúdo, a interferência ocorre entre as unidades significantes orais e suas correspondentes unidades significantes na escrita; e, finalmente, no nível da substância do conteúdo, a questão pragmática das realizações lingüísticas pode variar.

Em relação às legendas, acreditamos que esses mesmos parâmetros de análise, apresentados por Marcuschi (2001), também influenciem a relação oral-escrito durante o processo de tradução. Isso porque nas legendas há uma interferência na correspondência entre letra e som, entre signos falados e signos escritos, entre unidades significantes do oral e do escrito e entre as questões pragmáticas das realizações lingüísticas da oralidade e da escrita.

Baseando-nos nesses argumentos, discordamos do termo “transcrição” utilizado por Gottlieb (1998:247), pois acreditamos que tal definição não se aplica às legendas. Por esta razão, optamos pela definição de Araújo (2000:54). De acordo com a autora, a legenda é o produto final da “tradução em forma de texto escrito dos diálogos de um filme ou programa de TV, apresentada simultaneamente com o original”. Em outras palavras, a legenda é a “transcodificação” de um texto oral para um texto escrito que aparece concomitantemente com as cenas do filme e acompanhando as falas dos personagens. Além disso, Rosa (2001:213) lembra que a legendagem é uma tradução intersemiótica porque transfere para a linguagem escrita

---

<sup>26</sup> Esses parâmetros apresentados por Marcuschi são baseados nos trabalhos da lingüista francesa Rey-Debove, de 1996.

no TM aquilo que, na maioria dos casos, é envolvido pela comunicação oral: a mudança do meio – a passagem da fala e dos gestos, ambos visuais e audíveis, para a escrita; a mudança do canal – do auditivo vocal para o visual; mudança na forma dos signos – do fônico para o gráfico; e, finalmente, a mudança no código – passa da linguagem verbal e não-verbal para a linguagem escrita.

Resumindo, do ponto de vista lingüístico, podemos dizer que as legendas são o resultado de uma retextualização, ou transcodificação, e do ponto de vista tradutório, as legendas são resultado de um processo intersemiótico.

As legendas da TAV, normalmente, consistem de uma ou duas linhas. A linha possui, no máximo 35 caracteres e permanece entre 1,5 e 2,5 segundos na tela (Gottlieb, 1998:247). Esta limitação de tempo e espaço, por vezes, faz com que o tradutor exclua expressões que julgue “desnecessárias”, a fim de que a legenda acompanhe o ritmo da fala do ator e das passagens de uma cena à outra. O número de caracteres e o tempo de permanência das legendas na tela, mencionados por Gottlieb (*op.cit.*), podem variar dependendo do laboratório que realiza a tradução. Tais aspectos também podem variar dependendo do meio audiovisual utilizado para a exibição do texto traduzido. No caso do DVD, por exemplo, as legendas podem permanecer até 4 segundos na tela e exibir uma legenda de duas linhas com até 64 caracteres.

Além dos aspectos técnicos acima mencionados, os quais proporcionam mais ou menos tempo e espaço para as traduções, os aspectos culturais de cada país também influenciam as estratégias de tradução utilizadas nas legendas. Em virtude da variação cultural entre alguns países, estudos têm sido realizados com o propósito de identificar as estratégias utilizadas na tradução para as legendas.

### 1.2.1 A TRADUÇÃO PARA LEGENDAS NA EUROPA

Em relação aos aspectos técnicos no processo de legendagem, existem diferenças entre sua produção no Brasil e na Europa. Segundo Araújo (2000:57), no continente europeu, o processo de legendagem é realizado da seguinte forma: primeiro, é feito o registro de informações a respeito do filme a ser legendado em uma folha de

papel ou disquete. As informações dizem respeito ao título, à data da legendagem, o distribuidor etc. A seguir, examina-se a fita de vídeo com a qual se realizará o trabalho de tradução. Logo após, o filme é copiado para a fita examinada já com o *time code*.<sup>27</sup> Feito isto, passa-se para a marcação do filme, determinando-se o momento em que cada legenda deve aparecer e desaparecer. Após o processo de tradução, adaptação e confecção das legendas, o texto é transferido para um disquete ou software onde é feita a revisão e as correções necessárias. Caso sejam aprovadas pelo cliente, as legendas estarão prontas para o público por ocasião da exibição do filme.

Os passos mencionados por Araújo (*op.cit.*) são uma breve explanação do que acontece no processo de legendagem europeu. Em seu trabalho sobre a legendagem na Europa, Cintas (2003:75) detalha o processo em dezoito passos entre a contratação do serviço e a exibição do produto final, portanto, maiores detalhes podem ser apreciados em sua obra.

Em relação às estratégias de tradução utilizadas nas legendas, não podemos generalizar, uma vez que cada país possui suas preferências individuais em relação às legendas. Todavia, para oferecermos uma noção das estratégias utilizadas, apontamos algumas pesquisas realizadas nesta área.

Plouïdy e Ashour (2005:30) fazem um estudo a respeito das legendas de filmes americanos na Suíça. Devido ao multilingüismo do país, as legendas são apresentadas em duas línguas diferentes: a primeira linha mostra a tradução em alemão, ao passo que a segunda exhibe a tradução em francês. Para isto, dois tradutores realizam a atividade tradutória, e, por esse motivo, um tradutor depende do trabalho do outro, a fim de que não haja discrepâncias entre um e outro idioma. Segundo as autoras, como os espectadores dos filmes americanos legendados, geralmente, conhecem a língua inglesa e utilizam as legendas apenas como um apoio para compreender as situações e não como uma transcrição completa dos diálogos do filme, as legendas podem ser mais condensadas e ocupar menos espaço na tela. Quanto ao tipo de linguagem utilizada, as legendas suíças tendem a refletir o estilo da linguagem falada no filme. Desta forma, o registro lingüístico utilizado pelos personagens é o

---

<sup>27</sup> Marcação do tempo em que cada legenda deve aparecer e desaparecer.

padrão que orienta os tradutores na decisão de como traduzir palavrões e gírias e determina o grau de vulgaridade a ser empregado nas legendas.

Nikolić (2005:33) expõe diferença entre os programas legendados na televisão popular e nos canais privados de TV a cabo exibidos na Croácia. O autor aproveita sua experiência com legendador (tradutor) e legendista (profissional que grava as legendas no filme) no país para fazer um estudo a respeito dos tipos de linguagem utilizados nas legendas croatas. Segundo ele, embora a televisão popular e a televisão privada pareçam a mesma coisa para o espectador, elas são bastante diferentes:

A TV popular tem a função de educar, informar, promover a cultura e a variação de grupos na sociedade. A língua Croata padrão deve ser utilizada e as variações regionais devem ser evitadas sempre que possível, inclusive nas legendas. Já os canais privados da televisão [...] não dão muita atenção à linguagem padrão, pois seu principal objetivo é obter lucro<sup>28</sup> (Nikolić, 2005:34).

Na Croácia, o tradutor que trabalha para os canais pagos não precisa se preocupar em seguir as regras da linguagem padrão exigida nas legendas da televisão popular. A “linguagem comum das ruas” pode ser utilizada sem nenhum problema. Por outro lado, os tradutores contratados pela televisão popular precisam se preocupar em resolver problemas como: utilizar a língua padrão com toda a delicadeza possível e substituir palavras e expressões consideradas ofensivas mesmo que o filme exija o uso de tais expressões. Essa experiência vivida pelos tradutores em canais pagos da TV croata, leva-nos aos seguintes questionamentos: o registro lingüístico coloquial utilizado nas legendas poderia, de alguma forma, ser justificado pela informalidade profissional deste meio? Ou há alguma influência cultural motivando o registro informal da língua nas legendas? Acreditamos que tal recurso seja resultado da influência cultural exercida sobre os processos tradutórios naquele país.

Fenômeno semelhante ao da Croácia acontece em Portugal. Rosa (2001:113) constata que a linguagem formal é o padrão lingüístico utilizado nas

---

<sup>28</sup> “Public television must educate, inform, promote culture and various groups in society. The language used should be standard Croatian and regional variations should not be used unless necessary, therefore in subtitling as well. Commercial TV stations (...) do not pay much attention to the standard of the language. The primary goal of these stations is to make a profit”.

legendas dos programas e filmes portugueses. Os sistemas de televisão, principalmente dos canais populares, exigem o uso da língua portuguesa gramaticalmente correta e o corte de marcas regionais e expressões consideradas tabu pela sociedade. Segundo a autora:

Essa escolha causa alguns problemas, os quais resultam do modo como os falantes nativos valorizam as características dessas duas modalidades – oral e escrito – e as características de seus respectivos registros lingüísticos. A atitude dos falantes nativos organiza as variações de sua língua materna de tal forma que o centro de maior prestígio é reservado à língua padrão, à língua formal *escrita*<sup>29</sup>(Rosa, 2001:215).

Como podemos observar neste caso, a estratégia utilizada na tradução de legendas é reflexo da preferência dos próprios espectadores, não uma simples imposição dos contratantes da tradução (fato que ocorre no Brasil, como veremos a seguir). A autora ainda ressalta que esta preferência pode ser resultado de uma motivação inconsciente e, portanto, motivada socialmente.

Até este momento, apresentamos e discutimos a respeito da tradução para as legendas em alguns países da Europa. Por meio das pesquisas mostradas, foi possível verificar o tipo de linguagem utilizada nas legendas de filmes em cada país e alguns dos fatores que influenciam tal escolha. No próximo tópico, tratamos do processo de legendagem no Brasil e os aspectos envolvidos durante a tradução.

### 1.2.2 A TRADUÇÃO PARA LEGENDAS NO BRASIL

No Brasil, estudos sistemáticos em TAV têm sido realizados por Araújo. A autora (2004:161) aborda a questão da falta de naturalidade na tradução de clichês, responsabilizando, em parte, as companhias legendadoras brasileiras que, normalmente, não disponibilizam ao tradutor o *software* de legendagem<sup>30</sup>. O tradutor

---

<sup>29</sup> “This choice also poses a few problems rising from the way native speakers value the characteristics of these two media – speech and writing – and those of their respective registers. The attitudes of native speakers organise the different varieties of their mother tongue in a centre of prestige mostly occupied by standard, formal *written* language”.

<sup>30</sup> Digo “normalmente” porque em alguns casos, especialmente quando se trata de um tradutor mais conceituado, a companhia dispensa os outros profissionais e permite que o tradutor trabalhe no *software* oficial (Araújo, na

faz o seu trabalho em um programa, similar ao oficial, com o mesmo tamanho e tipo de letra em um formato aproximado ao programa de legendagem. No entanto, a edição oficial da legenda é feita por um outro profissional não tradutor e, na maioria dos casos, desconhecedor da língua estrangeira, autorizado a fazer mudanças em qualquer expressão que por acaso não se adeque às especificações do programa estabelecidas pelos contratantes da tradução.

Além desses problemas técnicos de legendagem, Araújo (*op.cit.*) relata que, ao investigar a tradução de clichês do inglês americano para o português do Brasil em cinco filmes dublados e legendados, verificou serem mais freqüentemente utilizadas as seguintes estratégias:

- a) a criação de expressões gramaticalmente corretas, as quais não soam naturais em português; b) a tradução de clichês em expressões que não são clichês no português do Brasil; c) a suavização de palavras consideradas palavrões; d) o uso da linguagem formal na legendagem, o que não adequa o aspecto oral de um filme<sup>31</sup> (Araújo, 2004:166).

Uma questão envolvida nas legendas brasileiras, que acontece de forma semelhante em Portugal, é que, tratando-se da adaptação da modalidade oral para a modalidade escrita, a norma culta padrão é requerida nas traduções, independentemente do tipo de filme. Conforme Araújo (2004:162), isto é imperativo porque “a legenda é exibida em forma de linguagem escrita, o que faz os profissionais envolvidos acreditarem que ela deve seguir as mesmas regras da linguagem escrita”<sup>32</sup>. Entretanto, mesmo que os tradutores não pensassem dessa forma, seria “difícil convencer distribuidores e companhias legendadoras de que a linguagem usada para a tradução de um filme é a coloquial”<sup>33</sup>.

---

disciplina de Tópicos Especiais em Tradução, Lexicologia e/ou Processamento da Linguagem – Tradução Audiovisual, CMLA, 2006.1)

<sup>31</sup> “a) the creation of grammatically correct expressions, which do not sound nativelike in Portuguese; b) the translations of clichés into some expressions that are not clichés in Brazilian Portuguese; c) the minimisation of taboo words; d) the use of formal language in subtitling, which does not suit the oral aspect of a film dialogue.”

<sup>32</sup> “(...) subtitling is exhibited in the form of written language, which makes the professionals involved believe that it must follow the same rules of written language”.

<sup>33</sup> “(...) it is hard to convince distributors and subtitling companies that the language used to translate a film is usually colloquial”.

Ao utilizar a linguagem formal na tradução para as legendas, os tradutores estão sendo fiéis segundo a concepção de Lefevere, pois a fidelidade, para o autor, também se baseia em atender àquilo que querem os que subsidiam suas traduções. Dessa forma, a tradução pode não ser fiel ao “texto original”, mas o é em relação à cultura de chegada, ou seja, à cultura brasileira.

Quanto ao processo de legendagem, é interessante observar que as exigências daqueles que subsidiam as traduções se identificam, até certo ponto, com as expectativas dos indivíduos que receberão o produto final traduzido. Isto é, os subsidiários exigem o uso de certos padrões procurando atender às exigências dos espectadores. A linguagem formal, por exemplo, é usada nas legendas porque os espectadores esperam que a tradução escrita apresentada seja exibida dessa forma, do contrário, elas poderiam causar estranheza ao público e, conseqüentemente, uma rejeição ao produto vendido, o filme.

Ora, se a linguagem formal é uma estratégia exigida pelos contratantes e esperada pelos espectadores na tradução das legendas, podemos dizer que ela é uma prática social, comum aos indivíduos da cultura brasileira. Sendo a legenda um texto escrito, acreditamos que o uso da linguagem formal esteja relacionado a uma crença, cultivada socialmente, para a língua escrita, ou seja, à crença de que o texto escrito deva sempre seguir à norma culta da língua.

A crença é um fenômeno aprendido socialmente, compartilhado pelos sujeitos de um grupo e acionada automaticamente pela mente do sujeito sempre que este se depara com o objeto central dessa crença. Em relação à linguagem formal, não é necessário que ninguém fique lembrando o falante dos valores sociais que ela representa, pois os conceitos, crenças e valores relacionados a esse tipo de linguagem emergem na mente do indivíduo sempre que ele se encontrar em qualquer situação em que a linguagem formal seja usada, ou se espere que ela seja utilizada.

Assim, acreditamos em uma possível relação da formalidade da língua e a escrita com a metáfora conceitual e com os modelos cognitivos idealizados propostos pela Lingüística Cognitiva, discussão que retomaremos oportunamente. A seguir, apresentamos a respeito das unidades fraseológicas e dos clichês, expressões

particulares a determinada cultura, que trazem dificuldades aos tradutores brasileiros, especialmente aqueles usados em situações informais.

#### 1.2.2.2 A tradução de fraseologismos e clichês: a necessidade de adequação cultural

A necessidade de se utilizar a linguagem formal nas legendas aumenta ainda mais os desafios a serem superados pelo tradutor durante o processo. Isso porque os filmes norte-americanos comumente apresentam personagens vivendo o dia-a-dia de pessoas comuns utilizando uma linguagem cotidiana. Este tipo de linguagem é impregnado do que, neste trabalho, designaremos “fraseologismos” e “clichês”.

Conforme Gurillo (1997:14), os fraseologismos são combinações fixas de palavras que apresentam um certo grau de rigidez e, eventualmente, idiomaticidade. Eventualmente, porque os fraseologismos, ou “unidades fraseológicas”, não são necessariamente idiomáticos, contudo, são obrigatoriamente fixos. Essa rigidez de estrutura é em demasia forte e essencial aos fraseologismos que são, freqüentemente, descritos da mesma forma que as palavras, isto é, como unidades do vocabulário com significados mais abrangentes do que os de seus constituintes básicos. O termo em questão abrange combinações lingüísticas tais como “modismos, locuções, provérbios, refrões e fórmulas situacionais”<sup>34</sup> (ou clichês).

Os fraseologismos são unidades complexas e irregulares da língua que não correspondem aos processos sistemáticos presentes em outras unidades lingüísticas. No entanto, devido a sua freqüência de uso entre os usuários da língua, tais expressões devem ser estudadas como um fenômeno lingüístico detentor de suas próprias regras.

Outra particularidade das unidades fraseológicas é que elas poupam o falante de ter que elaborar improvisações durante a fala. Seus componentes não se combinam simultaneamente com os diálogos de uma conversa, são, antes de tudo, estruturas que se encontram previamente estabelecidas na mente do falante. A combinação dessas expressões tem sua origem na tradição. Elas são aprendidas culturalmente por meio de repetição e usadas sob condições específicas.

---

<sup>34</sup> “... modismo, locución, frase proverbial, refrán y fórmula pragmática”.

De acordo com Isačenko (1948, apud Gurillo, 1997:57), os fraseologismos são constituídos de “clichês frásticos” (*clichês-phrases*) e “clichês de réplica” (*clichês-répliques*). Estes pressupõem uma resposta ao interlocutor enquanto aqueles incluem os provérbios, as gírias, expressões de estilísticas etc.

Considerando parte constituinte das unidades fraseológicas, os clichês são expressões particulares a um certo idioma ou cultura. Estas expressões são comumente encontradas na linguagem oral, e podem receber diferentes nomenclaturas: Tagnin (1989:57-58) denomina-os *fórmulas situacionais*; Lindenfeld (1993:151) define-os como *rotinas lingüísticas*; para Coulmas (1979:239), são *fórmulas de rotina* (*routine formulae*); nos textos de Benda (1981:31), aparecem como *expressões estereotipadas* (*stereotyped expressions*), porém “clichês” é como essas expressões são mais conhecidas e, portanto, esta será a forma como as denominamos em toda a pesquisa.

Tagnin (2005:76) lembra que clichê é um termo pejorativo, por isso deve ser evitado quando em referência às fórmulas situacionais, porém, ressalta a importância destas expressões na comunicação social e a necessidade de se evitar uma atitude preconceituosa em relação a todo tipo de expressão fixa e consagrada pelo uso. Para a autora (*op.cit.*), os clichês são expressões permanentes que envolvem desde formas de polidez a provérbio, citações e fórmulas de rotina. Contudo, alguns deles estão longe de seguirem regras gramaticais – alguns exemplos são as expressões em Português “me deixa em paz” ou “te vejo depois”, e ainda a expressão *I ain't talkin' to you* em inglês.

Araújo (2004:162) menciona que os clichês “são expressões que perderam seu sentido original e passaram a representar uma função social na comunicação e interação pessoal”<sup>35</sup>. A autora cita como exemplo o clichê inglês *God bless his soul* cujo significado original era pedir a Deus que abençoasse a alma de alguém. Atualmente, esse significado praticamente desapareceu. Ao usar essa expressão, as pessoas normalmente se referem a alguém que já morreu. No Brasil, entretanto, a expressão *Que Deus o abençoe* ainda mantém o sentido original, quando usada por pessoas mais velhas e cristãs aoabençoar, em nome de Deus, a vida de uma criança ou mesmo de um adulto que tenha pedido a bênção. Um tradutor menos atento às funções sociais envolvidas no uso dos clichês, poderia deixar-se levar pela correspondência

---

<sup>35</sup> “Have lost their original meaning, acquiring a function in social interactions and communication”.

formal aparentemente semelhante entre as duas expressões. Neste caso, o clichê inglês seria traduzido por uma expressão não clichê em português, uma vez que as duas expressões apresentam sentidos distintos. O clichê português usado em situações semelhantes ao clichê *God bless his soul* seria “Que Deus o tenha”.

Nos exemplos anteriormente citados, o uso de clichês está intimamente ligado a situações sociais específicas e o seu significado condicionado por aspectos pragmáticos. A expressão “Tudo azul” em português, por exemplo, é um clichê usado para dizer que tudo vai bem na vida de alguém, que está muito feliz e sem problemas. No entanto, o clichê *To be blue* em inglês é usado para expressar a idéia completamente diferente da primeira. Ela transmite a idéia de que alguém está deprimido, triste, “pra baixo”. Nesse caso, deparamo-nos novamente com a aparente correspondência entre expressões semelhantes, porém portadoras de sentidos semânticos particulares.

Alguns dos palavrões, por exemplo, podem ser entendidos como clichês de raiva<sup>36</sup>, pois são proferidos pelos falantes em situações de extrema irritação e indignação. Por vezes, são utilizados com a intenção de ofender aquele ou aquela a quem é dirigido, “filho-da-puta”, em outras, dizem respeito à própria situação “que droga”, ou são usados, simplesmente, como forma de extravasar a raiva “porra”.

Os palavrões são considerados clichês porque, além de serem expressões próprias de uma cultura, perderam o sentido original para o qual eram usados no passado. Ao xingar alguém, o falante não está de fato transportado o sentido literal do palavrão para a pessoa. Sua intenção primeira é ofender a outra pessoa e, também, extravasar sua raiva e não compará-lo ou compará-la à coisa em si. Por exemplo, quando um indivíduo A chama B de “filho-da-puta”, não está querendo ofender a mãe de B, mas ofender B. Assim, quando alguém chama outrem de “cadela” não está lembrando do animal, feminino de “cachorro”. A real intenção é que a outra pessoa se sinta ofendida e quem conferiu o palavrão se sinta aliviado(a) em sua raiva.

Da mesma forma que outros tipos de clichê, os clichês de raiva exigem uma condição pragmática específica para serem usados, ou seja, não podem ser usados por

---

<sup>36</sup> Referimo-nos a alguns dos palavrões como clichês de raiva porque os palavrões também podem ser utilizados para expressar uma imensa alegria ou satisfação.

qualquer pessoa, nem ditos a qualquer pessoa tampouco em uma situação qualquer. No capítulo 2, a seguir, mostramos que a sociedade é, normalmente, intolerante quanto ao uso de clichês de raiva, ou palavrões, no entanto, eles podem ser utilizados, sob certas circunstâncias, pelos adolescentes. Mostramos também que os palavrões são usados, normalmente, entre amigos e em situações informais.

Outro exemplo de clichê bastante interessante é mostrado por Coulmas (1979:253), em que os falantes da língua inglesa tendem a dizer *Bless you!* sempre que alguém espirra. Os japoneses, entretanto, tendem a ignorar o espirro e não mencionam nada a respeito. Sendo assim, o que seria mais apropriado na tradução de um filme japonês, que apresentasse a situação mencionada para legendas em inglês: apresentar a expressão *Bless you!* e fugir à sincronia entre fala e texto escrito, típica das legendas; ou não exibir expressão alguma e correr o risco de que o espectador obtenha uma visão equivocada a respeito dos japoneses, fazendo-os parecer um povo rude e mal educado?

O exemplo apresentado por Coulmas (*op.cit.*) deixa bastante clara a influência dos aspectos sócio-culturais nos clichês e ainda refere-se ao fato de que os falantes nativos de um idioma dominam eficazmente o uso dos clichês. Isto é tão claro que chegam a usá-los quase que automaticamente, não precisam parar para refletir sobre seus significados ou para pensar em qual vão usar durante a conversa. A esse respeito, Coulmas menciona que:

Para todo falante nativo de uma língua as condições de uso das FRs [*Fórmulas de Rotina*] parecem ser bastante simples e evidente [...] FRs são conceitualizadas como estruturas porque são entendidas como parte de estruturas<sup>37</sup>(Coulmas, 1979:253).

Em outras palavras, o falante sabe exatamente em que situação usar um clichê. Conhece também a combinação dos fatores para os quais o uso do clichê é adequado ou inadmissível, ou se é apropriado em uma determinada comunidade. Todos esses aspectos envolvendo o uso de clichês são acionados inconscientemente pelo falante devido ao sistema conceitual em sua mente. Esse sistema é resultado das

---

<sup>37</sup> “For every native speaker of a language the conditions of use of its RFs [*Routine Formulae*] seem quite simple and obvious...RFs are analyzable in terms of frames because they are understood as parts of frames”.

experiências vividas pelo indivíduo em interação com o ambiente físico e cultural onde vive.

De acordo com Araújo (2000:20), os clichês se tornam parte da tradição cultural de um povo porque “englobam as experiências e observações das gerações passadas, antes vigorosas, engenhosas e originais, mas que depois foram se tornando velhas e usadas por meio do uso repetitivo”. Por meio desta declaração, é possível constatar que os clichês são resultado da interação dos falantes com o meio físico e cultural em que vivem, são convencionalizados via repetição e conceitualizados cognitivamente, o que permite sua ativação inconsciente durante uma conversa.

Firmados nestes aspectos, é possível relacionar a estrutura e o uso dos clichês à organização cognitiva existente na mente de cada falante. Em seu estudo envolvendo a metáfora cognitiva, Lakoff & Turner (apud Lima, 2003:157) afirmam que várias palavras e expressões idiomáticas dependem da metáfora conceitual para serem compreendidas durante uma conversa. Isto porque o sistema conceitual humano, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais. Essas metáforas são sistemáticas, inconscientes e altamente convencionais na língua.

A partir do estudo de Lakoff & Turner (apud Lima, 2003), não podemos afirmar categoricamente que os clichês dependam das metáforas conceituais para sua manifestação na linguagem ordinária, pois sua pesquisa diz respeito às expressões idiomáticas e não aos clichês. Além disso, não foi encontrada nenhuma pesquisa que confirme tal suposição, tampouco, é este o objetivo desta pesquisa. Todavia, acreditamos que, dadas as suas características, os clichês tenham alguma relação com o sistema conceitual humano e que sejam motivados por algum aspecto da categorização humana (tratado no item 1.1.3) ou pressuposto da Lingüística Cognitiva.

Neste capítulo, discutimos algumas das teorias de tradução e os conceitos de fidelidade e equivalência trabalhados em cada uma. Também abordamos a influência desses conceitos na tradução audiovisual, particularmente na legendagem. Além disso, tratamos das estratégias frequentemente utilizadas na tradução das legendas brasileiras,

especialmente a linguagem formal, e sua motivação sócio-cultural. O uso da linguagem formal nas legendas causa dificuldades aos tradutores, especialmente, quando encontram expressões particulares à cultura do texto fonte, fraseologismos e clichês, que muitas vezes não obedecem à norma padrão da língua. Como exemplo de expressões que não obedecem à norma culta da língua, apresentamos os clichês de raiva, ou palavrões, os quais são normalmente rejeitados pelos falantes e considerados tabu no meio social.

O uso da linguagem formal e de tais expressões parece ser motivado cognitivamente e influenciado por aspectos sócio-culturais. Em decorrência disto, trataremos, no capítulo seguinte, da metáfora cognitiva e dos modelos cognitivos idealizados, ambos pressupostos da Linguística Cognitiva desenvolvidos por Lakoff & Johnson (2002). A metáfora cognitiva é responsável pela produção grande parte das expressões que utilizamos diariamente. Ela também influencia na construção dos modelos cognitivos, responsáveis pela categorização das crenças valorizadas socialmente por um grupo de falantes. Acreditamos que o uso da linguagem formal nas legendas seja resultado da influência desses modelos em relação ao que entendemos por escrita e linguagem formal e à valorização que dispensamos socialmente a cada uma.

## **2. COGNIÇÃO E LINGUAGEM: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS**

Neste capítulo, apresentamos um breve relato a respeito da metáfora cognitiva e sua influência na linguagem usada pelos falantes em conversas comuns do dia-a-dia. Além de apresentar relação direta com a linguagem e a forma como a compreendemos, a metáfora também atua na categorização de conceitos construídos socialmente, os modelos cognitivos idealizados. Acreditamos que tais modelos influenciem as estratégias utilizadas na tradução para legendas: o uso da linguagem formal e a suavização ou corte dos clichês de raiva, ou palavrões.

Este capítulo está dividido em quatro partes: na primeira, encontra-se resumida a teoria da metáfora conceitual, ou metáfora cognitiva, desenvolvida por Lakoff & Johnson; na segunda, resumimos a metáfora estudada por Reddy, a metáfora do canal, a qual, de acordo com o autor, é responsável pelas expressões usadas pelos falantes relacionadas à forma como eles entendem a comunicação. Na terceira parte, tratamos dos modelos cognitivos idealizados e sua influência nas crenças sociais em relação à linguagem formal e à escrita. Na quarta e última parte, apresentamos uma proposta de modelos cognitivos idealizados para a linguagem formal, a escrita e os clichês de raiva, construídos a partir de um experimento realizado com falantes nativos da língua portuguesa.

### **2.1 A METÁFORA COGNITIVA E SUA INFLUÊNCIA NA LINGUAGEM DO DIA-A-DIA**

“No princípio era a metáfora, e a metáfora estava na poesia, e a metáfora era a poesia”. É assim que Lima (2003:155) inicia seu trabalho com o intuito de mostrar que a metáfora foi tratada, durante séculos, como um elemento do discurso com fins

retóricos ou literários. O estudo da metáfora via Lingüística Cognitiva desfez, ao longo dos últimos 20 anos, a crença de que a metáfora seria um recurso lingüístico próprio das poesias e dos textos literários. Essa crença deriva do pensamento de que a poesia é sentimento e, por isso, procede do coração. Ora, se a poesia tem origem no coração, ela não pode estar na mente, pois a mente é guarida da razão e, portanto, literal e sem qualquer relação com o metafórico. De acordo com Lima (*op.cit.*), a visão tradicionalista defende uma distinção entre a linguagem poética e a linguagem comum. Esta seria a linguagem racional, ordinária, de todos, sem qualquer intimidade em relação à metáfora. A linguagem poética, em contrapartida, ocuparia lugar de primazia, em relação à anterior, por ser vista como um dom particular, reservado a poucos, aptos a utilizar a metáfora com total propriedade.

Diferentemente da teoria tradicional, a visão cognitiva mostra que “a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas um mapeamento mental específico que influencia grande parte a maneira como as pessoas pensam, raciocinam e imaginam na vida diária”<sup>38</sup> (Lakoff & Johnson, apud Gibbs 1997:145). Assim, a metáfora passou a ocupar um espaço de grande relevância nos estudos lingüísticos da cognição e a contribuir para pesquisas e discussões na área.

Gibbs (1997) explora as implicações oriundas da afirmativa de que a metáfora é conceitual. Segundo o autor, os pesquisadores e estudiosos da metáfora cognitiva afirmam que os mapeamentos metafóricos estão representados na mente dos falantes de uma determinada língua. A partir disto, o autor passa a discutir a metáfora e sua relação com o pensamento como teias cognitivas que se estendem além das mentes dos indivíduos, manifestando-se no mundo cultural.

Para Gibbs (*op.cit.*), o pensamento metafórico e a linguagem fazem parte do mundo cultural da mesma forma que fazem parte da mente humana. Ambos são influenciados e/ou moldados tanto por aspectos internos quanto externos ao ser humano, ou seja, as experiências corpóreas do indivíduo com o mundo exterior também contribuem para a constituição da metáfora conceitual e sua manifestação na linguagem. Quanto a isso, o autor enfatiza que:

---

<sup>38</sup> “Metaphor is not merely a figure of speech, but is a specific mental mapping that influences a good deal of how people think, reason, and imagine in everyday life”.

Não se pode falar sobre ou estudar cognição sem considerar nossas interações corporais com o mundo, em que os aspectos físico e cultural são indissociáveis, porquanto aquilo que percebemos de importante e significativo no mundo é limitado pelos nossos valores e nossas crenças culturais (Gibbs, 1997:153).<sup>39</sup>

Este pensamento combate a idéia de que as metáforas conceituais existiriam previamente na mente humana, independentemente da interação do indivíduo com o mundo exterior. Ao contrário, as experiências vividas no mundo físico junto às crenças culturais de um grupo ou sociedade estão estreitamente relacionadas à cognição. Segundo o autor, cognição e cultura são tão inseparáveis quanto mente, corpo e mundo. Neste caso, cultura e mundo constituem os elementos externos à mente humana também importantes na emergência da metáfora conceitual.

Para apoiar a idéia de que a metáfora não é uma propriedade pré-existente na mente humana independente do mundo externo, Gibbs (1997:157) menciona um estudo feito com crianças asiáticas e americanas. Na Ásia, as crianças aprendem operações aritméticas utilizando um ábaco como material de apoio. Por ocasião da pesquisa, solicitou-se às crianças que realizassem operações aritméticas mentalmente. O pesquisador observou que, durante o desenvolvimento das operações, elas seguiam os mesmos procedimentos realizados quando utilizavam o ábaco. As crianças americanas que, por outro lado, aprendem aritmética utilizando lápis e papel, apresentaram uma performance mental como se calculassem utilizando lápis e papel. Até mesmo os erros cometidos pelas crianças de ambos os países foram semelhantes aos perpetrados utilizando seu material de apoio. Com este exemplo, Gibbs tenta mostrar que a cognição é fortemente influenciada pelo mundo externo.

Além da influência exercida pelo mundo externo na emergência da metáfora conceitual, Lakoff & Johnson (apud Lima, 2003:159) lembram que os conceitos também são “resultado da forma como o cérebro e o corpo são estruturados”, ou seja, grande parte das metáforas conceituais emerge no nosso sistema cognitivo pelo fato de termos um corpo como o que temos. As metáforas orientacionais – ALEGRIA É

---

<sup>39</sup> “One cannot talk about, or study, cognition apart from our specific embodied interactions with the cultural world (and this includes the physical world which is not separate from the cultural one in the important sense that what we see as meaningful in the physical world is highly constrained by our cultural beliefs and values)”.

PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO – por exemplo, são conceitualizadas devido aos movimentos que fazemos com o nosso corpo, como ficar em pé, deitar para descansar e dormir etc. Daí existirem manifestações lingüísticas do tipo: “Hoje estou me sentindo pra cima”, “Estou na fossa” e “Ele está completamente pra baixo” (Lima, 2003:158). Expressões como estas têm sua origem nas experiências sensório-motoras humanas ou na interação de experiências corpóreas e aspectos culturais valorizados socialmente.

De acordo com Lima (*op.cit.*), as metáforas que emergem com base em experiências diretas (como as experiências sensório-motoras) e relações cognitivas básicas, “com pouca ou quase nenhuma influência cultural, são chamadas de metáforas primárias”. Como as *metáforas primárias* praticamente não sofrem influência cultural e, partem de experiências universais, deve haver grandes semelhanças em suas manifestações nas várias línguas. As metáforas primárias podem se unificar sob circunstâncias de base cultural e *metáforas compostas*, que por serem motivadas culturalmente, devem manifestar-se de forma variada nas diversas línguas.

Na conceitualização da metáfora usamos mapeamentos entre domínios conceituais, ou seja, “levamos de um domínio para outro nossos extensos conhecimentos sobre o domínio-fonte e todas as inferências que podemos fazer nesse domínio para o domínio-alvo”(Lima, 2003:160) e representamos esses mapeamentos metafóricos na estrutura DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, em caixa alta. Por exemplo, nas metáforas DIFICULDADES SÃO PESOS, ALEGRIA É PRA CIMA, TRISTEZA É PRA BAIXO, DESEJAR É TER FOME e ANALISAR É CORTAR, os termos DIFICULDADES, ALEGRIA, TRISTEZA, DESEJAR e ANALISAR são domínios-alvo, enquanto PESOS, PRA CIMA, PRA BAIXO, TER FOME e CORTAR são domínios-fonte. Quanto às características desses domínios, Lima (*op.cit.*) coloca que:

Enquanto o domínio-fonte é mais concreto, no sentido de ser uma experiência mais física, mais consciente, o domínio-alvo é mais abstrato, no sentido de envolver produtos de operações cognitivas para os quais não conseguimos formar uma representação direta (Lima, 2003:162).

Em outras palavras, na metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS não há dúvidas de que peso seja um produto com o qual estabelecemos uma experiência física: não vemos o peso diretamente, mas podemos visualizá-lo por meio de números em uma balança ou senti-lo ao tentar sustentar determinados objetos. Dificuldade, em contrapartida, é um elemento abstrato: não podemos vê-la, tocá-la ou senti-la fisicamente. Por esse motivo, nosso aparato cognitivo transfere para o domínio-alvo DIFICULDADES todos os nossos conhecimentos e inferências a respeito do domínio-fonte PESOS. Porque temos esta metáfora conceitualmente, DIFICULDADES SÃO PESOS, produzimos expressões lingüísticas do tipo: “Não agüento esse trabalho” e “Essa teoria é muito pesada pra idade dele”.

Contrário à idéia defendida por Gibbs (1997), Lakoff & Johnson (2002) e Lima (2003), de que o pensamento metafórico e a linguagem fazem parte do mundo cultural da mesma forma que fazem parte da mente humana, muitos estudiosos da cognição humana defendem que os modelos culturais, mesmo aqueles para conceitos abstratos, existem sem intervenção metafórica. Conforme descreve Kövecses (1997:169), para esses estudiosos, os modelos culturais se constituem a partir da compreensão de um conceito literal.

A visão da emergência literal para conceitos abstratos é defendida sob duas perspectivas: a primeira afirma que o conceito abstrato, ou modelo cultural, emerge como uma nova configuração de conteúdo e estrutura, independente de configurações de conteúdo e estrutura mais concretos (Kövecses,1997:169). Como exemplo, Kövecses (*op.cit.*) menciona conceitos específicos, como empresa, sociedade, governo, teoria, economia etc. Todos esses conceitos podem ser incluídos nos casos genéricos de sistemas complexos (ou organizações), pois representam casos nos quais diferentes partes interagem de forma complexa para constituir um conceito. Assim, expressões do tipo: *o mal da sociedade, o cérebro da companhia, cabeças do Estado, coração da cultura, construir uma relação sólida, a carreira de alguém está em ruínas ou o florescimento de uma nação ou civilização* (Kövecses,1997:169), são usadas para expressar lingüisticamente conceitos abstratos incluídos nesses sistemas complexos. Conforme essa visão, tais expressões sugerem que aplicamos a organizações, ou sistemas complexos, as seguintes propriedades:

- podem estar em uma condição apropriada ou inapropriada (e.g. mal, deficiência)
- têm uma estrutura (e.g. cabeça, coração, cérebro)
- podem ser criadas (e.g. construir)
- podem ser temporárias (e.g. sólida, em ruínas)
- podem se desenvolver (e.g. florescimento)

Segundo a visão da emergência literal, embora as expressões lingüísticas mencionadas anteriormente sejam metafóricas, as propriedades são mais literais que propriamente metafóricas. Para cada uma das propriedades, temos uma série de conhecimentos extras sobre organizações em geral. Por exemplo, a propriedade *podem se desenvolver* possui o seguinte conhecimento extra:

- 1- Alguém é responsável pelo desenvolvimento de um sistema complexo abstrato.
- 2- Alguém cria e dá início ao sistema complexo abstrato.
- 3- O sistema apresenta estágios iniciais de desenvolvimento.
- 4- O sistema percorre um certo número de estágios.
- 5- O sistema complexo pode se desenvolver de forma apropriada ou inapropriada.
- 6- Alguém cuida do sistema complexo para que ele se desenvolva de forma apropriada.
- 7- O sistema complexo atinge seu ápice no curso de seu desenvolvimento.
- 8- O sistema complexo produz certos benefícios.
- 9- O sistema começa a falir e, eventualmente, deixa de existir.

De acordo com Kövecses (1997:170), nessa visão, quanto mais detalhado o conhecimento extra envolvido, mais literal ele tende a ser. Como resultado, a linguagem utilizada pelos falantes ao se referirem às organizações também tende a ser literal. Por esta razão é que falamos em desenvolvimento de companhias, em desenvolvimento apropriado ou inapropriado de uma sociedade, em ápice e declínio de uma civilização ou teoria, em benefícios produzidos pela economia, e outros.

A segunda visão da emergência literal apóia a primeira, apondo que os modelos culturais emergem diretamente de alguma experiência pré-conceitual, ou seja, a partir de uma experiência básica humana (físico-corpórea ou cultural), porém sem a intervenção de nenhuma metáfora (Kövecses, 1997). Quinn (apud Kövecses, 1997:171), grande defensora dessa visão, afirma que a metáfora simplesmente reflete modelos culturais<sup>40</sup> pré-existentes de duas formas: primeiro, os conceitos abstratos podem ser entendidos de forma literal e, segundo, a cultura consiste da compreensão literal dos modelos culturais (tanto para conceitos concretos quanto para abstratos).

---

<sup>40</sup> Lakoff e Kövecses (1987, *apud* Kövecses, 1997) afirmam que as metáforas “constituem” (não apenas refletem) em grande parte os modelos culturais.

Quinn (*op.cit.*) desenvolve seu argumento baseando-se no estudo do *casamento* enquanto conceito abstrato, o qual envolve conceitos de relacionamento e emoções humanas. A autora entende o amor (sentimento principal responsável pela união de duas pessoas) como uma re-definição do sentimento envolvido nas experiências vividas entre um bebê e sua mãe. Além disso, defende que a essência do casamento pode ser caracterizada pelas expectativas de ambos os cônjuges, tais como: a compatibilidade com o(a) companheiro(a), o sucesso do relacionamento e, conseqüentemente, o proveito de benefícios para ambos e a estabilidade do relacionamento matrimonial. Tais expectativas podem ser entendidas como literais e, neste caso, nenhuma metáfora seria necessária para a emergência do conceito abstrato casamento.

Em contrapartida, Kövecses (1997:173) define a análise de Quinn como incompleta e problemática, visto não podermos entender a estrutura das expectativas para o casamento como sendo literal. Para que o “amor” fosse considerado a base estrutural para o casamento, Quinn deveria mostrar como o conceito de “amor” é estruturado além de sua estrutura motivacional. Outra questão é: o conceito de “amor” envolvido no casamento é de fato resultado das experiências infantis básicas? O conceito de “amor”, neste caso, pode emergir literalmente a partir dessas experiências básicas? Para Kövecses, as experiências infantis desempenham um papel importante na emergência deste conceito, contudo, não são suficientes para uma caracterização detalhada, pois o conceito de “amor” em adultos é bem mais amplo e complexo do que o conceito em crianças.

Kövecses (*op.cit.*) defende a idéia de que os modelos culturais para conceitos abstratos, ao contrário da visão da emergência literal, são constituídos via metáfora conceitual. A emergência metafórica é apresentada sob dois pontos de vista: no primeiro, os conceitos abstratos emergem metaforicamente, todavia influenciados por conceitos concretos (Kövecses, 1997:174); e, no segundo ponto de vista, os conceitos abstratos emergem metaforicamente influenciados por bases físico-culturais metafóricas (Kövecses, 1997:181).

Para tratar a questão, o autor retoma o conceito de sistemas complexos (ou organizações) e sugere que a metáfora SISTEMAS COMPLEXOS ABSTRATOS

SÃO OBJETOS FÍSICOS COMPLEXOS (incluindo O CORPO HUMANO, EDIFÍCIOS, MÁQUINAS e PLANTAS) seria a responsável pela emergência do conceito abstrato para sistemas complexos. Tomando a metáfora SISTEMAS COMPLEXOS SÃO PLANTAS, Kövecses destaca as seguintes propriedades:

- a planta é um sistema complexo
- as partes da planta são as partes dos sistemas complexos
- o crescimento biológico da planta é o desenvolvimento abstrato não biológico dos sistemas complexos

Para ilustrar lingüisticamente a metáfora citada, o autor recorre ao *Cobuild English Guides 7: Metaphor*, um dicionário de metáforas da língua inglesa, estruturado a partir de dados de uso real compilados no *Bank of English*, um *corpus* eletrônico de linguagem escrita e falada do inglês cotidiano, com as seguintes sentenças metafóricas: “*Please turn to the local **branch** of the organization*”<sup>41</sup> e “*She has **grown** a lot as a scholar lately*”<sup>42</sup> (Kövecses, 1997:175). Assim, a emergência metafórica para conceitos abstratos se desenvolve da seguinte maneira: as partes e propriedades de objetos concretos constituem as propriedades abstratas de objetos concretos que, finalmente, originam os conceitos abstratos.

Além de serem parte do mundo cultural, os diferentes tipos de pensamentos metafóricos, ao menos em parte, explicam porque muitas metáforas e expressões idiomáticas significam o que significam para os falantes de uma determinada cultura em um determinado espaço de tempo. Tomando como exemplo a metáfora conceitual A RAIVA É UM FLUIDO AQUECENDO EM UM RECIPIENTE, expressões do tipo: *explodir de raiva, estar cheio de alguém, fazer o sangue ferver*, fazem sentido para os falantes em virtude do contato com líquidos em recipientes, os quais, sob altas temperaturas ou em grandes quantidades, transbordam do interior do recipiente em que estão contidos (e.g. panela de pressão, chaleira). Para os falantes, o corpo humano é considerado um recipiente cheio de fluidos (o sangue, de forma concreta, e os sentimentos, de maneira abstrata) o qual, sob certas circunstâncias (pressão psicológica, por exemplo), explode, liberando seu conteúdo.

---

<sup>41</sup> Por favor, volte à filial da organização.

<sup>42</sup> Ela cresceu muito como estudante ultimamente.

Os pensamentos discutidos até o momento, tiveram sua origem nos trabalhos de Lakoff (1987) e Lakoff & Johnson (2002), abordados no capítulo anterior, sobre a emergência da metáfora conceitual no pensamento humano e sua manifestação na linguagem. Lakoff e Johnson, por sua vez, basearam-se nos trabalhos de Reddy (1993) que, por meio de uma análise minuciosa de enunciados lingüísticos, investiga a forma como conceitualizamos metaforicamente a comunicação.

Nosso trabalho trata exatamente da questão da comunicação, mais especificamente, do uso da linguagem oral nos filmes e da linguagem escrita nas legendas. Particularmente, interessamo-nos por algumas expressões específicas – o palavrão, que igualmente é falado pelos personagens, mas, normalmente, não aparecem nas legendas. Para entender parte do que tratamos aqui, é necessário compreender um pouco a força das palavras e como conceitualizamos o processo da comunicação. Voltamos, assim, aos primórdios da Lingüística Cognitiva, com o trabalho de Reddy, mostrando sua análise da forma como a sociedade anglófona expressa este processo.

## **2.2 A METÁFORA DO CANAL E A EXPRESSÃO DA LINGUAGEM**

Em seus estudos, Reddy (1993) parte da seguinte citação de Wiener (apud Reddy, 1993:164), a qual lhe faz refletir a respeito dos aspectos envolvidos em uma comunicação: “a sociedade só pode ser compreendida por meio de um estudo das mensagens e dos facilitadores que fazem parte da comunicação”.<sup>43</sup> Essa passagem diz respeito aos processos envolvidos em uma comunicação humana, isto é, a como os interlocutores agem e que tipo de sinais eles usam durante uma conversa, bem como a quando e onde os interlocutores são bem sucedidos ou fracassam.

Reddy (*op.cit.*) considera os aspectos comunicativos extremamente importantes na vida de uma comunidade, de tal forma que chegam a ser relacionados

---

<sup>43</sup> “Society can only be understood through a study of the messages and communications facilities which belong to it”.

aos problemas sociais, governamentais e culturais de um povo. O autor chega a afirmar que os problemas de uma comunidade tendem a agravar-se caso existam muitas falhas ou tipos sistemáticos de falhas na comunicação. Por outro lado, “uma sociedade de falantes bem sucedidos, não obstante continue a enfrentar conflitos de interesses, tende a evitar muitos dos problemas destrutivos e partidários”.<sup>44</sup> Destarte, as dificuldades sócio-culturais poderiam ser, ao menos parcialmente, resolvidas mediante uma melhor comunicação entre seus indivíduos.

Contudo, Reddy (*op.cit.*) enfatiza que o objetivo de seu trabalho não é resolver os problemas envolvidos na comunicação, tampouco melhorá-la. Seu intento gira em torno do estudo de como os problemas envolvidos na interação entre os falantes se apresentam na linguagem. Procurando alcançar seu objetivo, Reddy tenta responder duas perguntas: “Que tipo de histórias as pessoas contam sobre seus atos de comunicação? Quando esses atos sofrem qualquer desvio, como as pessoas descrevem ‘o que está errado e o que precisa de conserto’?”<sup>45</sup> (Reddy, 1993:165).

Tentando responder essas perguntas, o autor prova que as histórias contadas pelos ingleses a respeito da comunicação estão, em grande parte, relacionadas às estruturas semânticas que possuem da linguagem em si. Sua prova parte do princípio de que os ingleses possuem uma estrutura preferida para conceitualizar a comunicação. Cada um pode aceitá-la ou rejeitá-la, embora nada, além do senso comum, seja necessário para melhorar ou criar outra estrutura. Baseando-se nesses princípios, Reddy acredita que, no simples fato de abrir a boca e falar inglês, o falante pode envolver-se em um conflito genuinamente sério e que tal conflito exerce um impacto sensível nos problemas sociais e culturais de sua comunidade.

A partir do pressuposto desse “conflito lingüístico”, Reddy analisa a linguagem do ponto de vista da “metáfora do canal”<sup>46</sup>. Em primeiro lugar, o autor

---

<sup>44</sup> “A society of near-perfect communicators, though it would no doubt still face conflicts of interest, might well be able to avoid many of the destructive, divisive effects of theses inevitable conflicts”.

<sup>45</sup> “What kinds of stories do people tell about their acts of communication? When these acts go astray, how do they describe “what is wrong and what needs fixing”?”.

<sup>46</sup> Em nota introdutória do livro *Metáforas da vida cotidiana* – tradução brasileira da obra de Lakoff & Johnson, de 1980, *Metaphors we live by*, no qual surgiu pela primeira vez a teoria da metáfora conceitual – Zanotto, Moura, Nardi e Vereza (Lakoff & Johnson, 2002) traduzem e expressão *The conduit Metaphor*, em inglês, por *metáfora do canal*. Contudo, os autores esclarecem que, na tradução de um artigo de Reddy, os autores Holsbach, Gonçalves, Migliavaca e Garcez (2000) traduziram a mesma expressão por *metáfora do conduto*.

investiga que tipo de expressões os ingleses usam para falar da comunicação quando existe falha, e.g.:

1. Try to *get your thoughts across* better. (Tente passar melhor seus pensamentos.)<sup>47</sup>
2. None of Mary's *feelings came through to me* with any clarity. (Nenhum dos sentimentos da Maria me pareceram claros.)
3. You still haven't *given me any idea* of what you mean. (Você ainda não me deu nenhuma idéia do que você quis dizer.)

Com base nestes enunciados, Reddy fez o seguinte questionamento: será que literalmente “passamos nossos pensamentos” quando falamos? E continua sua análise, fazendo as seguintes considerações: aparentemente, essa expressão sugere que a comunicação transfere pensamentos fisicamente de alguma forma. Se refletirmos a respeito, ninguém recebe os pensamentos de uma outra pessoa diretamente em sua mente por meio da linguagem. Os sentimentos da Maria, no exemplo 2, só podem ser percebidos claramente por Maria e por mais ninguém. Não é possível que os sentimentos de Maria apareçam de fato para qualquer outra pessoa enquanto ela fala, tampouco, que qualquer pessoa possa nos “dar uma idéia” pois estes são processos que ocorrem dentro da mente humana sem qualquer manifestação física. Apesar disso, os exemplos apresentados por Reddy anteriormente envolvem a idéia figurativa de que a linguagem transfere pensamentos e emoções humanas.

Ora, se a linguagem é capaz de transferir pensamentos e emoções, uma pessoa que não fala adequadamente não sabe utilizar a linguagem para enviar seus pensamentos; em contrapartida, um indivíduo que tenha o pleno domínio das palavras em uma língua sabe, perfeitamente, transmitir seus pensamentos por meio da linguagem (Reddy, 1993:167). Assim, o que um falante medíocre deve fazer para conseguir transferir seus pensamentos via linguagem de forma mais eficaz? As soluções apresentadas pelos ingleses concernentes aos problemas de comunicação foram as seguintes:

4. Whenever you have a good *idea* practice *capturing it in words*. (Sempre que você tiver uma boa idéia, tente prendê-las em palavras.)
5. You have to *put each concept into words* very carefully. (Você tem que ter cuidado em colocar cada conceito em palavras.)

---

Neste trabalho, adotaremos a primeira tradução por acharmos mais adequada a nossa análise sobre a pesquisa de Reddy.

<sup>47</sup> As traduções dos exemplos são desta autora. Algumas das traduções podem parecer estranhas no português porque tentamos deixá-las parecidas com a estrutura do inglês, no intuito de levar o leitor a entender as explicações dadas pelo autor em questão.

6. Try to *pack* more *thoughts* into fewer *words*. (Tente colocar seus pensamentos em menos palavras.)
7. Insert those *ideas* elsewhere in the *paragraph*. (Ensira aquelas idéias em outro lugar no parágrafo.)
8. Don't *force* your *meanings* into the wrong *words*. (Não force seus significados nas palavras erradas.)

Por meio da fala e da escrita, o ser humano é capaz de exteriorizar seus pensamentos e emoções internos usando signos externos da linguagem (Reddy, 1993:168). Obviamente que, se a linguagem é capaz de transferir pensamentos para outras pessoas, como vimos anteriormente, o transporte ou recipiente mais apropriado para esses pensamentos é a palavra, ou grupo de palavras (a saber: a oração, o período, o parágrafo ou o texto). Com base nos exemplos coletados, Reddy (1993:167) ressalta que a grande dificuldade do falante pode estar em saber realizar o “processo de inclusão” apropriadamente. Por exemplo, o falante pode fracassar em colocar a quantidade correta de significado no recipiente (exemplo 6) ou colocar o significado correto em locais errados (exemplo 7).

Acompanhando o pensamento de Reddy (*op.cit.*) em relação à metáfora do canal, podemos dizer que as palavras são recipientes que possuem um lado interno e outro externo. Os pensamentos podem ser “inseridos” no espaço que há no “interior” das palavras, lugar onde reside o significado. Os significados e as idéias, por sua vez, são entendidos como “conteúdo”.

Estendendo sua análise a um grande número de enunciados utilizados pelos ingleses para falar da comunicação, Reddy percebeu que tais enunciados podem ser organizados em quatro grupos constituintes do “arcabouço principal” da metáfora do canal. Segundo Reddy, os enunciados analisados evidenciam que:

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente (Lakoff & Johnson, 2002:16).

Reddy conclui seu trabalho confirmando que a metáfora do canal é uma estrutura semântica real e poderosa da língua inglesa, capaz de influenciar os pensamentos e as atitudes dos falantes daquela comunidade.

É a partir dessas análises de Reddy, portanto, que Lakoff & Johnson (2002) desenvolvem seus estudos e demonstram que os enunciados analisados por ele são manifestações lingüísticas de metáforas conceituais (como por exemplo: IDÉIAS OU SENTIDOS SÃO OBJETOS, PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE e COMPREENDER É PEGAR OU VER) ligadas a uma metáfora complexa, a metáfora do canal.

Como mencionamos anteriormente, as metáforas conceituais fazem parte do mundo cultural e apresentam forte implicação no significado de muitas das expressões lingüísticas utilizadas por uma comunidade de falantes. Gibbs (1997:154) lembra que:

Os modelos culturais não são epifenômenos, mas presume-se que prestam real serviço a indivíduos e comunidades ao definir as crenças, as atitudes e a linguagem das pessoas a respeito do mundo e de suas próprias experiências (Gibbs, 1997:154).<sup>48</sup>

Ou seja, as metáforas conceituais ainda são responsáveis pela constituição de uma outra forma de entender o mundo à nossa volta, uma vez que elas estruturam os modelos culturais, dentre eles os modelos cognitivos idealizados (MCIs) para conceitos abstratos, responsáveis pela origem de outras formas de entendermos a linguagem (Gibbs, 1997:146).

Tomemos como exemplo as metáforas conceituais, de Lakoff e Johnson (2002), identificadas a partir da metáfora do canal e mencionadas anteriormente. A nosso ver, essas metáforas exercem uma influência direta na forma como entendemos e tratamos, social e culturalmente, o uso de expressões como os palavrões. Primeiramente, os palavrões são portadores de uma mensagem particular: o insulto. Assim, podemos dizer que os palavrões são recipientes que carregam objetos específicos (os insultos); esta relação existente entre palavrões e insultos é gerada a partir das metáforas PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e IDÉIAS OU SENTIDOS SÃO OBJETOS.

---

<sup>48</sup> “Cultural models are not epiphenomenal, but are presumed to do real work for individuals and collective communities in shaping what people believe, how they act, and how they speak about the world and their own experiences”

Em segundo lugar, temos o envio desses objetos (o insulto) a outra pessoa por meio de um recipiente (o palavrão) e o resultado que isto pode causar em quem o recebe, ou seja, espera-se que o ouvinte fique de fato ofendido em decorrência do palavrão que lhe fora dirigido. Se considerarmos o envio do insulto uma forma de comunicação que, inclusive, pode gerar um *feedback* por parte do ouvinte: um outro palavrão ou, até mesmo, uma agressão física, então podemos sugerir a influência da metáfora COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR POSSE e, uma vez recebido o pacote, entra em cena a metáfora COMPREENDER É PEGAR. Contudo, esta relação metafórica envolvendo o uso dos palavrões não se esgota nos pontos apresentados, antes, envolve aspectos sócio-culturais alicerçados por um ou mais MCIs.

Os MCIs envolvidos na metáfora COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR POSSE em relação ao uso dos palavrões, por exemplo, englobam aspectos, tais como: a quem é permitido o usufruto desses recipientes, a quem os objetos contidos neles podem ser entregues, em que ocasiões e sob quais circunstâncias. Na prática, um adolescente poderia usar um palavrão? Como uma pessoa idosa veria ou entenderia o palavrão dito por um adolescente? Existem locais e momentos, nos quais os palavrões seriam mais ou menos aceitos?

Além dos palavrões, os MCIs parecem exercer forte influência na forma como entendemos e valorizamos os tipos de linguagem em relação à fala e à escrita bem como à informalidade e à formalidade da língua. Da mesma forma que os palavrões, a fala, a escrita, a linguagem formal e a informal envolvem questões sociais que determinam como a língua deve ser usada em certas circunstâncias, quem pode usá-la e os resultados decorrentes de seu uso. Os brasileiros, enquanto falantes nativos do português e membros de uma cultura específica, também possuem modelos cognitivos relacionados à fala e à escrita, por exemplo, sujeitos às crenças e aos valores construídos socialmente; uma dessas crenças diz respeito à visão dicotômica entre fala e escrita.

Do ponto de vista lingüístico, podemos dizer que vários autores rejeitam a tradicional dicotomia entre fala e escrita, isto é, o pensamento de que existem características intrínsecas à fala e outras particulares à escrita. Originalmente, pensava-

se que a fala, por exemplo, era um texto não-planejado, redundante, pouco elaborado e de linguagem informal, ao passo que a escrita era um texto planejado, condensado, elaborado e de linguagem formal.

Autores como Kato (1987), Koch (1997), Marcuschi (2001) e Neves (2004) defendem a idéia de que as diferenças existentes entre fala e escrita se dão dentro de um conjunto tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica, como se ambas estivessem em dois pólos opostos. Assim, fala e escrita são diferentes se avaliadas na perspectiva do uso e não do sistema. Conseqüentemente, poderíamos dizer que existem vários tipos de fala e vários tipos de escrita, os quais podem, inclusive, compartilhar traços de semelhança.

Vivendo em sociedade, precisamos aprender a utilizar apropriadamente esses diferentes tipos de linguagem em situações específicas. Vanoye (2003:23), por exemplo, admite diferentes linguagens a partir da língua falada: a linguagem comum, a linguagem cuidada (ou tensa), a linguagem oratória, a linguagem familiar e a linguagem informal (ou popular). Além da língua falada também existe a escrita e, para cada uma dessas variações da linguagem, é mister, por parte do falante um conhecimento específico que inclua particularidades como: o momento e a ocasião próprios para seu uso, o tipo de pessoas com quem se pode ou deve falar daquela maneira, as estruturas e padrões gramaticais adequados etc.

Observe-se, então, que segundo o parecer lingüístico, “os estudos sobre norma também se baseiam na assunção de que existem duas direções de investigação: ‘a norma em relação à própria língua’ e ‘a norma em relação à sociedade’”(Neves, 2004:59). Nessas duas linhas de investigação, a questão da norma é entendida de formas diferentes: a norma em relação à língua é a regularidade de uso da linguagem em um determinado grupo social; a norma em relação à sociedade é o “bom uso” da linguagem segundo os parâmetros do padrão culto da língua, o qual é, normalmente, associado à escrita.

Neves (*op.cit.*) chama a atenção para o fato de que o desconhecimento desses aspectos mascara as diferentes visões relacionadas à norma e “o que vemos é, por exemplo, tratada como lingüística a noção do erro”, em outras palavras, o erro é visto exclusivamente como um fenômeno de desvio lingüístico. No entanto, essa

noção é diretamente social e não encontra guarida no interior do processamento lingüístico. A noção de erro na sociedade é um pensamento tradicional e, conforme Neves:

O que é mais interessante, na própria visão do povo, que, como percebemos claramente nos dias de hoje, fala como pode, mas considera e aceita que não fala como deve, quando não tem o padrão autorizado (Neves, 2004:48).

Como podemos notar, o pensamento do “falar correto” e do “falar errado” é uma crença cultivada na sociedade, na qual os falantes reconhecem que existe um ideal a ser atingido: a forma padrão. A partir do momento em que o indivíduo acredita que fala como pode, porém não como se deve, ele adota a idéia de que fala errado porque está fora do que é exigido em termos de comunicação. Trata-se, portanto, de aceitabilidade social e não de qualidades lingüísticas.

Esse pensamento é uma ideologia cultivada socialmente, pois o erro não é absoluto, contudo é um desvio referente ao meio ou ao grupo social que dita as normas a serem seguidas. De acordo com Aléong (2001:155), “o erro é essencialmente um uso que, num dado momento, vem se opor a um outro uso até então dominante”.

Esse uso dominante a que o autor se refere parte de falantes investidos de autoridade e de prestígio em matéria de linguagem que, mesmo sem intenção, prescrevem “o certo” e “o errado” em gramáticas, dicionários e obras afins. Além disso, o uso dominante é difundido e imposto constantemente em locais estratégicos como a escola, a imprensa escrita e audiovisual e a administração pública, incluindo os tribunais (Aléong, 2001:164). Bagno (2001:21) vai ainda mais longe em sua ousadia e afirma que:

Numa promoção nitidamente ideológica, o Estado é promovido à categoria de *superfalante*, que elimina a retroação da conversação, o feedback, mas que condiciona as produções lingüísticas de todos os cidadãos pela onipresença do aparato administrativo que impõe um modelo lingüístico protocolar, radicalmente distinto do modelo vernacular (Bagno, 2001:21).

O interessante em relação à noção do erro, enquanto aspecto lingüístico que se submete a questões sociais, é que não cabe aos lingüistas combater a existência de pressão social sobre os usos lingüísticos, pois a língua é um dos instrumentos

essenciais nas relações da sociedade. Talvez por essa razão, muitos lingüistas preferam abster-se do estudo das idéias difundidas na sociedade em torno das noções de correção lingüística e dediquem-se com muito mais afinco às tarefas descritivas (Bagno, *op.cit*) dos fatos lingüísticos, sem levar em consideração as causas.

Em seus estudos sobre a linguagem, Neves (2000, 2001, 2004 e artigo no prelo) tem dedicado grande atenção à questão dicotômica entre língua falada X língua escrita, além de relacionar o assunto ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Segundo a autora, o uso da língua escrita é normalmente relacionado à formalidade padrão da língua, criando a impressão de que a comunicação é genuinamente efetiva apenas quando baseada na norma padrão da língua:

Obviamente o bom uso se fixou na modalidade escrita, entendendo-se a linguagem falada como território que, por menor, podia abrigar todas as tolerâncias e “transgressões”, como se a língua falada não tivesse norma, quase como se não tivesse gramática (Neves, 2004:44).

O bom uso, mencionado pela autora, é o uso da linguagem regrada, como modalidade “sabida” por alguns, mas não por outros. A partir do momento em que o bom uso é dominado por uns e desconhecido por outros, a sociedade passa a apontar para a discriminação, criando-se exclusões e estigmas.

Até a década de 70, acreditava-se que esta forma de pensar era fruto das normas prescritivas elaboradas pelos gramáticos estudiosos da língua, os quais acreditavam que as formas lingüísticas utilizadas pelos grandes escritores, autores de amplo prestígio na sociedade, deveriam reger as normas do “bem dizer” no padrão culto e, portanto, “correto” da sociedade. A partir dos estudos sociolingüísticos mencionados por Neves (Labov, 1972; Cedergren e Sankoff, 1974 e 1988; e Naro, 1981), a crença de que “a língua baseada em regras gramaticais é a correta por ser uma linguagem neutra, um modelo ideal que paira acima de toda diversidade e qualquer outra forma de manifestação lingüística é errada” (Neves, 2001:322) começa a mudar.

Em *Gramática e gramáticas*, Neves (no prelo) lembra que “não é exatamente pelos gramáticos que a valorização da *boa linguagem* é, hoje, mantida [...] entre nós. É o povo que tem fascínio pela *boa linguagem*, sempre que um pouco de contato com padrões cultos lhe tenha sido permitido”. Além disso, as gramáticas

normativas “não se fazem, hoje, como peças de uma luta de preservação de padrões ameaçados. Pelo contrário, elas respondem ao que a sociedade reclama, e até respondem insuficientemente: o povo queria mais e mais lições de norma de prestígio”. Isso acontece porque, segundo a autora, o falante comum tem verdadeiro fascínio pela força e pelo poder sociais concedidos pela variação formal da língua e “é o acesso à linguagem prestigiada que permite o domínio de papéis na sociedade, já que entre eles está o de ‘dominação política’” (Camacho, apud Neves, 2001:233).

O mesmo pensamento que enfatiza o caráter elitista e aristocrático da norma-padrão também é compartilhado por Aléong (2001). O autor menciona em seu texto que o domínio dos padrões cultos da língua é uma fonte de prestígio na sociedade, principalmente, pelo fato de serem inacessíveis à maioria dos falantes. Desta forma, a norma-padrão é “o código lingüístico em que o prestígio é um trunfo importante” (Aléong, 2001:173).

Em *A gramática na escola*, Neves (1990:10) relata os resultados de uma pesquisa realizada entre professores de língua portuguesa no ensino fundamental de escolas públicas em São Paulo e mostra que é predominante, entre os professores, a idéia de que o acesso à forma padrão da língua oferece aos alunos maiores chances de ingresso na universidade e sucesso na carreira profissional. A linguagem formal oferece possibilidades de um prestígio social a que, dificilmente, os alunos teriam acesso sem o conhecimento da norma padrão culta da língua. De acordo com a autora:

Foi à escola, como espaço institucional privilegiado de parametrização social, que tradicionalmente se confiou o papel de guardião da norma regrada e valorizada, daquele bom uso que tem o poder de qualificar o usuário para a obtenção de passaportes sociais, e, portanto, para o trânsito ascendente nos diversos estratos (Neves, 2004:44).

Esse mesmo pensamento também se estende aos pais dos alunos, os quais “mandam seus filhos buscar na escola a chave do acesso a padrões lingüísticos socialmente valorizados”. Visto que os pais não esperam que a escola ensine seus filhos a falar (habilidade que já possuem antes de entrar na escola), mas a escrever, a linguagem formal fica quase que restrita à língua escrita. Como conseqüência, podemos afirmar que língua falada e língua escrita possuem diferentes valores sociais

em que a escrita constitui “o portal de entrada da modalidade-padrão e território legítimo e exclusivo de estruturas formais” (Neves, 2001:330).

Baseando-nos no exposto até o momento, podemos perceber que a estreita relação entre língua escrita e linguagem formal não é uma questão de escolha pessoal do indivíduo. Pelo contrário, ela é resultado da visão sócio-cultural da língua por parte de seus usuários que compartilham crenças e pensamentos a respeito da língua. Neves (2000) admite que, em uma comunidade lingüística, a “existência natural” de uma norma de prestígio pode e deve ser buscada a fim de que seja alcançado o sucesso nas relações sociais. Essa “existência natural”, aliada às questões sócio-culturais da linguagem, permite-nos pensar em aspectos cognitivos de um povo relacionados à linguagem. Isso é possível por duas razões: primeiro, porque a “existência natural” pressupõe a não imposição desta norma de prestígio, caso contrário, os indivíduos não a receberiam como natural. Entenda-se imposição pelo uso da força porque, no caso da norma lingüística, a imposição se dá de forma dissimulada. Segundo, porque os aspectos sociais e culturais abrangem, ao menos, grande parte dos indivíduos da sociedade garantindo uma convencionalidade à norma de prestígio adotada e, neste caso, a linguagem formal escrita.

De acordo com Marcuschi (2001), é necessário construir um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita. Assim, a seguir, trataremos dos MCIs enquanto teoria da Lingüística Cognitiva e apresentaremos nossa proposta de modelos para fala, escrita, linguagem informal e formal, construídos com base em uma pesquisa realizada com falantes nativos do português do Brasil.

### **2.3 OS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS E SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM FORMAL ESCRITA NA SOCIEDADE**

De acordo com Feltes (2007:53), a teoria dos MCIs, desenvolvida por Lakoff (1987), são sinônimos de modelos culturais. A autora apresenta uma definição para os modelos em tela baseada nos estudos de McCauley (1987, apud, Feltes, 2007:54), segundo o qual MCIs são estruturas mentais simples, responsáveis pela organização dos conceitos construídos a partir das experiências que temos, enquanto seres humanos, com o mundo ao nosso redor. Essas estruturas são simplificadas porque, dentre a grande variedade de aspectos envolvidos nessa relação mundo-ser humano, elas selecionam apenas aqueles significativos social ou culturalmente.

Em outras palavras, os MCIs são resultados da capacidade de categorização humana, com o objetivo de facilitar o armazenamento de informações cognitivas em nossas mentes. Os MCIs categorizam, ou seja, selecionam os traços mais marcantes para a construção de conceitos, sobretudo aqueles construídos socialmente.

Para Fauconnier (apud Lakoff, 1987:125), os MCIs são cognitivos porque “são caracterizados em relação a aspectos experienciais da psicologia humana”<sup>49</sup> e “idealizados porque não necessariamente representam o mundo ‘corretamente’”.<sup>50</sup> Isto significa, como coloca Lakoff (1987:126), que os MCIs são idealizados porque proporcionam um modo convencionalizado de compreender nossas experiências de uma forma mais simples, por esta razão, não contêm informações completas nem são precisos, mas, ao contrário, contêm apenas as informações significativas e recorrentes a respeito do que foi categorizado.

Devido à sua extrema simplificação, é difícil identificá-los com clareza na sociedade, de acordo com Feltes (2007:56), é preciso um estudo cuidadoso para abstrair tais modelos. Em outras palavras, os MCIs existem na mente dos falantes, influenciam sua forma de pensar e comportar-se em grupo, no entanto, não são conscientemente percebidos por esses mesmos falantes. Esses modelos são abstratos e,

---

<sup>49</sup> “They are characterized relative to experiential aspects of human psychology”.

<sup>50</sup> “They do not necessarily fit the external world ‘correctly’”.

portanto, precisam ser identificados e construídos por meio de estratégias específicas como, por exemplo, uma pesquisa feita com os indivíduos influenciados por esses mesmos modelos cognitivos.

Segundo Feltes (*op.cit.*), o aspecto idealizado dos MCIs se justifica sob dois aspectos: primeiro, porque eles são resultado da interação entre o nosso sistema cognitivo e o mundo cultural que nos cerca. Dessa forma, os aspectos contidos em um determinado MCI são determinados pelas crenças, valores, propósitos e necessidades do grupo em que ele se desenvolve. O modelo cognitivo para fala e escrita na sociedade brasileira, por exemplo, é resultado dos interesses e dos valores ditados por aqueles que têm o poder de ditar a norma. Em segundo lugar, os MCIs podem não ser iguais ou até contradizerem-se, ainda que façam referência a uma mesma situação.

Como os MCIs são decorrentes de uma interação entre a categorização humana e os aspectos culturais de uma determinada sociedade, eles são aprendidos e estabelecidos na mente humana a partir de conhecimentos partilhados, frutos de esquematizações coletivas, não de estruturas individuais e internas. Parafraseando Feltes (2007:54), detalhes particulares, relativos ao que é percebido como aspectos importantes de normas ou formas culturais, são agregados durante a construção dos esquemas cognitivos de cada indivíduo. Isso quer dizer que esses esquemas não são internalizados de forma fixa, mas construídos e reconstruídos dependendo das situações ou circunstâncias nas quais os indivíduos se apresentem. Por essa razão, os MCIs não são únicos ao representar um determinado modelo; podem variar entre grupos sociais e, até mesmo, serem conflitantes no que diz respeito ao entendimento de uma mesma situação. Pelo fato de serem originados socialmente, os MCIs estão ligados a padrões de interação e comunicação.

Como exemplo de um MCI, Lakoff cita o conceito de *terça-feira*. Esta palavra apenas faz sentido se relacionada ao modelo idealizado de uma sociedade em que o tempo está organizado em dias que iniciam e terminam em função do movimento do sol, formando um calendário cíclico de sete dias (a semana). Por sua vez, neste modelo cognitivo, a semana é o todo de sete partes organizadas em uma seqüência linear, em que cada parte é chamada *dia*, e o terceiro dia é a *terça-feira*. Da mesma forma, o conceito *final de semana* requer a noção de dias úteis (os cinco dias

de trabalho) seguidos pelo intervalo de dois dias de folga semanais, também ordenados em função de um calendário organizado em semanas de sete dias.

Note-se que esse conceito de semana é idealizado, pois a semana de sete dias não existe concretamente na natureza. Ela é criada pelos indivíduos das culturas que se organizam em função do mesmo tipo de semana.

Além dos pontos discutidos até o momento, Lakoff (1987) também relaciona aos MCIs o efeito prototípico de categorização (Lakoff, 1987 – maiores detalhes ver capítulo 1). Para o estabelecimento de um protótipo, o indivíduo “elege” cognitivamente um elemento mais representativo em uma determinada categoria, isto é, aquele que possua o maior número de características relativas àquela categoria. Um exemplo clássico de um MCI gerado a partir de um protótipo, construído por Fillmore (apud Lakoff, 1987:70), é a categoria definida pela palavra inglesa *bachelor*, a qual traduziremos por “solteirão”.

A palavra “solteirão” é definida considerando-se um MCI de uma sociedade matrimonial, normalmente monogâmica, em que existe uma idade típica para os jovens se casarem. Por conseguinte, “solteirão” seria o adulto do sexo masculino que não é casado. Note-se que o MCI para “solteirão” não menciona nada a respeito de padres, papas, homossexuais, os quais, embora sejam adultos do sexo masculino e não casados, certamente não fazem parte da categoria dos “solteirões”. Ou seja, o MCI em questão não representa o mundo de maneira precisa, mesmo assim os indivíduos que compartilham este conceito são capazes de distinguir os casos que fazem ou não parte da categoria. Seria bastante improvável que um indivíduo nativo de tal cultura se referisse a um padre ou homossexual como “solteirão”.

Outro aspecto tratado por Lakoff (1987:74) em relação aos MCIs, é o que ele chama de *Cluster Models*. Segundo o autor, os *Cluster Models* seriam formados por vários MCIs, os quais combinados entre si, formam uma estrutura que, psicologicamente, é mais facilmente entendida se analisada no todo, ou seja, sua estrutura geral é mais básica do que cada um dos MCIs que formam os *Cluster Models*. Lakoff cita como exemplo o conceito cognitivo idealizado para a palavra “mãe”. As diferentes estruturas familiares existentes na sociedade do século corrente tornam difícil a elaboração de uma definição que englobe as características gerais do

que seja uma mãe: existe a mãe adotiva, a mãe genética, a mãe de aluguel (barriga de aluguel), a madrasta etc. Consequentemente, cada um desses tipos de mães gera um MCI diferente: a mãe adotiva, por exemplo, é aquela que cuida, cria e educa o filho, mas que não compartilha de nenhum traço genético com o filho; por outro lado, a mãe genética pode ter gerado, compartilhado genes e dado à luz um filho, mas não ser a pessoa que cuida, protege e sustenta a criança. Mesmo que cada um destes conceitos pareça divergir do outro, existe um conceito mais forte, mais importante para o indivíduo, que da relação vivenciada com a mãe quando criança.

Dentro do *Cluster Model* de “mãe” há um sub-modelo que poderíamos chamar de estereótipo da “dona-de-casa”. Este estereótipo é um segmento do MCI de “mãe”, no entanto, socialmente, o conceito de “dona-de-casa” representa toda a classe do que seria considerada uma boa mãe. Em outras palavras, uma boa mãe seria aquela que não trabalha fora de casa, que dispensa tempo na criação dos filhos e está sempre em casa acompanhando seu crescimento. Este estereótipo se opõe ao estereótipo de “mãe trabalhadora” que, socialmente, seria considerada menos prototípica que a primeira. A “mãe trabalhadora” embora ainda possa ser considerada mãe, não representa o todo que poderíamos chamar de “mãe ideal” porque trabalha fora de casa e deixa seus filhos aos cuidados de outra pessoa que não é a mãe das crianças.

Como podemos observar, ainda que variem de pessoa para pessoa, os modelos discutidos anteriormente são construídos socialmente e, por isso, apresentam certa generalidade que se estende a toda a sociedade por meio da cultura vigente. Os MCIs podem não corresponder à realidade, contudo representam as crenças, os valores e as normas convencionais. Eles podem variar entre os diferentes grupos sociais ou modificarem-se de acordo com as situações. Considerando todos estes aspectos, não seria incoerente pensar que o nosso comportamento quanto à linguagem pode ser influenciado pelos MCIs.

É possível que os MCIs para fala e escrita, que apresentamos a seguir, sejam organizados cognitivamente em formato de *Cluster Model*, pois, além dos aspectos e valores intrínsecos a cada um (como, a fala ser improvisada e suscetível a erros, ao passo que, a escrita é planejada e correta segundo os padrões da norma culta padrão),

outros modelos se unem aos primeiros: o modelos de linguagem informal e linguagem formal, normalmente, ligam-se aos modelos de fala e escrita, respectivamente.

## **2.4 EXPERIMENTO I: A CONSTRUÇÃO DE UM MCI PARA FALA E ESCRITA NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Em uma investigação em textos científicos sobre linguagem, foi-nos possível identificar várias crenças e diversos valores atribuídos à fala e à escrita, à formalidade e à informalidade da língua enquanto elementos dicotômicos. Muitas dessas crenças e valores, por vezes, coincidiam em textos de diferentes autores, contudo, não era possível afirmar que tais características ou funções atribuídas à fala/escrita ou à linguagem formal/informal pudessem, de fato, constituir o que tratamos anteriormente por MCIs. Isso se deve ao fato de nenhum dos autores em questão ter apresentado dados que pudessem estender tais crenças a um modelo construído socialmente. Por esta razão, era possível que as características conferidas à linguagem escrita ou falada, por exemplo, fossem fruto de uma observação individual ou restrita a um pequeno grupo, os lingüistas.

Destarte, fez-se necessário seguir o conselho de Marcuschi (2001): construir um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita. Com este objetivo, fizemos um levantamento das características relacionadas à fala e escrita e à linguagem formal e informal, apontadas nos textos lidos durante o levantamento bibliográfico. Em seguida, elaboramos um questionário a fim de verificar se tais características se confirmariam ou não na mente das pessoas. Finalmente, baseados nos dados revelados, apresentamos nossa proposta de MCI para cada um dos tipos de linguagem, objetos de estudo nesta pesquisa, a saber: fala, escrita, linguagem formal, linguagem informal e palavrões.

Os instrumentos utilizados na metodologia aplicada para a realização deste experimento foram: o levantamento das crenças e dos valores atribuídos à fala/escrita e à linguagem informal/formal e um questionário aplicado a um grupo de falantes

nativos do português, com o objetivo de verificar se tais crenças se confirmariam para a elaboração dos MCIs. Para o levantamento das crenças e dos valores relacionados à linguagem, consultamos textos científicos de autores da área, como Neves (2004), Aléong (2001), Bagno (2001), Haugen (2001), Marcuschi (2001) e Padley (2001).

Os aspectos inerentes à fala e à escrita, apontados pelos autores, estão representados no quadro a seguir. Procuramos apresentar as características de forma clara e objetiva, como também fornecer a fonte de cada aspecto identificado. Alguns pontos sem referência, apontados no quadro, foram acrescentados por esta autora a fim de confrontar as características para as quais não foram encontradas as respectivas dicotomias. O Quadro 02, para fala e escrita, ficou organizado da seguinte maneira:

Quadro 02:

<b>ASPECTOS INERENTES À FALA E À ESCRITA DESCRITOS NA LITERATURA</b>	
<b>FALA</b>	<b>ESCRITA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Língua informal (Haugen, 2001:101)</li> <li>• Língua que abriga todas as tolerâncias e “transgressões” (Neves, 2004:44)</li> <li>• Língua pouco guarnecida de regras ou não-normatizada (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Língua sujeita a mudanças e corrupções</li>   <li>• Língua mais expressiva (Padley, 2001:77)</li> <li>• Não-planejada, natural, espontânea, não-monitorada (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Língua heterogênea, com marcas de grupos sociais</li> <li>• Apreendida em casa por meio da repetição, antes de ler ou escrever (Haugen, 2001:108)</li> <li>• Dominada pela grande maioria dos usuários da língua</li>   <li>• Contextualizada (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Implícita (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Redundante (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Fragmentária (Marcuschi, 2001:27)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação com a norma culta, linguagem formal (Bagno, 2001:09)</li> <li>• A língua certa, pura, refinada (Bagno, 2001:09, Padley, 2001:58)</li> <li>• A língua baseada nas normas gramaticais (Padley, 2001:57)</li> <li>• É permanente, preserva o uso de ser corrompido (Haugen, 2001:108, Padley, 2001:58)</li> <li>• Língua menos expressiva (Padley, 2001:77)</li> <li>• Exige o uso refletido, monitorado, planejado da língua (Aléong, 2001:153)</li> <li>• Língua homogênea, neutra (Aléong, 2001:166; Neves, 2001:322)</li> <li>• É aprendida na escola (Aléong, 2001:167; Corbeil, 2001:186; Neves, 2004:44)</li> <li>• Utilizada por um menor número de indivíduos (Neves, 2004:43; Aléong, 2001:168)</li> <li>• Descontextualizada (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Explícita (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Condensada (Marcuschi, 2001:27)</li> <li>• Completa (Marcuschi, 2001:27)</li> </ul>

Em relação ao grau de formalismo da língua, podemos destacar os seguintes aspectos conforme o Quadro (03) a seguir:

Quadro 03:

<b>ASPECTOS INERENTES À LINGUAGEM INFORMAL/FORMAL DESCRITOS NA LITERATURA</b>	
<b>LINGUA INFORMAL</b>	<b>LINGUA FORMAL</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação com a fala</li> <li>• Mais difundida e freqüente entre os usuários da língua</li> <li>• Língua heterogênea, com marcas de grupos sociais</li> <li>• Língua pouco guarnecida de regras</li> <li>• Língua pobre</li> <li>• Língua da classe baixa ou rural (Haugen, 2001:101), língua da massa, do povo.</li> <li>• Não tem qualquer relação com o prestígio social</li> <li>• Língua “vulgar”</li> <li>• Usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública (Bagno, 2001:10)</li> <li>• Não-planejada, natural, espontânea, não-monitorada (Marcuschi, 2001:27)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação com a escrita (Neves, 2004)</li> <li>• Utilizada por um menor número de indivíduos (Neves, 2004:43; Aléong, 2001:168)</li> <li>• Língua homogênea, neutra (Aléong, 2001:166; Neves, 2001:322)</li> <li>• A língua baseada nas normas gramaticais (Padley, 2001:57)</li> <li>• Língua ideal (Britto, 1997:56 apud Bagno, 2001:09)</li> <li>• A fala dos socialmente dos segmentos socialmente favorecidos (Britto, 1997:56 apud Bagno, 2001:10, Aléong, 2001:145)</li> <li>• Língua que oferece prestígio social (Haugen, 2001:112)</li> <li>• Língua-padrão (Haugen, 2001:107)</li> <li>• Usos cotidianos, na família, entre amigos</li> <li>• Exige o uso refletido, monitorado, planejado da língua (Aléong, 2001:153)</li> </ul>

É importante mencionar que, embora essas crenças, esses valores e essas funções para fala/escrita e linguagem formal/informal tenham sido identificados nos trabalhos dos autores mencionados, não significa dizer que eles defendam tais aspectos. Na maioria dos casos, tais propriedades são citadas como forma de ilustrar o pensamento comum na sociedade.

No que diz respeito às dicotomias identificadas, é interessante observar que grande parte das crenças relacionadas à escrita é também relacionada à linguagem formal. Conseqüentemente, as crenças e funções inerentes à fala são também inerentes à linguagem informal.

Com base nos quadros apresentados, os quais indicavam ser o pensamento da maioria das pessoas em relação à língua, elaboramos um questionário (vide Anexo 01) com o propósito de averiguar quais crenças, valores e/ou funções inerentes à fala/escrita e à linguagem formal/informal seriam confirmadas e quais não seriam.

Em virtude de os Quadros 02 e 03 sugerirem estreita relação da linguagem formal com a modalidade escrita e da linguagem informal com a modalidade fala, as

perguntas versaram sob três aspectos: a formalidade da língua, os aspectos da língua escrita e o uso de palavras na sociedade.

Os participantes foram orientados a utilizar a escala de 1 (um) a 7 (sete) para responder cada item apresentado, permitindo alguma avaliação mais elaborada dos dados. As características representadas por cada número variaram de questão para questão, por este motivo, sempre que tais características eram alteradas, um novo quadro era mostrado para ajudar os participantes a escolherem o número mais adequado ao seu modo de pensar.

Para a realização deste experimento, contamos com a colaboração de 111 informantes, dos quais 62 eram mulheres e 49, homens, todos com faixa etária a partir de 12 anos, destes, 64 tinham entre 19 e 25 anos. Em relação à escolaridade do grupo, 71 pessoas, quase 64% do total, eram graduadas ou cursavam o nível superior; 01 cursava ou cursou o ensino fundamental; 28, o ensino médio e 11, a pós-graduação.

Todos os participantes eram alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE, nos cursos de inglês (54), francês (19) e espanhol (28). No entanto, o idioma e o semestre cursados não foram levados em consideração para a análise do questionário, visto o objetivo primordial ter sido verificar a compreensão da língua de uma forma geral dos participantes enquanto falantes nativos do português.

Os procedimentos realizados para a aplicação do questionário foram bastante simples. Primeiro, foi solicitada permissão para a realização da pesquisa no espaço do Núcleo de Línguas junto à coordenação geral e às respectivas coordenações de línguas. Em seguida consultamos os professores das turmas escolhidas e os respectivos alunos. O único critério utilizado na escolha das turmas foi o desconhecimento do objeto de estudo desta pesquisa, portanto, alunos de professores colegas do curso de mestrado ou que já tivessem tido qualquer conhecimento prévio a respeito do nosso estudo por meio de apresentações ou conversas informais não foram convidados a participar da pesquisa.

Recebido o aval do professor e dos alunos, o questionário foi aplicado, pela pesquisadora, na própria sala de aula ou no laboratório de pesquisa 01 do CMLA. Esta parte da pesquisa se deu em dias diferentes da semana; contudo, em alguns casos, o questionário foi aplicado a duas turmas simultaneamente.

Antes, porém, de procederem à leitura das questões, foi solicitado aos alunos que não levassem muito tempo refletindo sobre as respostas. Eles deveriam ler cada item e marcar a primeira impressão que lhes viesse à mente. Também foi pedido que não ficassem conferindo as respostas marcadas nas questões anteriores a fim de que não houvesse manipulação dos dados e as respostas fossem o mais natural possível.

Para a análise dos questionários respondidos, a contagem se deu de forma bastante simples: foi feito um levantamento para se saber quantas vezes cada item tinha sido marcado. Assim foi possível identificar a porcentagem representativa para cada item. A análise dos números será apresentada a seguir.

#### 2.4.1 ANÁLISE DOS DADOS – FALA/ESCRITA E LÍNGUA INFORMAL/FORMAL

A análise dos dados se encontra dividida em três partes: a primeira apresenta os aspectos referentes à linguagem formal e informal; a segunda trata dos aspectos identificados em relação à fala e à escrita; a terceira, e última parte, aponta os aspectos relacionados ao uso dos palavras.

Em princípio, procuramos verificar os aspectos relacionados às linguagens formal e informal no tocante a: os aspectos gerais e suas manifestações na língua portuguesa (questão 04) e em diversos gêneros textuais e situacionais (questões 05 e 06), suas influências no tocante ao prestígio social e à valorização dada pela sociedade mediante seu uso (questões de 07 a 11).

Em relação aos aspectos gerais do grau de formalismo da língua, foi possível constatar que as características relacionadas à linguagem informal (Quadro 04) foram confirmadas com maioria percentual em todos os casos:

Quadro 04:

<b>RESULTADOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS À LINGUAGEM INFORMAL</b>			
<b>ESCALA</b>	<b>1 a 3</b>	<b>4</b>	<b>5 a 7</b>
<b>DEFINIÇÃO DA ESCALA</b>	<i>Tende a informal</i>	<i>Neutro</i>	<i>Tende a formal</i>
<b>ITENS ANALISADOS</b>			
Linguagem comum usada pela maioria das pessoas.	88%	7%	5%
Linguagem utilizada por pessoas não-alfabetizadas.	93%	3%	4%
Linguagem que sai naturalmente durante uma conversa.	71%	19%	10%
Linguagem mais parecida com a forma que as pessoas falam.	73%	21%	6%
Linguagem aprendida desde criança.	61%	18%	21%
Linguagem falada.	69%	20%	11%

Esse levantamento revela que, segundo a opinião dos informantes, a linguagem informal é o tipo de linguagem mais utilizado pelas pessoas de um modo geral, ou seja, é a linguagem utilizada pela massa, pelo povo em suas conversas ordinárias. O desconhecimento da língua escrita por parte do indivíduo, obriga-o a comunicar-se por meio da linguagem informal. Isso porque este tipo de linguagem é, normalmente, associado à fala e, portanto, mais semelhante à forma como falamos correntemente. Por sua vez, a linguagem formal é marcada por diferentes aspectos, mostrados no Quadro 05, a seguir:

Quadro 05:

<b>RESULTADOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS À LINGUAGEM FORMAL</b>			
<b>ESCALA</b>	<b>1 a 3</b>	<b>4</b>	<b>5 a 7</b>
<b>DEFINIÇÃO DA ESCALA</b>	<i>Tende a informal</i>	<i>Neutro</i>	<i>Tende a formal</i>
<b>ITENS ANALISADOS</b>			
A língua dos grandes escritores.	4%	1%	95%
Linguagem que obedece às regras da gramática.	4%	3%	93%
Linguagem usada em discursos, palestras e conferências.	6%	1%	93%
Linguagem utilizada por pessoas cultas.	9%	5%	86%
A língua correta, livre de erros.	7%	12%	81%
Linguagem das pessoas mais ricas.	13%	31%	56%
Linguagem utilizada por um menor número de pessoas.	19%	3%	78%
Linguagem considerada mais elegante, mais chique.	3%	4%	93%
A língua aprendida com o auxílio de livros e professores.	5%	4%	91%
Linguagem aprendida na escola.	15%	24%	61%
Linguagem escrita.	8%	8%	84%

A linguagem formal (Quadro 05), por sua vez, foi largamente relacionado à escrita, ela é, conseqüentemente, a língua própria dos grandes escritores, aqueles considerados cultos e referência no campo da literatura, das gramáticas e dos dicionários. A linguagem formal é concebida como a forma de expressão correta, livre dos erros comuns à linguagem informal, por esta razão é a indicada para situações oficiais e de destaque na sociedade (este aspecto também foi confirmado pelas questões 05, 08 e 09 do questionário).

Tal qual a escrita, a linguagem formal não é acessível à maioria das pessoas pois sua aprendizagem, normalmente, acontece na escola com o auxílio de livros e professores. Entretanto, a realidade do nosso país é que muitas pessoas, principalmente aquelas que vivem na zona rural, não têm acesso à escola e, portanto, desconhecem a natureza regrada deste tipo de linguagem.

Além dos aspectos gerais envolvendo o caráter formal ou informal da língua, os informantes foram questionados em respeito ao prestígio social, decorrente do uso da linguagem formal. Nossa intenção foi verificar se as profissões das quais se espera o uso da linguagem formal são as mesmas profissões mais valorizadas pela sociedade.

Para avaliar estes aspectos foi necessário compararmos os resultados encontrados nas questões 06 e 07 (Quadro 06). Na 6ª questão, os informantes foram inquiridos a respeito das profissões as quais eles, freqüentemente, associam ao uso da linguagem formal em suas atividades. Em seguida, eles deveriam estabelecer o grau de valorização social para as mesmas profissões.

Quadro 06:

		<b>RESULTADOS SOBRE AS PROFISSÕES vs. NÍVEL DE FORMALIDADE E DE PRESTÍGIO SOCIAL</b>	
		<b>Nível de formalidade</b>	<b>Grau de prestígio social</b>
<b>Escala</b>		<b>5 a 7</b>	<b>5 a 7</b>
<b>Definição da escala</b>		<i>Tende a formal</i>	<i>Tende a valorizada</i>
<b>Profissões</b>			
Jornalista		92%	84%
Contador		61%	51%
Professor*		88%	32%
Médico		90%	96%
Juiz		96%	99%
Presidente da República		84%	93%
Político		80%	74%
Arquiteto		69%	73%

Conforme os resultados apresentados no Quadro 06, as profissões apontadas como aquelas ligadas ao uso da linguagem formal, de um modo geral, confirmaram seu prestígio social com pequenas variações. Do jornalista, por exemplo, espera-se o uso da linguagem totalmente formal ao exercer sua profissão, no entanto, é uma profissão menos valorizada que a do médico, juiz e presidente da República. É possível o nível de exigência formal para o jornalista se deva ao fato de ser uma profissão estreitamente relacionada ao uso da escrita, também ligada ao uso da linguagem formal.

Fato interessante, entretanto, diz respeito ao caso do professor. Ele é o profissional responsável pelo ensino da linguagem formal e da escrita (o professor de língua portuguesa) na sociedade, domina (ou pelo menos deve dominar) com maestria as normas gramaticais da língua, no entanto, não é valorizado pela sociedade; tampouco possui qualquer prestígio social em decorrência disso. A sua soma na escala da valorização social atingiu uma porcentagem bastante baixa (32%) se comparada aos 88% de exigência para o uso da linguagem formal. Seria um estudo de cunho sócio-cultural bastante interessante verificar as razões desse resultado.

Com exceção do professor, já mencionado, as demais profissões relacionadas ao nível informal da língua (a saber: taxista, pedreiro, gari, feirante, faxineiro e agricultor) tiveram suas maiores marcas nos graus de desvalorização social.

Ainda no tocante ao prestígio social concedido pelo domínio e uso da linguagem formal, o levantamento dos questionários mostrou que um indivíduo recebe melhor tratamento e maior credibilidade por parte da sociedade desde que seja capaz de utilizar com aptidão a escrita e o tipo de linguagem inerente a ela.

Conforme foi mostrado, por ocasião da mostra das duas dicotomias tratadas nesta pesquisa, linguagem formal e escrita compartilham crenças, valores e funções sociais. É isto que procuramos confirmar na segunda parte do questionário.

Quadro 07:

<b>RESULTADOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS MAIS RELACIONADAS À FALA</b>		
<b>ESCALA</b>	<b>1 a 3</b>	<b>OUTROS</b>
<b>DEFINIÇÃO DA ESCALA</b>	<i>Tende às características da fala</i>	_____
<b>ITENS ANALISADOS</b>		
As pessoas aprendem antes de ler e escrever.	93%	7%
Apresenta frases mais curtas.	63%	37%
É natural e muitas vezes não segue a gramática.	88%	12%
As palavras mudam, podem ser diferentes.	72%	28%
Linguagem repetitiva, com frases incompletas.	87%	13%
É cheia de rodeios para dizer uma coisa.	59%	41%
Linguagem resumida, direta.	60%	40%
Os gestos também transmitem mensagem.	84%	16%
Só dura um momento, poucos instantes.	88%	12%

Baseados no Quadro 07, que mostra as características mais relacionadas à fala, podemos constatar que as características apresentadas nos textos científicos relacionados à linguagem se confirmam na mente do falante comum. Para ele, a fala é a forma de expressão da linguagem aprendida quando criança e desenvolvida antes da capacidade de ler e escrever. A fala é momentânea, pois sua duração é equivalente ao tempo de produção das palavras. Pelo fato de o indivíduo elaborar seu discurso no decorrer da conversação, a fala é, freqüentemente, redundante e não regada pela norma-padrão culta da língua (aspecto também confirmado na questão 13 do questionário). Finalmente, ela também é instável no sentido de mudar seu aparato lingüístico com mais facilidade e rapidez que a escrita.

A única propriedade que esperávamos confirmar na escrita e que foi atribuída à fala foi o item “linguagem resumida, direta”. É possível que isto tenha ocorrido por dois motivos: primeiro, má elaboração do item, o que pode ter contribuído para confundir os informantes; ou, segundo, falta de atenção dos participantes, que pode ter gerado uma contradição, pois uma mesma forma de linguagem não pode ser, ao mesmo tempo, repleta de rodeios e direta ou resumida.

Além desses aspectos, os informantes também associam à fala o uso de determinadas expressões tais como: expressões regionais, palavrões e gírias.

Quadro 08:

<b>RESULTADOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS MAIS RELACIONADAS À ESCRITA</b>		
<b>ESCALA</b>	<b>5 a 7</b>	<b>OUTROS</b>
<b>DEFINIÇÃO DA ESCALA</b>	<i>Tende às características da escrita</i>	—
<b>ITENS ANALISADOS</b>		
É aprendida na escola.	70%	30%
Apresenta frases mais longas.	72%	28%
Obedece às regras da gramática.	93%	7%
As palavras não mudam com o tempo, são as mesmas.	77%	23%
Linguagem mais organizada, sem repetições.	91%	9%

No tocante à escrita, conforme o resultado apresentado no Quadro 08, o falante entende que seja a modalidade da língua aprendida na escola com o auxílio dos livros (gramáticas e dicionários, entre outros) e do professor. Por esta razão, a escrita deve obedecer às regras da gramática. Ao contrário da fala, a escrita é uma linguagem planejada e, portanto, mais organizada. A escrita conta com um meio material para sua veiculação, o papel, que permite seu registro e sua estabilidade em relação ao tempo.

Um outro aspecto investigado foi referente ao uso de palavrões na sociedade. Esta verificação foi importante por duas razões: primeira, eles constituem um tipo de clichê importante para esta pesquisa; segunda, o uso dos palavrões possui uma relação, mesmo que inversa, com o uso da linguagem formal na sociedade. Inversa porque, quanto mais formal a situação, menos aceitável é o uso desses termos.

Essa crença não foi identificada em nenhum dos textos lidos, contudo, revelou-se por meio de um fato verídico ocorrido em Fortaleza, Ceará, em março deste ano<sup>51</sup>. A casa de show “Siará Hall” realizaria um show na cidade com os cantores Marcelo D2 e Pitty. Para tornar público o evento, foram espalhados *outdoors* por toda a cidade divulgando o dia e o local do evento. No *outdoor* constava parte de uma música do cantor Marcelo D2 dizendo o seguinte: “Vamos fazer barulho, porra!”. Não demorou muito para que o Ministério Público (MP) entrasse com uma ação judicial contra a casa de show, exigindo a retirada, em caráter urgente, dos *outdoors*, em virtude do palavrão exibido. Segundo o MP, o palavrão “feria a lei e atentava contra a moral e os bons costumes da sociedade fortalezense”. Como resultado, o termo “porra” foi coberto por adesivos em todos os *outdoors* e o show acabou não acontecendo<sup>52</sup>.

Como indivíduos integrantes da sociedade, sabemos que os palavrões são comumente utilizados, aos menos, informalmente. Entretanto, o fato ocorrido em Fortaleza mostrou que a sociedade considera seu uso público ofensivo e prejudicial aos “bons costumes”.

Com base nestes fatos, esta terceira e última parte do nosso questionário esteve, pois, ligada ao caso dos palavrões. As três perguntas envolvendo o assunto,

---

<sup>51</sup> <http://www.liberdadedigital.com.br/?p=534>. Acesso em: 02/04/07.

<sup>52</sup> De acordo com as notícias divulgadas, o show não aconteceu devido o atraso dos repetidos problemas gerados pelos controladores de vôo, o que impossibilitou a chegada de um dos cantores em Fortaleza. Mesmo assim, acreditamos que o fato mencionado em relação ao palavrão tenha contribuído de alguma forma para o cancelamento do show.

levaram os informantes a refletirem, ao menos rapidamente, a respeito da aceitação ou rejeição ao uso de palavrões pelas pessoas em diversas situações.

Na questão 14, cada sujeito deveria avaliar o uso dos palavrões considerando sua opinião pessoal, individual. Surpreendentemente, o uso de palavrões foi tido como inaceitável em quase todas as situações apresentadas conforme mostra o Quadro 09, a seguir:

Quadro 09:

<b>RESULTADOS SOBRE A (IN)TOLERÂNCIA DOS SUJEITOS EM RELAÇÃO AO USO DE PALAVRÕES</b>		
<b>ESCALA</b>	<b>1 A 3</b>	<b>OUTROS</b>
<b>DEFINIÇÃO DA ESCALA</b>	<i>Tende à intolerância</i>	—
<b>ITENS ANALISADOS</b>		
Os palavrões de um modo geral	66%	44%
Os palavrões quando escritos em um local público	89%	11%
Os palavrões quando escritos em um local privado	47%	53%
Os palavrões quando falados por alguém	81%	19%
Os palavrões ditos por alguém conhecido	48%	52%
Os palavrões ditos por alguém desconhecido	75%	25%

Em relação ao uso de palavrões (Quadro 09), 66% dos participantes acharam que os palavrões, de um modo geral, são inaceitáveis; 89%, que são inaceitáveis quando escritos em um local público, confirmando a rejeição do *outdoor* no caso mencionado anteriormente (do cantor Marcelo D2). Oitenta e um por cento dos informantes acharam que os palavrões são inaceitáveis quando falados por uma pessoa qualquer e, 75%, quando ditos por alguém desconhecido.

O único caso em que parece haver uma intolerância menor em relação ao uso de palavrões é quando ele é proferido por alguém conhecido, com quem se tenha certo grau de intimidade. Neste caso, as opiniões ficaram bastante divididas: 40% apresentaram uma tendência à aceitação, enquanto 48% tenderam à intolerância quanto ao uso desses termos. Na realidade, isto ocorre não apenas com os palavrões,

porém com o comportamento de um modo geral: as pessoas, normalmente, tendem a relaxar na presença de amigos e esquecer um pouco as convenções sociais.

Na penúltima questão do questionário, os participantes analisaram situações e lugares específicos nos quais eles acham que a sociedade tolera ou aceita o uso dos palavrões. Neste caso, o fator “intimidade” parece ter estreita relação com o uso dos palavrões. Na questão anterior, a pesquisa mostrou que o palavrão é tolerado socialmente quando proferido por alguém conhecido. Na penúltima questão, a intimidade parece exercer influência novamente quanto ao uso de palavrões no teatro, em filmes, livros e músicas. Os itens: amigos, júri, jornal televisivo, *outdoor*, discurso político, sermão de igreja e sala de aula, tiveram uma tendência à intolerância, com porcentagens superiores a 50%. Por outro lado, o uso de palavrões no teatro, em filmes, em livros e em músicas teve uma variação muito grande e, portanto, sem qualquer tendência.

Escolhemos o termo “intimidade” para justificar esta ocorrência porque: primeiro, não foi possível verificar se as respostas sofreriam uma variação dependendo da presença de outras pessoas em cada uma das situações. É possível que as pessoas se sintam à vontade para ouvir um palavrão em um filme desde que estejam sozinhas, pois a presença de mais alguém poderia gerar certo desconforto. Segundo, as peças teatrais e os filmes da atualidade tendem a representar a vida cotidiana de pessoas comuns, o que causa uma identificação com o espectador. O espectador enquanto indivíduo tem consciência de que os palavrões fazem parte da vida comum e que, por conseguinte, podem ser usados no teatro e em filmes. Terceiro, os livros e as músicas, considerados obras artísticas, possuem o que chamamos “licença poética” e, por este motivo, podem apresentar qualquer tipo de linguagem em seus textos.

Os cidadãos, sobretudo os mais jovens, parecem não se importar com o uso de palavrões em músicas. Basta observarmos o grande público de cantores como Marcelo D2, Gabriel O Pensador e os falecidos Mamonas Assassinas, por exemplo, os quais costumam utilizar tais termos em suas músicas.

Observa-se, pois que o uso de palavrões está relacionado ao nível de formalidade/informalidade das situações nas quais o falante se encontra. Por esta

razão, os palavrões são proibidos em audiências jurídicas, jornais, outdoors, discursos políticos, sermões de igreja e em sala de aula.

Apesar do que foi revelado pelos questionários até o momento, no que diz respeito ao uso dos palavrões: aceitos desde que usados por alguém com quem se tenha um certo grau de intimidade e tolerados em teatros, filmes, livros e músicas, os informantes revelaram ser aceitável o uso de palavrões pelos adolescentes. Coincidência ou não, o *corpus* desta pesquisa é constituído por dois filmes acerca do mundo adolescente.

#### 2.4.2 UMA PROPOSTA DE MCIS PARA ESCRITA, LINGUAGEM FORMAL E PALAVRÕES

Com base nos dados revelados pela pesquisa realizada, foi possível elaborarmos três modelos cognitivos idealizados: um para língua escrita, outro para linguagem formal e mais um para os palavrões. É importante lembrarmos que os MCIs apresentados a seguir podem não corresponder à realidade, contudo, representam as crenças e valores dos participantes enquanto falantes nativos do português e enquanto integrantes de um meio cultural particular.

O primeiro MCI elaborado a partir dos resultados revelados pelos questionários foi o modelo para a escrita. Este MCI mostra que a escrita recebe certo grau de prestígio em relação à fala porque é aprendida em um lugar especial, a escola, lugar reservado àqueles que têm a chance de freqüentá-la, pois não está ao alcance dos que a querem, porém dos que conseguem ter acesso a ela. Da mesma forma, a escrita exige o domínio de um tipo de linguagem que não é acessível a todos os indivíduos da sociedade, apenas àqueles que conseguem freqüentar a escola.

A língua escrita é superior à fala porque é capaz de conservar a pureza da língua apesar do tempo. A pureza está relacionada à norma padrão culta utilizada pela escrita e que permanece intocável e imutável por meio de materiais impressos. A escrita não carrega a marca pessoal do falante, antes, por meio de regras generalizadas, faz com que ele fique incógnito entre tantos outros que dela se utilizam.

A escrita é a forma de expressão da língua mais elaborada, mais rebuscada. A ela são dispensáveis todas as redundâncias, repetições, reformulações e exageros atribuídos à fala.

Aquele ou aquela que domina a escrita com propriedade tem mais acesso à informação, ao conhecimento, a outras culturas e, portanto, recebe mais chances de acender socialmente se comparado (a) àqueles que a ignoram. Em síntese, o MCI para escrita (Quadro 10) fica representado da seguinte maneira:

Quadro 10:

<b>MCI PARA LÍNGUA ESCRITA</b>
<p>A LÍNGUA ESCRITA É:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• a língua aprendida na escola, fora do seio familiar, com o auxílio de livros e professores</li><li>• a língua que obedece às normas gramaticais ditadas pelas gramáticas e dicionários</li><li>• a linguagem mais organizada em termos de texto e pensamento</li><li>• estável em relação ao tempo, ou seja, mantém o padrão “ideal” da língua, a salvo das constantes mudanças da fala</li><li>• o tipo de linguagem neutra, sem marcas pessoais, particulares a um certo indivíduo, ou grupo social</li><li>• é explícita e, portanto, independente do contexto</li><li>• a língua que oferece certo grau de prestígio social, pois seu desconhecimento pode desvalorizar o indivíduo</li></ul>

No MCI construído para linguagem formal (Quadro 10), foi possível identificar vários valores atribuídos também à escrita. Isto mostra que, para o falante, a escrita e linguagem formal estão estreitamente relacionadas em suas funções e valores.

O MCI apresentado para linguagem formal revela a crença na superioridade deste tipo de linguagem em relação a outros tipos, principalmente, a linguagem informal. Esta é tida como a expressão da linguagem suscetível a “erros” e “desvios” e isto faz com que ela fique em uma posição inferior quando comparada à linguagem “correta”, considerada “ideal” para a comunicação. Assim como a escrita, a linguagem formal é aprendida na escola, com o auxílio de livros e professores.

No Brasil, o acesso à escola não é realidade na vida de muitos e a aquisição de livros mais restrita ainda, como consequência, a linguagem formal é uma forma de expressão dominada por poucos usuários da língua. Estes são considerados pessoas cultas e, portanto, falantes superiores em relação aos demais. O domínio da linguagem

formal oferece oportunidades a empregos melhores, a estudos em graus mais avançados e acesso a diversos grupos sociais aos quais um falante considerado anódino dificilmente teria acesso. Resumindo o que foi discutido, o MCI para linguagem formal fica representado no Quadro 11, a seguir:

Quadro 11:

MCI PARA LINGUAGEM FORMAL
<p>A LINGUAGEM FORMAL É:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• a língua perfeita, “ideal”, correta, livre de erros</li><li>• uma linguagem melhor, se comparada aos demais tipos</li><li>• regida pelas normas gramaticais</li><li>• associada à língua escrita</li><li>• o tipo de linguagem apropriada para ocasiões oficiais e importantes</li><li>• a língua usada pelos grandes escritores</li><li>• a língua utilizada por pessoas cultas</li><li>• aprendida na escola com o auxílio de livros e professores</li><li>• utilizada e acessível a um menor número de pessoas</li><li>• a língua que confere prestígio social aos seus usuários</li></ul>

É pertinente salientar que, como mostramos no início deste capítulo, os MCIs podem não corresponder à realidade. Na pesquisa realizada, os informantes associaram a linguagem formal à escrita, retomando a idéia de perfeição, freqüentemente, associada às obras literárias. No entanto, essa correspondência entre escrita e linguagem formal não ocorre com tanta exclusividade. Como exemplo, podemos citar o caso dos bilhetes e das conversas via *messenger* (MSN), dentre outros, que se manifestam na forma da língua escrita, porém com grande tendência ao uso informal da língua.

Após a discussão a respeito dos MCIs identificados para escrita e linguagem formal, finalmente, chegamos ao último modelo proposto: o MCI para palavras (Quadro 12). Enquanto o uso e domínio da escrita e da linguagem formal estão relacionados a valores como polidez, perfeição e valorização social, o uso de palavras fica mais restrito às imperfeições da linguagem e, portanto, à fala e à informalidade.

Quadro 12:

<b>MCI PARA PALAVRÃO</b>
<p>O PALAVRÃO É:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• termo ou expressão tabu na sociedade</li><li>• usado para insultar ou ofender outras pessoas</li><li>• usado para expressar extrema raiva ou alegria</li><li>• inaceitável em ocasiões, locais e meios públicos</li><li>• associado à intimidade do indivíduo em relação a si mesmo e aos outros</li><li>• inaceitável em situações oficiais e importante</li><li>• inaceitável se utilizado por crianças ou pessoas mais velhas, independentemente de sua posição social</li><li>• aceitável se utilizado por adolescentes</li></ul>

O uso de palavrões, motivado por qualquer que seja a razão – muita raiva ou muita alegria –, é considerado tabu social, ou seja, publicamente, seu uso é considerado inapropriado, ou mesmo, inaceitável. Pessoas que ocupam posições de destaque em qualquer instituição ou grupo social não devem fazer uso de tais expressões sob pena de ofender até mesmo pessoas às quais o termo não foi dirigido.

O uso de palavrões está mais relacionado ao grau de intimidade e privacidade em que o indivíduo se encontra. Por exemplo, um palavrão pode ser aceito se proferido por um amigo, porém rejeitado se for usado por outra pessoa; ele pode ser usado sem causar constrangimento ao ouvinte em ambientes mais íntimos ou em um grupo reduzido de amigos ou conhecidos, por outro lado, pode ofender ou constranger outrem caso seja usado em lugares públicos ou entre pessoas estranhas.

Normalmente, o uso de palavrões é rejeitado e inaceitável no discurso de qualquer pessoa, no entanto, seu uso é aceitável quando se tratar de adolescentes. É possível que a sociedade, de um modo geral, esteja acostumada às “infrações” acometidas pelos adolescentes em virtude de sua dificuldade em aceitar as convenções sociais, então, torna-se comum e, conseqüentemente, aceitável o uso destes termos nesta faixa etária.

Neste capítulo, discutimos a influência da metáfora conceitual na linguagem ordinária utilizada pelos falantes de uma língua. Também vimos como ela auxilia na forma como categorizamos a comunicação e como nos expressamos lingüisticamente em relação a ela. Além disso, comentamos sobre os MCIs e sua função na formação e propagação de crenças e valores sócio-culturais. Finalmente, propusemos MCIs para escrita, linguagem formal e palavrões a partir de uma pesquisa com falantes nativos do português do Brasil. Em nosso próximo, e último capítulo, analisaremos como esses modelos interferem na tradução de fraseologismos e clichês de raiva para as legendas de dois filmes americanos: *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*.

A análise foi feita com base na comparação entre o texto oral em inglês de cada filme e a tradução dada nas legendas para cada termo ou expressão. Para finalizar, aplicamos um outro experimento com o propósito de verificar que tipo de linguagem o espectador prefere encontrar nas legendas: a linguagem formal, obedecendo ao MCI de linguagem formal escrita, ou a linguagem informal, contrariando os MCIs construídos neste capítulo.

### **3. ANALISANDO AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO NAS LEGENDAS DE *10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ* E *MENINAS MALVADAS***

Este capítulo mostra os resultados encontrados na análise das legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas* e na pesquisa de recepção do público em relação às novas legendas. Na análise das legendas, identificamos as estratégias utilizadas na tradução de fraseologismos e clichês de raiva utilizados pelos personagens de ambos os filmes. Também procuramos relacionar tais estratégias aos MCIs construídos no capítulo anterior. A pesquisa de recepção foi realizada para verificar se o público prefere legendas em concordância ou que contrariem os MCIs para escrita, linguagem formal e palavrões identificados no capítulo anterior.

Com o objetivo de melhor organizar os nossos dados e torná-los mais compreensíveis, optamos apresentá-los em dois capítulos. A partir dos *filmscripts* e das legendas dos filmes, realizamos várias análises, dentre as quais, comparação entre as listas de palavras originadas do *corpus* para verificar aspectos inerentes à fala e à escrita que pudessem ser revelados por meio da frequência das palavras em cada texto; comparação entre as expressões selecionadas nos filmes e suas respectivas traduções nas legendas; e associação das traduções analisadas aos MCIs propostos anteriormente. No próximo capítulo, relatamos os resultados da pesquisa de recepção do público. Neste, apresentamos a análise das estratégias de tradução dos fraseologismos e clichês de raiva identificados nos dois filmes.

### 3.1 OS FILMES

#### *Dez coisas que eu odeio em você*

*Dez coisas que eu odeio em você* (*Ten things I hate about you* –1999) é um filme dirigido por Karen McCullah Lutz & Kirsten Smith, baseado na obra de Shakespeare *Taming of the Shrew* (*A Megera Domada*) – também adaptada pela rede Globo de televisão para a novela *O Cravo e a Rosa*. Para o corpus desta pesquisa foi utilizada uma cópia em DVD, com legendas em português feitas pela Dolby Digital.



Esse filme foi escolhido por apresentar um enredo simples, com situações bastante semelhantes à vida ordinária comum, ou seja, situações informais. Em consequência disso, os personagens também utilizam uma linguagem do cotidiano e, portanto, informal.

No filme, Cameron (Joseph Cordon-Levitt) é um aluno novato em *Padua High School* e Michael (David Krumholtz) é o encarregado de lhe mostrar as dependências e os alunos da escola. Durante um passeio no pátio da escola, Cameron vê Bianca pela primeira vez e se apaixona. Bianca Stratford (Larisa Oleynik) é aluna do primeiro ano e faz o tipo garota rica mimada. É irmã de Kat (Julia Stiles), aluna do último ano que faz o estilo garota rebelde. Bianca é imatura e adora ser bajulada pelas pessoas, enquanto Kat, independente, sonha em estudar na costa leste dos Estados Unidos e formar uma banda de rock.

Ao saber do interesse do amigo por Bianca, Michael trata de explicar que as Stratford não podem namorar por proibição do pai, um obstetra viúvo que vive aterrorizado pela idéia de que as filhas adolescentes engravidem. Para evitar que seu pesadelo se torne realidade, o senhor Stratford proíbe que as filhas saiam com garotos. Kat, a filha mais velha, não se incomoda com as proibições do pai, porque está decidida em não arrumar namorado; Bianca, por outro lado, é louca para namorar.

Em uma das discussões em família, o pai resolve voltar atrás em suas proibições e estabelece uma nova regra: Bianca pode começar a namorar se a irmã também arranjar um namorado. Ao saber da nova regra, Cameron e Michael se empenham em conseguir um candidato adequado para Kat. Durante suas investigações, Cameron e Michael encontram Patrick Verona (Heath Andrew Ledger), um australiano cheio de mistérios, no estilo rebelde perigoso.

Para convencê-lo a sair com Kat, os garotos organizam um plano: Michael procura Joey (Andrew Keegan) – um modelo muito vaidoso e também interessado em sair com Bianca – e convence-o a pagar um rapaz para sair com Kat; assim, ele poderia sair com Bianca. Joey aceita o conselho e contrata Patrick para fazer o serviço. Cameron e Michael ficam encarregados de ajudar o rapaz a se aproximar de Kat, enquanto Cameron arranja desculpas para ficar perto de Bianca.

Depois de repetidos contatos com Kat, Patrick se apaixona, mas não conta nada a Kat sobre o pagamento que recebera para sair com ela. Tudo corria muito bem até que, durante o baile de formatura, tudo vem à tona: Joey descobre que foi passado para trás e Kat fica sabendo que o namorado fôra pago para conquistá-la. Após brigas e discussões, Bianca enamora-se de Cameron, e Kat faz as pazes com Patrick, indo estudar em Sarah Lawrence, uma universidade na costa leste americana.

### *Meninas malvadas*

No mesmo estilo de *Dez coisas que eu odeio em você*, o filme *Meninas malvadas* (*Mean Girls*) é uma adaptação do livro *Queen bees and wannabes* (sem versão para o português), de Rosalind Wiseman.

Dirigido por Mark Waters, *Meninas malvadas* (2004) conta a história de Cady (Lindsay Lohan), uma garota que tenta se adaptar em uma nova escola depois de viver anos no safári da África com os pais. Tentando encontrar seu lugar entre adolescentes com os mais variados estilos de vida, Cady cruza o caminho da descolada e calculista Regina (Rachel McAdams), líder do grupo de garotas mais famoso da escola, conhecido como “As Poderosas”.



A linguagem informal também predomina em todo o filme, da mesma forma que as situações de conversas, brigas e discussões familiares e entre amigos.

A princípio, a garota novata e Regina parecem ser boas amigas, entretanto, quando Cady se apaixona por Aaron Samuels (Jonathan Bennett), ex-namorado de Regina, a guerra começa. Regina se oferece para ajudar Cady a conquistar o garoto, porém, durante uma festa de *Halloween*, Regina retoma o namoro apenas para ferir a nova amiga. Furiosa por causa da traição de Regina, Cady e seus amigos, Janis Ian (Lizzy Caplan) e Damian (Daniel Fanzese), arquitetam um plano para arruinar a vida social da traidora. Assim, Cady passa a investir seu tempo em uma guerra que acaba envolvendo todo o colégio em uma grande confusão.

Primeiro, Cady e seus amigos fazem com que Regina perca o namorado, Aaron. Depois, descobrem uma forma de fazê-la engordar sem que perceba; em pouco tempo as roupas “transadas”, da moda, já não servem, e Regina começa a se vestir como pode. Sem um namorado popular e sem um corpinho bonito, Regina logo perde o poder sobre suas seguidoras: Gretchen e Karen. Ao descobrir-se arruinada e vítima de um plano elaborado, Regina resolve dar o troco: tornar público o “Livro do Arraso” (livro em que “As Poderosas” colavam fotos e escreviam fofocas a respeito das pessoas que não gostavam). Como resultado, todo o colégio entra em guerra e Cady é a principal suspeita de ser a autora do livro. Para resolver a situação, Cady precisa pedir desculpas a todos que magoara, inclusive Regina.

### 3.2 LISTAS DE PALAVRAS: ANÁLISE PRELIMINAR

Para uma primeira aproximação com os dados do gerados pelo *corpus*, utilizamos o programa para análise de *corpus* lingüístico eletrônico *Wordsmith 3.0*, que, a partir dos *filmscripts* e das legendas dos filmes, forneceu uma lista das palavras que apareceram em cada uma desses textos. As listas de palavras foram elaboradas

para facilitar a localização das expressões a serem analisadas, bem como suas respectivas traduções. Além disso, essas listas também possibilitaram uma análise preliminar, a partir da comparação entre a frequência de palavras em textos orais (*filmscripts*) e textos escritos (legendas).

Inicialmente, foram elaboradas quatro listas: duas forneceram a frequência das palavras que apareceram nos textos orais em inglês, dos dois filmes em inglês, *Dez Coisas que eu odeio em você* e *Meninas Malvadas*; as outras duas listas apresentaram a frequência das palavras que constavam nas legendas em português de cada um dos filmes.

Posteriormente, para comparação entre a frequência das palavras das listas, duas outras listas foram elaboradas: uma de um texto oral em português e outra de um texto escrito em inglês. Esta foi comparada às listas dos textos orais (*filmscripts*) em inglês de *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*, enquanto aquela foi comparada com as listas das legendas dos mesmos filmes.

As listas dos textos orais em inglês foram contrastadas com a lista de um texto escrito na mesma língua; e as listas dos textos escritos em português, das legendas, com um texto oral também em português. A análise foi feita desta forma com o propósito de verificarmos as semelhanças e/ou diferenças mostradas no *corpus* em relação aos aspectos da fala e da escrita.

Uma comparação direta entre as listas não seria viável por duas razões: primeiro, inglês e português possuem aspectos diferentes relacionados à fala e à escrita, ou seja, a presença ou ausência de determinadas palavras não se justifica da mesma forma nas duas línguas, por exemplo, “would you” e “could you” podem ser usados para pedidos tanto na oralidade quanto na língua escrita. Em português, “você poderia” (mais característico da escrita) e “você podia” (mais relacionado à oralidade) são usados em modalidades diferentes da língua. Segundo, uma comparação entre as listas de idiomas diferentes levaria à busca de “equivalentes” textuais, idéia rejeitada em nossa fundamentação teórica ao falar em teorias da tradução. Por essas razões, optamos por comparar textos orais e escritos do mesmo idioma e averiguar os aspectos envolvidos entre as modalidades falada e escrita da língua.

A priori, nossa tentativa foi de examinar se os termos de maior frequência nas listas de palavras geradas a partir dos filmes eram diferentes ou não quando comparados a um respectivo texto oral ou escrito. Isto é, as duas listas do inglês oral (*filmscripts* dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*) foram comparadas a uma lista feita com base em um outro texto do inglês escrito (*A Young Girl's Diary*)<sup>53</sup>, também em inglês. As duas listas do português escrito (legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*) foram comparadas a uma lista elaborada a partir de um outro texto do português oral (*Diálogo entre dois informantes*)<sup>54</sup>. Em relação ao número de palavras diferentes em cada texto, temos o seguinte: *10 coisas que eu odeio em você* utiliza 1.586 palavras diferentes em inglês e 1.781 em português; *Meninas malvadas* apresenta 1.683 palavras diferentes em inglês, e 1.778 em português; o texto escrito em inglês, *A Young Girl's Diary*, possui 329 palavras diferentes; e o texto oral em português, *Diálogo entre informantes*, 642.

Nessa análise inicial, nossa intenção foi de explorar as listas de palavras geradas pelo *corpus* e verificar possíveis semelhanças e/ou diferenças entre os textos orais e escritos do inglês e do português. Contudo, as análises não são conclusivas, e as observações realizadas apenas poderão ser confirmadas por meio de um estudo mais amplo, que contemple um leque maior de textos orais e escritos em diferentes gêneros.

As listas também foram utilizadas para localizarmos os termos e expressões de nosso interesse, como também suas respectivas traduções. Depois de devidamente localizadas, expressões e traduções foram separadas para análise posterior. Sempre que necessário, a ferramenta de concordância (*concord*), também do programa *Wordsmith 3.0*, foi utilizada para a identificação do contexto em que cada expressão havia sido usada.

Para a análise dos termos em inglês, sobretudo dos clichês de raiva, contamos com o auxílio de dicionários (impressos e *on-line*), *corpus* eletrônicos (BNC e *Bank of English*) e do site *Google*. Quanto às traduções, a escassez de material fez

---

<sup>53</sup>FREUD, Sigmund. **A Young Girl's Diary**. Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000. [www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br). Cited: 20/04/07.

<sup>54</sup>KOCH, Ingedore Villaça. **A inter – ação pela linguagem**. Coleção Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Contexto, 4ª edição, 1998, pp. 79-91.

com que as analisássemos com base em nossas intuições enquanto falantes nativos do português e em pesquisa de frequência de palavras no *Google*.

Após a reflexão sobre o processo tradutório das expressões selecionadas, elaboramos quadros-resumo para melhor delinear as estratégias de tradução identificadas nas legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*.

Comparando-se as listas em inglês (Anexo 02), foi possível observar que dentre as dez palavras de maior frequência em cada lista, 07 (sete) – *the, I, to, and, a, that* e *it* – coincidiram nas três listas. No entanto, este pequeno universo de apenas dez palavras (ver Quadro 13) ainda revelou alguns aspectos interessantes em relação a oralidade e a escrita dos textos em inglês. O pronome *you*, por exemplo, foi a palavra de maior frequência em *10 coisas que eu odeio em você* (freq. 429; 5,23%) e a segunda palavra em *Meninas malvadas* (freq. 415; 3,98%), porém foi a 23ª palavra em frequência em GD (freq. 635; 0,69%)<sup>55</sup>. Este fato pode ser explicado pelo fato de a interação entre locutores ser bem maior em um texto oral que em um texto escrito.

Quadro 13:

QUADRO COMPARATIVO DAS LISTAS DOS TEXTOS EM INGLÊS											
TEXTO ESCRITO – INGLÊS				TEXTO ORAL – INGLÊS – MM				TEXTO ORAL – INGLÊS – DC			
<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	THE	2.901	3,16	1	I	415	3,98	1	YOU	429	5,23
2	I	2.897	3,15	2	YOU	415	3,98	2	I	336	4,1
3	TO	2.775	3,02	3	TO	217	2,08	3	A	180	2,2
4	AND	2.719	2,96	4	THE	207	1,98	4	THE	178	2,17
5	SHE	1.811	1,97	5	IT	191	1,83	5	TO	173	2,11
6	A	1.782	1,94	6	A	188	1,8	6	THAT	131	1,6
7	THAT	1.632	1,78	7	THAT	134	1,28	7	ME	114	1,39
8	IT	1.540	1,68	8	AND	133	1,27	8	AND	98	1,2
9	IS	1.293	1,41	9	SHE	133	1,27	9	IT	96	1,17
10	OF	1.241	1,35	10	ME	110	1,05	10	KNOW	81	0,99

Em *10 coisas que eu odeio em você*, por exemplo, a palavra que ocupa o 10º lugar no *hanking* das frequências é *know* (freq. 81; 0,99%), a primeira palavra de conteúdo da lista. Combinado com o pronome *you*, o verbo *know* forma um marcador

<sup>55</sup> Em GD, por ser um texto mais extenso e, evidentemente, com maior número de palavras, a frequência mostrada é bem maior em relação às frequências encontradas em *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. Contudo, sua porcentagem é menor quando considerada em relação ao todo do texto.

conversacional bastante freqüente em diálogos. Como marcador conversacional, *you know* apareceu 34 vezes ao longo do texto de *10 coisas que eu odeio em você*. Além de combinar com *you*, *know* também apareceu bastantes vezes acompanhado por *I* (freq. 336; 4,1% - segunda palavra mais freqüente em *10 coisas que eu odeio em você*). Desta combinação surge outro marcador conversacional, *I know*, que apareceu 21 vezes durante os diálogos.

Em *Meninas malvadas*, o pronome *you* aparece com a mesma freqüência de *I* (freq. 415; 3,98 – primeira palavra da lista). Neste caso, a primeira palavra de conteúdo na lista é *was* (freq. 85; 0,81% - 16º lugar na ordem de freqüência), verbo que acompanha *I* e *she* (9ª posição na lista). Como forma de interação comunicativa mais significativa entre os personagens, *you* aparece em situações de perguntas diretas a outras pessoas acompanhado de *are* (*are you* – 18 vezes), *do* (*do you* – 25 vezes), *have* (*have you* – 05 vezes) e *did* (*did you* – 15 vezes).

Outro aspecto também revelado pelas listas de palavras em inglês foi em relação aos palavrões. Provavelmente, por ser um texto escrito, GD não apresenta nenhum palavrão, ao passo que *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas* apresentam vários deles, os quais serão analisados na próxima seção.

Em relação às legendas e o texto oral em português – DI – (Anexo 03), o uso de palavrões foi o oposto do esperado: DI não mostrou nenhum palavrão, mesmo sendo um texto oral, enquanto as legendas, textos escritos, exibiram vários deles. Neste caso, é pertinente salientar que o texto oral utilizado para esta análise inicial não representa uma conversa do dia a dia por dois motivos: primeiro, porque os turnos de fala não são equilibrados, isto é, uma pessoa fala por um longo período de tempo, enquanto a outra apenas ouve ou faz pequenos comentários. O tema da conversa gira em torno das atividades diárias de duas mulheres nas diversas funções que desempenham ao longo do dia (mãe, esposa, dona-de-casa, funcionária, mulher etc.). Elas falam a maior parte do tempo de uma terceira pessoa (do marido, dos filhos, do patrão etc.) e não de si ou do ouvinte, por esse motivo, a freqüência dos pronomes “eu” e “me”, por exemplo, são menores do que o esperado. O pronome “você” não aparece uma única vez, conforme mostrado no Quadro 14, a seguir:

Quadro 14:

QUADRO COMPARATIVO DAS LISTAS DOS TEXTOS EM PORTUGUÊS											
TEXTO ORAL – PORTUGUÊS				LEGENDAS – PORTUGUÊS MM				LEGENDAS – PORTUGUÊS DC			
<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	NÃO	79	3,87	1	NÃO	256	2,93	1	QUE	252	3,88
2	É	70	3,43	2	É	248	2,84	2	NÃO	251	3,86
3	DE	56	2,74	3	QUE	244	2,79	3	É	162	2,49
4	A	55	2,69	4	DE	226	2,59	4	DE	144	2,21
5	E	53	2,59	5	A	225	2,58	5	O	138	2,12
6	QUE	51	2,5	6	O	179	2,05	6	A	113	1,74
7	O	40	1,96	7	VOCÊ	163	1,87	7	VOCÊ	103	1,58
8	ENTÃO	37	1,81	8	EU	128	1,47	8	E	101	1,55
9	AHN	36	1,76	9	ELA	125	1,43	9	UM	83	1,28
10	SE	35	1,71	10	E	108	1,24	10	ME	74	1,14

O segundo motivo que nos leva a considerar DI um texto não representativo de uma conversa cotidiana do português do Brasil é a não naturalidade do discurso em vários momentos. Os informantes apresentam um discurso parcialmente monitorado, com o uso de tempos verbais não comuns na oralidade (futuro e pretérito do futuro do indicativo), a não contração de preposições (pra, pro, num) e a conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural (nós) em vez de “a gente” acompanhado do verbo na terceira pessoa do singular. Contudo, em virtude da dificuldade encontrada em localizarmos um outro texto oral em português, optamos pela sua utilização.

Quanto aos aspectos orais identificados em DI, destacamos o uso da palavra “então” (freq. 37; 1,81%) e da interjeição “ahn” (freq. 36; 1,76%). Embora seja também utilizada na língua escrita para expressar relação de consequência entre orações, “então” aparece repetidas vezes durante o discurso oral, para mostrar a seqüência de fatos apresentados pelo interlocutor. Seu uso é tão freqüente na fala que, algumas vezes, ela é usada apenas para dar continuidade à conversa, sem, necessariamente, apresentar qualquer relação com o que foi dito anteriormente; por exemplo: “Com as crianças **então** esperamos que não haja maiores problemas” e “**Então** eu tenho muita muita tarefa também fora” (trecho de DI). A interjeição “ahn”, bastante freqüente em DI, é marca típica da oralidade e aparece como marca de interação entre os interlocutores, isto é, aquele que ouve usa esta expressão para mostrar sua atenção em relação ao que está sendo dito.

Em *10 coisas que eu odeio em você*, “então” aparece na 99ª posição (freq. 18; 0,28%) e a interjeição “ahn”, na 53ª (freq. 07; 0,11%). Em *Meninas malvadas*, “então” aparece na posição 25 e a interjeição não aparece. Em outras palavras, é possível perceber que os aspectos da oralidade presentes em DI não aparecem com a mesma frequência nas legendas dos filmes, embora estas últimas sejam textos que representam a fala dos personagens.

Para concluir esta parte da análise, verificamos que, nos textos utilizados, oralidade e escrita apresentam aspectos diferentes quanto à utilização de palavras e expressões durante sua realização: os textos orais tendem a manter, principalmente, as marcas de interação com o interlocutor, ao passo que, nos textos escritos, esta característica tenha uma tendência a desaparecer.

A seguir, analisamos o uso da linguagem formal nas legendas dos filmes escolhidos e sua influência na representação da oralidade na escrita.

### **3.3 O USO DA LINGUAGEM FORMAL NAS LEGENDAS DE *10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ* E *MENINAS MALVADAS***

As expressões apresentadas a seguir foram traduzidas a partir da linguagem informal no inglês americano para a linguagem formal no português do Brasil. As regras gramaticais envolvidas nas traduções foram: a conjugação dos verbos em tempos não comuns à língua falada; a posição do pronome oblíquo na frase, não freqüente em situações informais; a rejeição à forma contraída de algumas preposições, bastante comuns à língua falada; e o uso de vocabulário não comum na oralidade.

Pawley e Syder (1983:193; *apud* Araújo, 2001:06) afirmam que os falantes de uma língua usam somente um pequeno número de estruturas durante sua fala. Estas estruturas dizem respeito às combinações gramaticais e a um determinado conjunto de vocabulários aos quais o falante nativo de uma língua recorre quase que inconscientemente durante uma conversa. Por outro lado, o vocabulário utilizado na

escrita, por exemplo, procura fugir do trivial e recorre a palavras consideradas mais rebuscadas para a elaboração de um texto.

Nas legendas do filme *10 coisas que eu odeio em você*, a tradução acompanhou os padrões da escrita e adotou o uso de vocabulário não comum à língua falada como recurso de elaboração para o seu texto.

Nos exemplos mostrados a seguir, e em todos os outros desta seção, os exemplos foram colocados em quadros onde a primeira coluna corresponde ao texto oral do filme indicado, enquanto, na segunda coluna, aparecem as legendas correspondentes ao trecho em inglês. É importante mencionar que as legendas dos quadros, nem sempre, correspondem às linhas do texto oral devido a sua formatação. Um espaço maior entre uma linha e outra, indica que houve mudança de legendas na tela, enquanto a ausência deste indica a exibição simultânea das linhas. Os grifos em algumas palavras dos exemplos são apenas ilustrativos, não constam nas legendas originais. Vejamos os dados, conforme o item observado.

### 3.3.1 VERBOS

Quadro 15 – DC<sup>56</sup>:

Exemplos de tempos verbais usados na fala dos personagens e suas legendas correspondentes	
TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>You won't find</i>	Você não <b>achará</b>
<i>You could give me a ride home?</i>	Você me <b>daria</b> uma carona?
<i>Would you do that, for me?</i>	-E <b>faria</b> isso por mim?
<i>Oh, I don't know. Maybe we should ask Kat.</i>	Não sei. <b>Seria</b> melhor perguntarmos pra Kat.
<i>I thought you could use it.</i>	Achei que <b>gostaria</b> de usá-la
<i>The night I take you to places you've never been before.</i>	<b>Será</b> a noite que te <b>levarei</b> a lugares que nunca viu antes.
<i>You're going to pay me to take out some chick?</i>	Você me <b>pagaria</b> para sair com uma garota?

<sup>56</sup> *10 coisas que eu odeio em você*.

Quadro 16 – MM<sup>57</sup>:

Exemplos de tempos verbais usados na fala dos personagens e suas legendas correspondentes	
TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>You wouldn't buy a skirt without asking your friends first.</i>	Você não <b>compraria</b> uma saia sem pedir a opinião das amigas.
<i>Then everybody would see what she really is.</i>	Todo mundo <b>saberia</b> que ela é nojenta.
<i>Why would we get you into trouble. We're your friends.</i>	Acha que <b>criaríamos</b> problemas para você? Somos seus amigos.
<i>I'll be the warthog.</i>	Eu <b>serei</b> o javali.
<i>A little slice like you will get socialized.</i>	Para uma gata como você, <b>será</b> fácil.
<i>Don't worry, we'll find out who did it.</i>	Não se preocupe. <b>Descobriremos</b> o responsável.

Em inglês, os verbos não sofrem grandes mudanças se usados na fala ou na escrita, no entanto, é possível observar alguns aspectos quanto usados em situações informais. Nos Quadros 15 e 16, observamos construções do tipo “won’t”, “you’re”, “you’ve” e “I’ll”, cujas contrações são mais usuais em textos orais e em textos informais

A conjugação dos verbos principais no futuro simples e no futuro do pretérito do indicativo não é comum na oralidade de falantes nativos do português do Brasil, principalmente durante uma conversa informal. Nestes casos, o falante, normalmente, opta pelo uso de um auxiliar (vou, vai, ia – forma abreviada de “iria”) seguido do verbo principal no infinitivo (“achei que ia gostar de...”, “vai ser a noite que vou te levar”, “você vai me pagar”) ou usa o verbo principal no presente simples (“você ma dá uma carona?”, “é melhor perguntarmos”).

### 3.3.2 A POSIÇÃO DO PRONOME OBLÍQUO NA FRASE

Os pronomes oblíquos utilizados nas legendas aparecem após o verbo, portanto em situação de ênclise. Esta é uma norma trazida nas gramáticas, segundo as quais não devemos começar orações com esse tipo de pronome sob pena de incorreção gramatical. Os casos apresentados a seguir foram retirados dos filmes estudados:

<sup>57</sup> *Meninas malvadas.*

Quadro 17 – DC:

<b>Exemplos de pronomes usados na fala dos personagens e suas legendas correspondentes</b>	
<b>TEXTO ORAL EM INGLÊS</b>	<b>LEGENDAS</b>
<i>We're making our visits a weekly ritual</i>	Patrick Verona! Suas visitas tornaram- <b>se</b> um ritual semanal
<i>Tell me something true</i>	Diga- <b>me</b> algo verdadeiro
<i>I thought you could use it</i>	Achei que gostaria de usá- <b>la</b>
<i>Follow the love</i>	Guie- <b>se</b> pelo amor
<i>So you're just gonna start wearing them now?</i>	E agora vai usá- <b>las</b> ?
<i>He was gonna nail you tonight.</i>	Ia levá- <b>la</b> pra cama hoje.
<i>Just make sure she gets to the prom.</i>	Leve- <b>a</b> ao baile.
<i>Turn. Explain.</i>	Vire- <b>se</b> . Explique- <b>se</b> .
<i>Get up, you little punk!</i>	Levante- <b>se</b> , idiota.

Quadro 18 – MM:

<b>Exemplos de pronomes usados na fala dos personagens e suas legendas correspondentes</b>	
<b>TEXTO ORAL EM INGLÊS</b>	<b>LEGENDAS</b>
<i>Yeah, I'll call you Caddy.</i>	Vou chamá- <b>la</b> de Caddy.
<i>Come on! We could publish it.</i>	Podemos publicá- <b>lo</b> .
<i>I know. Just get rid of her.</i>	Eu sei. Livre- <b>se</b> dela!
<i>Focus on your studies for a while.</i>	Concentre- <b>se</b> nos seus estudos.
<i>Than tell me what in the world that Regina says.</i>	Depois conte- <b>me</b> tudo o que ela falar.
<i>Give me it.</i>	Deixe- <b>me</b> ver.
<i>All right, have a good time, everyone.</i>	Divirtam- <b>se</b> a valer.

Em relação ao pronome oblíquo, podemos dizer que, oralmente, não é comum o uso da ênclise no português do Brasil. Durante uma conversa, o falante tende a usar o pronome antes do verbo ainda que seja início de frase. Este comportamento dos falantes, em relação ao uso do pronome oblíquo, é particular a nossa cultura e não ocorre em inglês, que, normalmente, utiliza o pronome após o verbo.

### 3.3.3 O USO DE PREPOSIÇÕES

Quadro 19 – DC:

<b>Exemplos de preposições usadas na fala dos personagens e suas legendas correspondentes</b>	
<b>TEXTO ORAL EM INGLÊS</b>	<b>LEGENDAS</b>
<i>To get you out of detention</i>	<b>Para</b> te livrar do castigo
<i>He's rumored to have a big tube sock ad</i>	Coisas locais, mas parece que sairá <b>em um</b> comercial de meias
<i>I didn't pay you to take out Kat</i>	Não te paguei <b>para</b> convidar a Kat,
<i>You were paid to take me out!</i>	-Foi pago <b>para</b> sair comigo...
<i>No. Daddy found them in a drawer last week.</i>	Não. Papai as encontrou <b>em uma</b> gaveta na semana passada.

Quadro 20 – MM:

Exemplos de preposições usadas na fala dos personagens e suas legendas correspondentes	
TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>She tells everybody.</i>	Ela conta <b>para</b> todo mundo.
<i>That is for yor feet.</i>	É creme <b>para o</b> pé.
<i>I hope you do join mathletes.</i>	Espero que entre <b>para os</b> matletas.
<i>Diving into a pile of girls.</i>	Mergulhar <b>em um</b> monte de meninas.
<i>You've never been to a real school before?</i>	Então nunca estive <b>em uma</b> escola?
<i>Ex-boyfriends are off-limits to friends.</i>	Ex-namorados são proibidos <b>para as</b> amigas.
<i>Wait, I have this really good skin stuff I'll bring you.</i>	Tenho um creme <b>para a</b> pele incrível <b>para</b> você.

Outro aspecto bastante comum na oralidade é que os nativos procuram a forma mais simplificada para se expressar durante uma conversa. Desta forma, não é raro encontrarmos a supressão de “s” finais ou a junção de preposições e artigos, como “pra” (para + a), “num” (em + um) e “numa” (em + uma). Em inglês, essas contrações entre preposição e artigo não acontecem, além de haverem vários casos nos quais os verbos não são preposicionados, enquanto os verbos, utilizados para situações semelhantes em português, pedem o uso de preposição.

### 3.3.4 O USO DE VOCABULÁRIO NÃO COMUM NA ORALIDADE

Quadro 21 – DC:

Exemplos de vocabulário não comum na oralidade usados na fala dos personagens e suas legendas correspondentes	
TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>'Cause I read about this place that rents out boats...</i>	<b>Há</b> um lugar que aluga barcos...
<i>You've had me on the bench for years.</i>	Você <b>há</b> anos me deixa na reserva.
<i>Yup, see, there's a difference between "like" and "love".</i>	É, mas <b>há</b> uma diferença entre gostar e adorar.
<i>Follow the love</i>	<b>Guie-se</b> pelo amor
<i>He was an abusive, alcoholic misogynist.</i>	Era um alcoólatra e <b>misógino</b> .

O verbo “haver”, por exemplo, não é recorrente na oralidade da mesma forma que “ter” ou “existir”; “guiar-se” também é mais freqüente na escrita enquanto “seguir” é mais comumente utilizado na fala. “Misógino” é uma palavra praticamente desconhecida em português, caso o espectador não saiba que misógino é “aquele que

tem aversão a mulheres e a relações sexuais”<sup>58</sup>, provavelmente ficará sem compreender a crítica feita por Kat ao famoso escritor Ernest Hemingway durante uma aula de literatura. No entanto, nesse caso, o uso de vocabulário incomum parece ter sido usado em função da personagem ter utilizado uma linguagem mais rebuscada e não, propriamente, como estratégia de tradução. O uso de vocabulário não comum na oralidade não foi observado na tradução das legendas do filme *Meninas malvadas*.

### **3.4 FRASEOLOGIAS EM *10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ* E *MENINAS MALVADAS***

O exemplo a seguir é bastante interessante por dois motivos: primeiro porque “shit” aparece em uma expressão fixa, sendo, portanto, uma fraseologia; segundo porque “shit” é utilizada no sentido mais literal de todos os exemplos mencionados anteriormente, ou seja, no sentido de excremento (“excrement” – AS), substância fisiológica eliminada pelo corpo dos seres vivos – fato não ocorrido antes; e terceiro porque, embora a palavra seja utilizada em seu sentido mais literal, a situação para a qual ela foi usada é metafórica, no sentido de “a barra sujou”.

De acordo com Harper (2001), a expressão “the shit hits the fan” tem relação com uma piada antiga, e pode ter se originado a partir dela. Segundo o autor, um homem estava em um bar lotado e, de repente, sentiu vontade de defecar. Como não conseguiu encontrar o banheiro, subiu as escadas e resolveu o problema em um buraco que encontrou no chão. Ao descer, não havia mais ninguém no bar, exceto o garçom escondido por detrás do bar. Quando o homem perguntou aonde estava todo mundo, o garçom respondeu: “The shit has hit the fan”.

---

<sup>58</sup> Definição do Dicionário Ilustrado Urupês.

Exemplo 01 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- ...<i>didn't pay you to take out Kat so that some little punk could snake me with Bianca.</i> - <i>Nothing in it for you, huh?</i></p> <p>- <i>The <b>shit</b> has hit the the fan...eth.</i></p>	<p>Não te paguei para convidar a Kat, e um idiota me tirar a Bianca.</p> <p>Então não ganhou nada?</p> <p><u>A bosta</u> bateu...</p> <p><u>no ventilador.</u></p>

Considerando que a expressão tenha se originado dessa piada, podemos dizer que “the shit has hit the fan” é um clichê porque, ao ser usada por um falante, ela não se refere mais à piada, porém à situação em si. A expressão serve de alerta para que a pessoa saia de cena antes que a situação se complique.

O termo usado em português também refere-se à substância fisiológica excretada pelos seres vivos e também possui um sentido metafórico no caso em questão – não havia “bosta” nem havia ventilador de verdade. No entanto, a tradução não é clichê em português nem tampouco uma expressão usada comumente por falantes nativos do português do Brasil. Em uma situação semelhante, a expressão usada seria “a barra sujou” ou, até mesmo, “o troço fedeu”.

A seguir, apresentamos uma expressão correntemente utilizada no inglês. O interessante é que, a partir das situações verificadas no filme, ela parece ter adquirido um outro significado do comumente usado pelos falantes da língua inglesa. Inicialmente, esta expressão era usada apenas com o sentido mais literal, ou seja, de pedir ou ordenar que alguém parasse de falar, no entanto, não é esse o significado que a expressão adquire no filme. Todas as vezes em que esta expressão foi usada, ela expressava a idéia de surpresa ou incredulidade diante de alguma situação.

Na primeira situação, Cady conversa com Regina e suas amigas em seu segundo dia de aula na nova escola. Regina olha para Cady e, sem que a novata tenha dito qualquer coisa, fala “shut up”. Cady fica surpresa com a atitude de Regina e diz que não tinha falado nada; mesmo percebendo que Cady não tinha entendido o significado da expressão, Regina não se dá ao trabalho de explicar e muda de assunto.

No segundo momento, Cady elogia a blusa de um colega sem ele ter falado nada antes dela.

Exemplo 02 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>-Shut up.</i>	<b>Quieta!</b>
<i>-Shut up! I didn't say anything.</i>	<b>Quieta!</b> Eu não disse nada.
<i>Shut up. I love that shirt on you.</i>	<b>Quieto.</b> Adorei a sua camisa.

A tradução dada para as situações mencionadas foi “quieta” e “quieto”, respectivamente. Em programa destinado ao público adolescente exibido pela rede Globo, conhecido por “Malhação”, os personagens costumam utilizar a expressão “quieto(a)” para as mesmas situações apresentadas no filme, portanto, podemos afirmar que o tradutor adaptou o texto da legenda levando em consideração a cultura brasileira e o público espectador do filme: adolescentes, na grande maioria.

Outra expressão frequentemente utilizada no inglês é “what has somebody been up to”. Esta expressão é uma fraseologia e é usada para saber como alguém está e o que tem feito desde a última vez que esteve junto com o interlocutor. Durante um encontro da garota com as amigas, a mãe de Regina entra no quarto, tentando se entrosar e puxar conversa. Para isso, ela usa gírias que julga serem do mundo adolescente.

Exemplo 03 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>What has everybody <b>been up to</b>?</i>	O que vocês <b>estão aprontando</b> ?

A tradução aqui, novamente, foi adaptada para uma linguagem adolescente, porque a mãe de Regina age como uma adolescente, tentando se aproximar da filha. A expressão “o que estão aprontando”, é usada em português quando um adulto quer saber se uma criança ou adolescente, por exemplo, está fazendo alguma dاناção, porém sem exigir dela explicação; seria apenas uma tentativa de aproximação.

Na mesma situação mencionada no exemplo anterior, a mãe de Regina também usa a expressão “what is the 411”, entretanto, não encontramos em nenhum dicionário o significado dela. Possivelmente, este seja o número de um informador de fofocas, ou disque-namoro, ou algo parecido, que leva os pais à loucura quando recebem a conta telefônica.

Exemplo 04 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>So, you guys, what is the 411?</i>	Então, meninas <b>qual é a parada?</b>

Assim como ocorreu no exemplo passado, este caso recebeu uma adaptação na tradução para a linguagem “descolada” dos adolescentes.

Outras fraseologias foram identificadas em ambos os filmes, contudo, os casos que mais despertaram nosso interesse foram os mencionados nos exemplos desta seção. A seguir, tratamos dos clichês de raiva identificados nos filmes e suas traduções para as legendas.

### **3.5 OS CLICHÊS DE RAIVA – PALAVRÕES – EM *10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ***

No filme *10 coisas que eu odeio em você*, foram encontrados 31 clichês de raiva, no entanto, escolhemos para trabalhar somente aqueles com frequência superior ou igual a dois. Entre os palavrões selecionados, foram escolhidos para a análise foram: “shit”, “bitch”, “suck” e “punk”.

“Shit” e “bitch” foram os casos mais abundantes, ou seja, com maior frequência (7) e maior variedade de exemplos. Com o auxílio de dicionários de clichês, expressões idiomáticas e gírias do inglês, estabelecemos o sentido usado em cada uma das situações localizadas no *corpus*.

#### a) O caso de “shit”

De acordo com os dicionários pesquisados, a palavra “shit” pode ser usada em uma variedade de sentidos.

Como é possível observar, “shit” (freq.07; 0,09%) é uma palavra rica em sentidos, podendo ser utilizada em variadas situações. Contudo, além dos sentidos

indicados pelos dicionários, outros usos foram observados nos diálogos do filme *10 coisas que eu odeio em você*:

Exemplo 01 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Sweet love, renew thy force!</i>	“Doce amor, renove tuas forças”.
- <i>Hey, man! Don't say <b>shit</b> like that to me. People can hear you.</i>	Não diga essas <b>besteiras</b> . Alguém pode ouvir.
- <i>Look. You embarrassed the girl.</i>	Você envergonhou a garota.

No exemplo mencionado, Patrick, Cameron e Michael conversam a respeito das investidas de Patrick na conquista de Kat, considerada a garota mais difícil da escola. Tentando impressionar a garota, Patrick se nega a beijá-la na noite anterior, fato que deixa Kat furiosa. Tentando aconselhar o amigo, Michael cita um trecho da obra de Shakespeare em pleno refeitório e deixa os amigos bastante constrangidos.

Neste caso, a palavra “shit” foi usada no sentido de bobagem, besteira, conversa falsa, falas absurdas ou insolentes (“nonsense, pretentious talk, bold and deceitful absurdities” – AS<sup>59</sup>). Por meio deste exemplo, é possível notar que, embora continue sendo um clichê de raiva, ou seja, um palavrão, “shit” não está sendo usada para ofender ninguém, porém para referir-se ao tipo de conversa que alguém está tendo. A tradução “besteiras” também se refere à frase poética proferida pelo personagem e considerada asneira e constrangedora pelo amigo.

O que oferece mais força enfática ao texto oral em inglês é o fato da palavra usada possuir a mesma forma escrita e pronúncia do palavrão “bitch”. Em português, a força do sentido dado à conversa é suavizada, pois “besteira” não é considerado um palavrão. Em situação semelhante, provavelmente, um adolescente usaria a palavra “merda”.

No próximo exemplo, o sentido é outro, o personagem expressa sua raiva por meio de uma exclamação de desgosto, descontentamento diante da situação enfrentada (“an exclamation of disbelief, disgust, disappointment, emphasis” – AS). Nestas ocasiões, o clichê em tela é, normalmente, traduzido por “droga” nas legendas

---

<sup>59</sup> (AS) – CHAPMAN, Robert L. **American Slang**. New York: Perennial Library, Ed. Harper & Row, Publishers – Cambridge, Philadelphia, San Francisco, Washington, London, Mexico City, São Paulo, Singapore, Sydney, 1987.

de filmes americanos ou fica sem tradução, como aconteceu nos exemplos 02 (dois) e 03 (três), respectivamente.

Esse trecho (exemplo 02) ocorre no final do filme quando Kat descobre que Patrick havia recebido dinheiro de Joey para conquistá-la e assim ajudar Bianca, a irmã mais nova, a namorar. Joey fica furioso ao descobrir que, após investir dinheiro para poder sair com Bianca, a garota se apaixona por Michael. Querendo vingar-se, Joey bate em Cameron e ofende Bianca que, em resposta, acerta um soco no nariz do agressor.

Exemplo 02 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i><b>Shit</b>, Bianca! I'm shooting a nose spray ad tomorrow!</i></p> <p>- <i>That's for making my date bleed... That's for my sister... And that's for me.</i></p>	<p><b>Droga</b>, Bianca! Gravo um comercial amanhã! Isso foi por machucar meu amigo. Isto é pela minha irmã. E este é por mim.</p>

“Shit” é a resposta de Joey tanto pela dor quanto pelo prejuízo estético que tivera por conta do soco, visto que o personagem gravaria um comercial no dia seguinte. Por estas razões a palavra mencionada possui uma carga muito forte de sentimento de raiva, sentimento este extravasado no momento da fala. “Droga” é um clichê de raiva em português podendo ser utilizado em situações semelhantes a anterior, contudo possui uma carga semântica mais amena. Além disso, “droga” é mais bem aceito socialmente do que “porra”, por exemplo, que seria naturalmente usado na situação.

No exemplo de número 03 (três), Cameron é o monitor de francês de Bianca que, frustrada em suas expectativas, profere um “palavrão” como protesto. “Shit” é a exclamação de descontentamento utilizada por Bianca. Note-se que a carga semântica carregada por “shit” neste caso não é tão forte quanto no caso anterior, no entanto, ela possui uma função na comunicação bastante específica: mostrar a uma pessoa a indignação de outrem.

Exemplo 03 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>That, that's not on this page.</i></p> <p>- <i>Let me ask you a question, Cameron. When are you going to ask me out? <b>Shit</b>.</i></p>	<p>Espera aí. Isto não está nesta página.</p> <p>Uma pergunta, Cameron. Quando vai me convidar pra sair?</p>

Em português, nenhuma expressão é usada para a situação em questão. Na sociedade brasileira, é comum ensinar-se às crianças que “meninas bem-educadas não falam palavrões”. Talvez, o fato de Bianca ser uma adolescente do gênero “menina meiga” tenha influenciado a omissão de um clichê de raiva nesta situação.

Na cena seguinte, Kat e seus colegas assistem à aula de literatura, na qual o professor pede aos alunos para escreverem sua própria versão do poema lido. É importante mencionar que o professor em questão é um jovem homem negro de ideais socialistas, revoltado com as injustiças sociais impostas pelos brancos “burgueses de classe média-alta”. É um professor bastante descontraído, informal, em suas aulas e de fala repleta de gírias. Nesta ocasião, o professor lê o trecho de uma poesia de Shakespeare e tece comentários a respeito do autor e sua obra:

Exemplo 04 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>Now, I know Shakespeare's a dead white guy. But he knows his <b>shit</b>, so we can overlook that. I want you all to write your own version of this Sonnet.</i></p>	<p>Sei que Shakespeare é branco e morreu, mas entendia <b>das coisas...</b></p> <p>portanto, deixem pra lá.</p> <p>Quero que escrevam a sua versão deste soneto.</p>

Um dos sentidos localizados nos dicionários para esta palavra é o de algo de pouco valor ou qualidade inferior (“Something of little value” – WR<sup>60</sup>; “anything of shoddy and inferior quality” – AS). Tratando-se de Shakespeare, é pouco provável que o professor tenha se referido ao seu trabalho como algo de pouco valor, muito embora criticasse o fato do autor ser branco e falecido. Preferimos considerar que, neste caso, a palavra “shit” não foi traduzida. Talvez o fato de ter sido proferida pelo professor, uma autoridade de quem se espera comportamento e fala “politicamente corretos”,

<sup>60</sup> (WR) – Word Reference Online Dictionary: [www.wordreference.com](http://www.wordreference.com). Acessado em 12/02/07.

tenha levado o tradutor a omitir a tradução. Isto porque seria estranho ouvir um professor falando um palavrão em sala de aula, na frente de seus alunos.

A expressão a seguir poderia ser enquadrada no caso das expressões fraseológicas, contudo, o fato de conter a palavra “shit” em sua formação nos fez colocá-la junto dos clichês de raiva. “Shit-for-brains” é a expressão utilizada pela diretora da escola ao referir-se, com desdém, aos alunos da escola. A diretora é uma senhora escritora de histórias pornográficas e com profundo interesse pelas partes íntimas do herói de sua história. Sua forma de se expressar impressiona até mesmo o aluno novato com quem conversa na diretoria.

Exemplo 05 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>That's enough. I'm sure you won't find Padua any different than your old school. Same little asswipe <b>shit-for-brains</b> everywhere.</i></p> <p>- <i>Excuse me. Did you just say... Am I in the right office?</i></p> <p>- <i>Not anymore you're not.</i></p>	<p>Garanto que Pádua não será diferente das outras escolas.</p> <p>Os mesmos <b>idiotas</b> pra todo lado.</p> <p>Desculpe? Você disse?!</p> <p>Estou no escritório certo?</p> <p>Não está mais.</p>

É interessante observar que, neste caso, o aluno novato, Cameron, fica perplexo por ouvir a diretora referir-se aos alunos como “shit-for-brains”. Seu espanto é tanto que chega a questionar se está na sala correta. Em português, a palavra utilizada na legenda é “idiota”, um clichê de raiva, porém não considerado “palavrão”, ou seja, sua carga semântica é bem mais suave e, da mesma forma que “droga”, é aceito socialmente sem a censura das expressões consideradas tabu.

b) O caso de “bitch”

O clichê de raiva “bitch” (freq.07; 0,09%) é também uma das palavras que aparece comumente no filme *10 coisas que eu odeio em você*. É uma palavra bastante recorrente na linguagem oral inglesa e, da mesma forma que “shit”, recebe sentidos diferentes dependendo do contexto em que está sendo utilizada. De acordo com o *Dictionary of the Vulgar Tongue*<sup>61</sup>, “bitch” é a maior ofensa que uma mulher pode

<sup>61</sup> Dictionary of the Vulgar Tongue. In: **Dictionary.com**. [www.dictionary.com](http://www.dictionary.com). Sited: 30/05/07.

receber, ou seja, é o clichê de raiva de maior carga semântica se comparado aos demais – “whore”, por exemplo.

Na situação mostrada a seguir, Kat conversa com a diretora a respeito do que as pessoas pensam em relação a Kat. Sem cerimônia, a diretora usa novamente um termo nada apropriado para a posição que ocupa. Diferentemente de Cameron, o aluno novato, Kat não estranha o termo utilizado pela diretora e recebe como natural. Dois fatos podem ter contribuído para a naturalidade de Kat ao ouvir o termo empregado: primeiro, o fato de ser aluna veterana e conhecer o estilo pouco ortodoxo da diretora e, segundo, a indiferença de Kat com relação ao que as pessoas pensam e falam a respeito dela.

Exemplo 06 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>People perceive you as somewhat ...</i>            - <i>Tempestuous?</i>            - <i>"Heinous <b>bitch</b>" is the term used most often.</i></p>	<p>As pessoas a acham um tanto...            Tempestuosa?  <b>“Cadela infame”</b>            é a expressão usada.            Seria bom trabalhar nisso.</p>

Neste exemplo, o termo “bitch” é usado para uma mulher odiada ou reprovável no comportamento, principalmente se for considerada uma mulher má e sem coração. Em inglês, esta palavra pode ser considerada o equivalente feminino de *bastard*, termo geralmente utilizado para expressar desonra (“A woman one dislikes or disapproves of, esp a malicious, devious, or heartless woman - the equivalent of the masculine *bastard* as a general term of opprobrium” – AS), para referir-se a uma pessoa reprovada pelas outras pelo seu comportamento devasso e/ou extremamente malévolo. De todas as definições localizadas para o termo, este é o que apresenta, semanticamente, o sentido mais forte, é um clichê de raiva utilizado exclusivamente com a intenção de ofender àquela a quem o termo é dirigido.

Kat se enquadra nesta definição: é uma garota rebelde, intransigente e de poucos amigos. Sempre que pode, adora frustrar as expectativas das pessoas à sua volta, por este motivo é odiada ou temida pelos que a conhecem. Nenhum dos garotos da escola se atreve a cortejá-la, o único com coragem suficiente para “domar a fera”,

Patrick, só se envolve com a garota porque recebe dinheiro de Joey, um modelo interessado em sair com a irmã mais nova, Bianca.

A tradução apresentada nessa situação é “cadela” e, embora este seja um termo de insulto em português, “puta” ou “filha-da-puta” seriam as expressões usadas em situações semelhantes no Brasil.

O adjetivo que acompanha “bitch” na situação em questão é “heinous”, uma palavra do inglês formal que expressa algo moralmente muito ruim (“formal – morally very bad” – OD<sup>62</sup>). Sendo uma palavra formal da língua inglesa é pouco provável que tenha sido utilizada pelas “pessoas” que se referiram à Kat por “bitch”. É possível que o adjetivo tenha sido acrescentado pela diretora, uma escritora de vocabulário excêntrico, que parece também não gostar muito de Kat.

Novamente em sala de aula, o professor responde a uma provocação de Joey:

Exemplo 07 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Is there any chance we could get Kat to take her Mydol before she comes to class?</i>	Será que Kat não poderia tomar um Midol antes de vir à aula?
- <i>Some day you're gonna get <b>bitch-slapped</b> and I'm not gonna do a thing to stop it.</i>	Um dia desses você levará a sua e eu não vou impedir.

Da mesma forma que ocorreu no exemplo 05 (cinco) em relação à palavra “shit”, “bitch-slapped” também não é traduzido, pelo menos não de maneira explícita. Digo explícita porque “levar a sua”, em português, é uma fraseologia comumente utilizada para alertar ou ameaçar alguém de que algum dia receberá o castigo merecido. Assim, um complemento possível para a expressão seria “levar a sua punição, correção”. “Slap”, em inglês, também concebe a idéia de castigo, de ser espancado ou surrado. Entretanto, não é ser espancado de qualquer forma, é ser “slapped” como uma “bitch”. “Bitch” funciona como um adjetivo, um modificador de “slap” então a idéia seria de “apanhar como uma vagabunda”, de modo humilhante e vergonhoso.

<sup>62</sup> OD - HORNBY, A.S (2000). **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. Oxford New York, Ed. Oxford University Press, 6<sup>th</sup> ed.

Acreditamos que a suavização na tradução de “bitch-slapped”, se considerarmos que houve uma tradução implícita, tenha sido motivada pelos mesmos motivos apresentados no exemplo 05 (cinco): o fato de ter sido proferida pelo professor, uma figura sacralizada na posição de educador a quem não se admite a utilização de um vocabulário rude ou ofensivo.

Nos três exemplos seguintes, é possível que em uma primeira análise, o leitor chegue à conclusão de que são todos casos em que a suavização foi utilizada como estratégia na tradução da palavra “bitch”. Parece-nos ser verdade para os exemplos 10 (dez) e onze (11), contudo não é o que ocorre no exemplo 08 (oito).

Nesse exemplo, Bianca conversa com Cameron a respeito da irmã, Kat, e se refere a ela como “bitch”:

Exemplo 08 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>There is a [bet] as to why, but I'm pretty sure she's just incapable of human interaction. Plus, she's a <b>bitch</b>.</i>	Há teorias sobre o motivo, mas sei que é incapaz de interação humana.  E ela é um <b>saco</b> .

A situação vivida por Bianca e Kat no filme é bastante característica, um retrato do que ocorre no relacionamento entre irmãos. No dia a dia, é comum que irmãos briguem e até xinguem um ao outro, contudo, existem alguns termos pré-estabelecidos no xingamento entre eles: “Você é um saco”, “Seu chato”, “Sua boba”, “Você é idiota”, etc. isso porque, em muitos casos, os próprios pais não permitem que os termos saiam deste nível. No caso de Bianca e Kat, as duas irmãs se amam, muito embora vivam em conflito recíproco. Kat censura Bianca por querer aparecer e fazer tudo o que as pessoas esperam que ela faça. Bianca, por sua vez, critica Kat por ser rebelde e não querer envolver-se com os que estão a sua volta. Seria uma contradição Bianca chamar a irmã de “vagabunda”, “galinha”, “piranha” ou “puta” sabendo que a irmã não tinha namorado e que raramente saía de casa.

É possível que, em um primeiro momento, um espectador brasileiro, falante do inglês como língua estrangeira, seja levado a pensar que a palavra “bitch” não recebeu a tradução esperada, pois as traduções mais frequentes desta palavra em filmes são “cadela”, “vagabunda” e “vaca”. No entanto, como mencionado anteriormente,

esta é uma situação particular de uso em que o termo “bitch”, apesar de ser insulto, é empregado em seu sentido mais suavizado.

O mesmo não acontece nos exemplos que se seguem, nos quais o insulto é proferido como consequência de uma grande raiva ou indignação. Isso acontece quando Joey estaciona sua Ferrari atrás do carro de Kat, impedindo que ela saia do estacionamento. Contrariada, a garota passa a ré no carro e bate no carro de Joey. Pego de surpresa pela reação de Kat e indignado pelo estrago no carro, Joey xinga Kat.

Exemplo 09 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>What is it? Asshole day? Hey! Do you mind?</i></p> <p>- <i>Not at all. You <b>bitch!</b></i></p>	<p>É o dia dos idiotas?</p> <p>-Você se importa?</p> <p>-Nem um pouco.</p> <p>Sua <b>nojenta!</b></p>

Neste caso, “bitch” é usado em uma situação de extrema raiva e vontade de ofender o causador da raiva. A tradução “nojenta” em português ameniza a seriedade da situação porque, em uma situação semelhante, um brasileiro possivelmente recorreria aos piores palavrões conhecidos para xingar a outra pessoa.

Logo em seguida a esta cena, Joey conversa com Patrick e menciona o ocorrido no estacionamento onde Kat estragara seu carro. Além da indignação pelo estrago do carro, Joey se aborrece por ter dado dinheiro a Pat para sair com Kat e este ainda não ter conseguido nada. Assim sendo, Kat é a culpada por tudo o que vai de errado na vida de Joey e o insulto é proferido novamente.

Exemplo 10 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>When I shell out fifty, I expect results.</i></p> <p>- <i>Yeah, I'm on it.</i></p> <p>- <i>Watching the <b>bitch</b> violate my car doesn't count as a date. If you don't get any, I don't get any. Let's go get some.</i></p>	<p>-Pago \$50, mas quero resultados.</p> <p>-Estou tentando.</p> <p>Ver essa <b>doida</b> amassar meu carro não conta como encontro.</p> <p>Se você não consegue nada, eu não consigo nada.</p> <p>Por isso, consiga algo.</p>

A tradução realizada é “doida” e, da mesma forma que o ocorrido no exemplo anterior, há uma suavização do clichê “bitch”.

Quando, finalmente, consegue convencer a irmã a sair de casa, Bianca vai a uma festa com Joey e sua melhor amiga, Chastity. Aborrecida, por não ser o centro das atenções de Joey, Bianca decide ir embora e recusa um convite de Joey para ir até a casa de um colega onde um grupo iria namorar, beber e dançar. Vendo a recusa da amiga, Chastity se oferece para acompanhá-lo, mesmo sabendo do interesse de Bianca pelo rapaz. Achando-se traída pela melhor amiga, Bianca desabafa sua raiva em um indignado “bitch”.

Exemplo 11 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Chastity!</i> - <i>Hey, you passed.</i> - <b><i>Bitch.</i></b> - <i>Hey. Have fun tonight?</i>	-Chastity! -Ei, você não quis. <b>Nojenta.</b> -Você se divertiu?

Em uma situação semelhante entre duas adolescentes brasileiras, “galinha” seria o mais suave dos insultos proferidos à traidora em questão. Entretanto, seria uma palavra demasiadamente rude para alguém como Bianca (nos parâmetros brasileiros), uma “patricinha” doce e educada.

“Galinha”: esse é o termo traduzido para a seguinte situação: Joey descobre que perdera o dinheiro investido em Bianca ao encontrá-la no baile com Cameron. Furioso por descobrir que tudo não passava de um plano para que Cameron ficasse com Bianca, Joey decide tirar satisfações e vingar-se de Cameron e Bianca.

Exemplo 12 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Listen... You messed with the wrong guy, and now you're gonna pay. You, and that little <b>bitch.</b></i>	Você se meteu com o cara errado. Você me paga. Você e essa <b>galinha.</b>

Ao sentirem-se traídos pelo objeto de seu desejo, os homens normalmente escolhem denegrir a imagem daquela pela qual foram largados. O alvo mais comum é a integridade da moça, sugerindo que ela não é digna de confiança, que é volúvel e muda, com frequência, de companheiros.

c) O caso de “suck”

Comparando com os casos anteriores, “suck” (freq.04; 0,05%) não foi um caso tão recorrente nos diálogos do filme *10 coisas que eu odeio em você*. No entanto, além de sua frequência superior a dois, este termo apresenta situações de uso bastante peculiares.

Assim como “shit” e “bitch”, “suck” pode ser usado com sentidos mais ou menos agressivos. Além de seu sentido mais literal: sugar com a boca (draw into the mouth by creating a practical vacuum in the mouth – WR), “suck” também pode ser usado no sentido mais metafórico de sugar (como, por exemplo, “Alguns políticos se elegem apenas para mamar nas tetas do governo”). No sentido mais pejorativo, temos desde enganar alguém (“to deceive someone” – NTC’s<sup>63</sup>), ser rude a ponto de merecer repreensão ou nojento (“to be disgusting or extremely reprehensible, be of wretched quality – AS) até o sentido de sexo oral no homem (“to do fellatio – AS).

A situação a seguir é a mesma apresentada no exemplo 12, em que Bianca vai à festa com Joey e fica aborrecida por não receber a atenção esperada por parte do seu acompanhante.

Exemplo 13 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Okay, I'll show you.</i>	Olhem, vou mostrar.
- <i>Is it just me, or does this party all of a sudden <b>suck</b>?</i>	Será que sou eu ou a festa está uma <b>droga</b> ?

Neste caso, “suck” foi usado no sentido de “to be wretched” e traduzido por “droga”, um clichê do português brasileiro com aplicações em um grande número de situações, podendo inclusive ser usada na situação mencionada. Além de “droga”, “melou”, “fedeu”, “está um saco” e “está uma merda” também seriam opções para descrever a festa que tinha tudo para ser legal e, de repente, perdeu a graça.

Como em tantos outros momentos do filme, Kat e Bianca discutem pelo fato de Bianca estar tão interessada em Joey, um “cachorro e galinha” na opinião de Kat. Sem saber que a irmã teve um relacionamento com o rapaz no passado, Bianca

---

<sup>63</sup> SPEARS, Richard A. NTC’s **American Idioms Dictionary** – The most practical reference to the everyday expressions of the contemporary American English. Illinois, USA: National Textbook Company, 1987.

questiona a implicância de Kat com o namoro e, em resposta, xinga a irmã mais velha que devolve o mesmo insulto em tom de provocação.

Exemplo 14 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Looks like you'll just have to miss out on the witty repartee of Joey "eat me" Donner.</i>	Desculpe. Vai perder o papo esperto do Joey "Coma-me" Donner.
- <i>You suck.</i>	Sua <b>chata!</b>
- <i>You suck.</i>	"Sua <b>chata</b> ".

Conforme comentamos anteriormente no exemplo 09, a briga entre irmãos é um caso bastante singular que, normalmente não envolve xingamentos de sentidos pejorativos extremos. Entretanto, expressões do tipo "você é um saco", "se foda" e "você é foda" também poderiam ser usadas se a situação acontecesse no Brasil. Novamente, "chata" foi o termo escolhido para ser a tradução da situação mostrada entre Kat e Bianca.

Como podemos observar, nenhum dos exemplos apresentados envolvendo a palavra "suck" recorreu ao seu sentido mais pejorativo, como resultado, as traduções também resultaram em expressões mais amenas, no sentido de não serem extremamente rudes ou ofensivas.

#### d) O caso de "punk"

Na pesquisa realizada em dicionários de clichês e expressões americanas, "punk" (freq.02; 0,02%) apresentou uma variação semântica maior que o caso anterior. Entretanto, nas duas situações em que foi utilizado no filme DC, "punk" foi usado com o mesmo sentido: alguém inferior ou insignificante, incapaz de se defender durante uma briga ("any inferior, insignificant person, like an ineffective fighter" – AS) e inexperiente ("any young or inexperienced person" – AS). O adjetivo "little", usado nas duas situações, contribuiu para rebaixar ainda mais a figura do agredido.

Ambas as cenas, dos exemplos 16 e 17, acontecem no final do filme quando Joey descobre a armação de Cameron e Michael para conquistar Bianca usando o dinheiro que ele dera a Patrick. Querendo recuperar a sua honra de garanhão valente, Joey chama Cameron para brigar.

Exemplo 15 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- Hey! What's Bianca doing here with that cheese dick? I didn't pay you to take out Kat so that some little <b>punk</b> could snake me with Bianca.	O que a Bianca faz aqui com esse imbecil?  Não te paguei para convidar a Kat, e um <b>idiota</b> me tirar a Bianca.

Exemplo 16 – DC:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- Alright, that's enough! Okay? You crossed the line. - Oh come on! Get up, you little <b>punk</b> ! - Shit, Bianca! I'm shooting a nose spray ad tomorrow!	Agora chega. Passou dos limites.  Vamos. Levante-se, <b>idiota</b> .  Droga, Bianca! Gravo um comercial amanhã!

Comparando os rapazes, Joey é bem mais alto, forte e agressivo; Cameron é o tipo “bom garoto”, magro, baixo e muito disciplinado. Como resultado, Cameron é agredido no baile, e teria levado a pior se Bianca não se revelasse uma heroína dando uma surra em Joey.

Em ambos os casos, “idiota” foi a tradução dada para “punk”, ou melhor, “little punk”. Em português, um idiota é o mesmo que um tolo, alguém sem inteligência, porém não necessariamente incapaz de se defender durante uma briga. Um homem pode ser alto, forte, saber brigar e, ainda assim, ser um idiota.

Em uma situação semelhante no Brasil, quando um rapaz chama outro para brigar, uma forma de inferiorizar o adversário é ofender a masculinidade do outro, ou seja, “seu mulherzinha”, “seu frutinha”, “você não é de nada” são as expressões usadas. A seguir, apresentamos os clichês de raiva identificados no filme *Meninas malvadas*.

### 3.6 OS CLICHÊS DE RAIVA – PALAVRÕES – EM *MENINAS MALVADAS*

Em relação aos clichês de raiva, o filme *Meninas malvadas* apresentou uma frequência e uma variação de palavrões maior do que as identificadas no filme *10 coisas que eu odeio em você*. É possível que este aumento no número de clichês de raiva no filme *Meninas malvadas* esteja relacionado ao tipo de relacionamento apresentado pelos personagens.

No filme *10 coisas que eu odeio em você*, a trama envolve duas irmãs (Kat e Bianca) e outros personagens sem nenhum elo forte de ligação anterior entre eles. Cameron é novato no colégio, ou seja, possui uma amizade recente com as pessoas com as quais se relaciona. Patrick é um mistério para todos a sua volta e passa a ter contato com os outros personagens com o desenrolar da história. A situação mais tensa vivida pelos personagens centrais é no final do filme quando a negociação feita entre Joey e Patrick é revelada.

No filme *Meninas malvadas*, o relacionamento entre Cady, Regina e os demais personagens centrais é um tanto diferente. O enredo central do filme gira em torno dos conflitos existentes no “mundo das garotas”, dentro dos grupos de amigas adolescentes. As brigas são, normalmente, causadas por invejas, fofocas e namorados. O fato das meninas falarem mal umas das outras constantemente faz com que os palavrões sejam usados com mais frequência durante o filme.

Seguindo o mesmo critério utilizado para a análise dos clichês de raiva identificados no filme *10 coisas que eu odeio em você*, os clichês apresentados a seguir são os de maior frequência identificados no filme *Meninas malvadas*.

#### a) O caso de “bitch”

Em *Meninas malvadas*, “bitch” (freq.08; 0,08%) aparece com frequência 07, a mesma frequência identificada em *10 coisas que eu odeio em você*. No entanto, o contexto desta palavra nas situações a seguir e a estratégia utilizada em sua tradução é bem diferente dos aspectos abordados em *10 coisas que eu odeio em você*.

Neste filme, o termo “bitch” foi utilizado por pessoas de posições sociais distintas – o professor de Kat, a diretora da escola e alguns alunos – e por pessoas que tinham um relacionamento íntimo diferente do tipo de relacionamento vivido com as demais pessoas – as irmãs Kat e Bianca, por exemplo. É possível que tais aspectos (a posição social e o tipo de relacionamento entre os personagens) tenham influenciado as estratégias utilizadas na tradução de “bitch” em cada uma das 07 (sete) situações identificadas em *10 coisas que eu odeio em você*. Por estas razões, o termo foi adaptado (exemplos 06, 08 e 12 – DC), suavizado (exemplos 09, 10 e 11 – DC) e até mesmo cortado (exemplo 07 – DC) nas traduções analisadas.

Em *Meninas malvadas*, embora “bitch” apareça em diversas situações, o sentido utilizado pelos personagens é o mesmo: uma mulher extremamente odiada (ao menos no momento do insulto) por seu comportamento devasso, cruel ou desleal (“a woman one dislikes or disapproves of, esp a malicious, devious, or heartless woman” – AS).

Na primeira situação em que o termo é usado, Jason resolve dar as boas vindas à Cady de uma forma não convencional. Aproveitando-se da ingenuidade da novata, o rapaz faz algumas perguntas obscenas do tipo: “Já tem alguém molhando o biscoito?” e “Quer que alguém molhe o seu biscoito?”. Indignada com a atitude do rapaz, Regina resolve entrar na conversa e defender a garota. Irritado com a intervenção de Regina, Jason resolve xingá-la de “bitch”.

Exemplo 01 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>No, thank you.</i>  - <i>Good. So it's settled. See? Could you shave your back now. Bye, Jason.</i>  - <b><i>Bitch.</i></b></p>	<p>Não. Muito obrigada.  Ótimo. Resolvido.  Vá depilar as costas.  Tchau, Jason.  <b>Vaca.</b></p>

O mesmo clichê de raiva em inglês, “bitch”, é usado quando Cady e seus amigos resolvem entrar em guerra contra Regina. Revoltados pelas atitudes desleais da garota, Cady, Janis e Damian tentam sabotá-la em tudo o que lhe é mais importante: sua beleza, seu namorado e suas amigas.

Exemplo 02 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Can you do it?</i> - <i>I can do it.</i> - <i>OK, let's rock this <b>bitch</b>.</i>	O que acha?  Pode deixar.  Tudo bem. Vamos pegar essa <b>vaca</b> .

Segundo o plano de sabotagem, Cady deveria andar com Regina e suas amigas (As Poderosas), sem revelar suas verdadeiras intenções. Para isso, Cady deveria pensar, falar e agir como uma Poderosa. Deixando-se levar por um momento de raiva, Cady deixa escapar um desentendimento com a professora (Ms. Norbury). Solidárias ao sentimento da nova “amiga”, as Poderosas oferecem o “Livro do Arraso” para Cady escrever suas suspeitas de que a professora era traficante de drogas. Mesmo sem querer, Cady escreve contra a professora, sabendo que o fato era mentira.

Exemplo 03 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>It may look like I'd become a <b>bitch</b>, but that's because I was acting.</i>	Pode parecer que me tornei uma <b>vaca</b> , mas eu estava só fingindo.

Com o passar do tempo, Cady parece esquecer-se do plano de vingança e se deixa influenciar pelas atitudes egoístas e autoritárias de Regina. Mesmo depois de conseguir destruir socialmente a rival, Cady isola os verdadeiros amigos em troca de popularidade e bajulação.

Com raiva pela atitude da amiga e querendo chamá-la de volta à realidade, Janis desabafa tudo o que sente e ofende a garota chamando-a de “bitch”.

Exemplo 04 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>So why are you messing with Regina? 'Cause you are a mean girl! You're a <b>bitch</b>!</i>	Por que você ainda se importa com a Regina?  Eu sei por quê. Porque você é malvada! Você é uma <b>vaca</b> !

Nos quatro exemplos mostrados anteriormente, o clichê de raiva “bitch” recebe uma única tradução: “vaca”. Este termo é também um clichê em português e usado para ofender uma mulher. Contudo, quando alguém diz “Ela é uma vaca!”, uma das idéias mais salientes em tal expressão é a de que a garota ou a mulher tem seios

grandes, tão grandes que parece o animal quando produz leite. Embora a idéia de alguém extremamente má, desleal, rejeitada pela sociedade em virtude de sua maneira de ser também seja contemplada pela expressão, “Filha-da-puta” ou, simplesmente, “puta” seriam os clichês comumente utilizados em situações de extrema raiva no Brasil.

Na situação seguinte, a confusão é geral no colégio, porque o “Livro do Arraso” vai a público revelando os segredos mais íntimos de muita gente. Vendo sua intimidade exposta, as garotas envolvidas passam a desconfiar de suas próprias amigas, as únicas capazes de revelar tais segredos. Junto com a desconfiança, vêm os palavrões e “bitch” é novamente usado.

Exemplo 05 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Did you write this?</i></li> <li>- <i>No, I swear.</i></li> <li>- <i>Then you told somebody.</i></li> <li>- <i>She told.</i></li> <li>- <i>You little <b>bitch!</b></i></li> <li>- <i>You're a <b>bitch!</b></i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Você escreveu isso?</li> <li>-Não, eu juro.</li> <li>-Então, você contou a alguém.</li> <li>-Ela contou.</li> <li>-Sua <b>vadia!</b></li> <li>-<b>Vadia</b> é você!</li> </ul>

Após um período de agressões e xingamentos, o diretor da escola tenta contornar a situação. Constrangido por ouvir certas explicações, o diretor pede à professora Norbury para conversar com as garotas e tentar resolver os problemas.

Entendendo que todas eram ao mesmo tempo vítimas e culpadas pela situação na qual se encontravam, a professora fez com que as garotas pedissem desculpas umas às outras. Devido à imensa sinceridade ou ingenuidade das garotas, os palavrões apareciam novamente, até mesmo durante os pedidos de desculpas.

Exemplo 06 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p><i>Ms Norbury had us write out apologies to people we'd hurt. Alyssa, sorry I called you a gap-toothed <b>bitch</b>. It's not your fault you're so gap-toothed.</i></p>	<p>A Sra. Norbury fez com que pedíssemos perdão para quem magoamos.</p> <p>Alyssa, me desculpe se a chamei de <b>vadia</b> de dentes separados.</p>

Nesse exemplo, a palavra “bitch” também foi traduzida por “vadia” em ambas as situações. Embora “vadia” seja um clichê de raiva no português do Brasil,

usado para insultar e denegrir a honra de uma mulher, o termo não é usado na mesma frequência de “vagabunda”, por exemplo.

Esta foi a tradução recebida por “skank bitch” no exemplo seguinte. Nessa situação, Regina resolve vingar-se de todos que tentaram prejudicá-la. Para conseguir atingir a todos ao mesmo tempo, resolve tornar público o “Livro do Arraso”, revelando o segredo de muita gente. Para não ser incriminada como autora do livro, Regina refere-se a si mesma escreve no livro como “skank bitch”, assim, quando a confusão começasse ninguém a culparia, pois teria a prerrogativa de que ela também estava no livro e, desta forma, era vítima como todos os outros.

É interessante observar que “skank” é o adjetivo que acompanha o termo em questão. Em AS, “skank” é sinônimo de prostituta (“a prostitute = hooker”). Portanto, o termo é usado com a intenção de intensificar o insulto, tornando-o ainda mais agressivo.

Exemplo 07 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>This girl is the nastiest <b>skank bitch</b> I've ever met. Do not trust her.</i>	Essa garota é a pior <b>vagabunda...</b> que eu já conheci. Não confiem nela!

Em uma pesquisa no *Google (Internet)*<sup>64</sup>, foi possível verificar que, das três traduções encontradas para “bitch” – vaca, vadia e vagabunda – “vagabunda” é a mais freqüente em português (338.000 ocorrências)<sup>65</sup>.

b) O caso de “slut”

Outro clichê de raiva bastante recorrente nos diálogos de *Meninas malvadas* é “slut” (freq.10; 0,1%). Aparentemente, seria uma palavra de uso recente, pois não

<sup>64</sup> Entendemos que o *Google* não é considerado, cientificamente falando, um banco de *corpus* lingüístico da mesma natureza que o *BNC* ou o *Bank of English*. Contudo, não podemos ignorar o caráter dinâmico deste *site* em relação à língua devido à grande variedade de textos e estilos de linguagem contidos em suas pesquisas.

<sup>65</sup> O termo “vaca” obteve 11.400.000 ocorrências, no entanto, descartamos este número pelo fato de grande parte dos exemplos se referirem ao animal a não ao clichê de raiva. Para ter uma noção da freqüência deste termo enquanto insulto, tentamos as entradas “Sua vaca”, que obteve 22.900 ocorrências, e “Você é uma vaca”, com 6.060 aparições. “Vadia” apareceu 271.000 vezes, um número de ocorrências bastante significativo, porém com uma diferença de 67.000 ocorrências em relação a “vagabunda”.

consta em nenhum dos dicionários de clichês e expressões linguísticas pesquisados anteriormente. Além disso, aparece com poucas ocorrências no banco de *corpus* linguístico eletrônico *BNC*; apenas 93 ocorrências. Contudo, em *Online Etymology Dictionary*<sup>66</sup>, consta que o termo teve sua origem entre 1375 e 1425, referindo-se à mulher desmazelada, suja e sem higiene. Somente no século XIX, o termo passa a ser usado em referência ao animal feminino de cachorro (cadela) e a mulheres de moral duvidosa.

Observando as situações disponibilizadas pelo *BNC*, pode-se constatar que “slut” é uma palavra de insulto dirigida a mulheres. Ocasionalmente, ela aparece próximo à palavra “bitch”, indicando que ambas pertencem à mesma categoria. De acordo com o dicionário *Oxford Advanced Learner’s Dictionary* (2000), “slut” é uma palavra de caráter reprovável e ofensivo dirigida à mulher que possui muitos parceiros sexuais, o termo é usado como sinônimo de prostituta.

O primeiro exemplo, a seguir, é parte da situação mencionada no exemplo 07, em que Regina revela o “Livro do Arraso”. “Bitch” e “slut” são as palavras usadas pelo “suposto escritor” para ofender Regina. A primeira palavra, como mencionado anteriormente, foi traduzida por “vagabunda”, “slut” foi traduzida por “vagaba”.

Vale salientar que “vagaba”<sup>67</sup> é a forma diminuída de “vagabunda”, tradução dada para “bitch” na seção anterior. Assim, podemos dizer que “bitch” e “slut” foram tratadas como sinônimos na tradução.

No exemplo 08, Regina escreve mal de si mesma no “Livro do Arraso” antes de tornar suas anotações públicas. Em seguida, o diretor interroga Gretchen, Karen e Cady, querendo saber o nome do(a) responsável pela revelação dos segredos contidos no livro.

---

<sup>66</sup> HARPER, Douglas. Online Etymology Dictionary. In: **Dictionary.com**, 2001. [www.dictionary.com](http://www.dictionary.com). Sited: 30/05/07.

<sup>67</sup> No *Google*, o termo aparece em 125.000 situações; não é freqüente como o seu correspondente, porém sua recorrência por parte dos usuários não para ser ignorada.

Exemplo 08 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>This girl is the nastiest skank bitch I've ever met. Do not trust her. She is a fugly <b>slut</b>!</i>	Essa garota é a pior vagabunda... que eu já conheci. Não confiem nela! Ela é uma mocréia <b>vagaba</b> !

“Fugly” é a palavra que acompanha “slut” em inglês. Em português, ela foi traduzida por “mocréia” no exemplo 08, contudo não aparece no exemplo a seguir. Acreditamos que o que levou o tradutor a omitir sua tradução, neste caso, tenha sido a necessidade de economia de espaço gerada pela relação tempo/espaço das legendas em relação ao ritmo do filme.

Exemplo 09 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>Ms Wieners, why would Regina refer to herself as a “fugly <b>slut</b>”?</i>	Srta. Wieners, por que Regina iria dizer que ela era uma “ <b>vagaba</b> ”?

Outra tradução encontrada para o termo “slut” foi “piranha”<sup>68</sup> (exemplos 10, 11 e 12), também usado em português para referir-se a uma mulher de conduta reprovável e moral duvidosa. Chama-se de “piranha” a mulher que anda com vários homens, aquela a quem se rotula “desfrutável” (e.g. “Fulana é uma tremenda piranha”). Mesmo assim, as ofensas envolvendo o termo mencionado são menos freqüentes do que aquelas que envolvem o termo “vaca”. Comparando os termos mencionados, entendemos que, em relação ao nível de xingamento, “piranha” é tão ofensivo quanto “galinha”, ou seja, possuem a mesma carga semântica, diferente do termo “vaca”.

No exemplo a seguir, Cady está na expectativa de que Regina ajude-a a namorar Aaron (ex-namorado de Regina). Cady aguarda à distância enquanto a amiga conversa com o garoto. Tudo corria bem até que, de repente, Regina beija na boca de Aaron e voltam a namorar.

<sup>68</sup> Na pesquisa realizada no *Google*, “piranha” revelou a mesma questão que a palavra “vaca”. A ocorrência é bem maior por tratar-se de um animal do que pelo fato de também ser um clichê de raiva. Para a entrada “sua piranha” a freqüência foi de 2.020 e para “você é uma piranha”, foi de 777.

Exemplo 10 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>How could Janis hate Regina? She was such a good... <b>Slut</b>.</i>	Por que Janis odiava Regina? Ela era uma ótima... <b>Piranha!</b>

Da mesma forma que o caso mencionado anteriormente, o exemplo a seguir também ocorre durante a festa de *Halloween*. Cady aparece fantasiada de “noiva-zumbi” enquanto todas as outras garotas, na festa, estavam fantasiadas com roupas curtas e sensuais.

Exemplo 11 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>In Girls World, Hallowe'en is the one night of the year when a girl can dress like a total <b>slut</b> and no other girls can say anything about it.</i>	No Mundo das Garotas, elas se vestem como <b>piranhas</b> ... mas ninguém pode criticá-las.

Após o “Livro do Arraso” se tornar público e causar o caos na escola, a professora Norbury conversa com as garotas na tentativa de solucionar o problema. Preocupada com a repercussão das brigas nos garotos, a professora pede que as meninas parem de xingar-se mutuamente.

Exemplo 12 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>You've got to stop calling each other <b>sluts</b> and whores. It makes it OK for guys to do the same. Who here has ever been called a <b>slut</b>?</i>	mas vocês têm de parar de se chamar de <b>piranhas</b> e vadias. Isso incentiva os homens a fazerem o mesmo. Quem já foi chamada de <b>vadia</b> ?

Além de “vagaba” e “piranha”, o termo “vadia” também aparece como tradução. Isso reforça a idéia de que “slut” e “bitch” foram tratadas como sinônimos ao serem traduzidas.

Nos exemplos 13 e 14 (MM), “slut” aparece nas legendas como “galinha”. Pelos termos traduzidos que foram discutidos até o momento, é possível observar que, em português, os insultos com nomes de animais são bastante comuns e quase todos

transmitem o mesmo sentido: uma mulher desfrutável e de comportamento indecoroso – vaca, cadela, cachorra, piranha, galinha, por exemplo.

Nas situações seguintes, as meninas fazem conferências pelo telefone: primeiro, Regina conversa com Cady enquanto Gretchen escuta tudo sem participar da conversa. Depois, Gretchen liga e conta para Karen o que Regina disse a respeito dela, enquanto Cady e Regina esperam na linha para conversar com as “amigas”.

Exemplo 13 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>The Spring Fling Queen is always pretty. It should be Karen, but people forget about her 'cause she's such a <b>slut</b>.</i>	A Rainha da Primavera tem de ser bonita.  Devia ser a Karen, mas ninguém vota nela porque ela é uma <b>galinha</b> .

Exemplo 14 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Regina says you're such a <b>slut</b>.</i> - <i>She said that?</i> - <i>You didn't hear it from me.</i>	Regina disse que você é uma <b>galinha</b> .  -Ela disse o quê? -Não diga que eu contei.

Cady está conversando com seus novos amigos, Janis e Damian, quando ela vê Regina George pela primeira vez. Impressionada pela popularidade da garota, Cady pergunta quem é a loira. Nesta ocasião, Janis fornece maiores detalhes a respeito de Regina e “slut” aparece pela primeira vez no filme.

Nas legendas, a palavra que aparece é “perua”. Diferentemente dos casos anteriores, “perua” se refere a uma mulher que gosta de chamar a atenção das outras pessoas, especialmente dos homens, pelo modo de se vestir. Comparando às traduções dadas à palavra em inglês, poderíamos afirmar que esta é uma tradução que suaviza o sentido de “slut”. Contudo, esta suavização pode ter sido proposital, uma tentativa de preservar a verdadeira personalidade de Regina que se revela apenas na festa de *Halloween*. Por meio da legenda, o espectador pode pensar que, a princípio, a loira é apenas uma patricinha rica e metida que gosta de ser paparicada; a verdadeira “slut” só se revela mais tarde.

Exemplo 15 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p>- <i>And evil takes a human form in Regina George.</i>                      - <i>Ah, before she may seem like your typical selfish, back-stabbing <b>slut</b>, but in reality, she's so much more than that.</i></p>	<p>E Regina George é a maldade em forma de gente.                      Ela pode parecer uma <b>perua</b>-típica, egoísta e traiçoeira...                      mas na verdade, ela é bem pior que isso.</p>

Para concluir esta seção, passemos ao último caso em que “slut” aparece. Neste exemplo, Cady reflete sobre o comportamento das meninas na festa de *Halloween*. Em seu pensamento, Cady estabelece as diferenças entre o mundo comum e o “Mundo das Garotas” no tocante às fantasias usadas em um e outro meio. Ela lamenta o fato de não ter sido avisada sobre as fantasias que faziam das garotas verdadeiras “piranhas” (exemplo 11). Neste caso, “slut rule” não foi traduzido para as legendas.

Exemplo 16 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<p><i>Unfortunately, no one told me about the <b>slut</b> rule, so I showed up like this.</i></p>	<p>Infelizmente, ninguém me avisou.                      Então fui à festa assim.</p>

É possível que o tradutor tenha omitido a tradução para economizar espaço, pelo fato de uma informação semelhante já ter sido mencionada nas legendas anteriores apresentadas no exemplo 11 – MM. Como o objetivo primordial das legendas é a economia de espaço, a informação nas legendas do exemplo 16 seria redundante.

c) O caso de “whore”

Antes de concluir a análise dos clichês de raiva em *Meninas malvadas*, passemos a “whore” (freq.03; 0,03%). Este termo aparece com frequência 03 (três) na lista de palavras do filme e, semelhantemente às palavras anteriores, foi usado com a intenção de ofender a quem era dirigido.

De acordo com o *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (2000), “whore” é uma palavra de uso retrógrado, talvez por esse motivo tenha sido menos freqüente na lista de palavras que “bitch” e “slut”. Ainda segundo o mesmo dicionário, “whore” é “uma palavra ofensiva usada para referir-se a uma mulher que possui diversos parceiros sexuais”<sup>69</sup> dos quais recebe dinheiro, ou seja, uma prostituta. Interessante observar que no dicionário *Collins Gem* (2001) – inglês/português – “puta” é a tradução dada para a palavra em questão, contudo, esta não foi a tradução que apareceu nas legendas.

No exemplo a seguir, Gretchen conta para Karen que Regina falara mal dela, chamando-a de “slut” (exemplo 14 – MM). Em seguida, Regina liga para Karen e a convida para sair. Querendo livrar-se da falsa amiga, Karen finge estar doente como pretexto para não acompanhar Regina. Percebendo a mentira de Karen, Regina se irrita e insulta a amiga.

Exemplo 17 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>I can't go out... I'm sick.</i> - <i>Boo! You <b>whore!</b></i>	Não posso sair. Estou passando mal.  Sua <b>vadia!</b>

Nesse caso, a tradução recebida foi “vadia”, a mesma recebida por “bitch” (exemplos 05 e 06 – MM) e “slut” (exemplo 12 – MM). A tradução também coincide com os clichês de raiva discutidos anteriormente no caso seguinte.

Depois de seu primeiro encontro com as Poderosas, Cady acha que Regina é uma pessoa muito legal e não entende porque Janis a odeia tanto. Indignada com a ingenuidade de Cady, Janis “detona” a loira.

Exemplo 18 – MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
<i>She's not sweet! She's a scum-sucking <b>whore.</b></i> <i>She ruined my life!</i>	Ela não é gentil!  É uma <b>vagabunda!</b> Ela acabou com a minha vida.

<sup>69</sup> “An offensive word used to refer to a woman who has sex with a lot of men.”

Como mencionamos, o termo “vagabunda” também apareceu nas legendas como tradução de “bitch” (exemplo 07 – MM) e “slut” (exemplos 08 e 09 – MM – nestes casos, “vagaba” é a forma abreviada de “vagabunda”).

A seguir, o diretor descobre o “Livro do Arraso” e fica chocado com as expressões encontradas. Seguindo o mesmo passo das situações anteriores, “whore” é traduzida por “piranha”, termo já utilizado anteriormente para a tradução de “slut” (exemplos 10, 11 e 12 – MM).

Exemplo 19 –MM:

TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS
- <i>Good Lord. What's that say? "Caitling is a..."</i> - "... <i>fat whore.</i> "	Meu Deus. -O que diz aqui? "Caitlin é uma... <b>-Piranha gorda</b> ".

Como foi possível observar pelos exemplos apresentados nesta seção, “whore” foi traduzida de forma idêntica às palavras “bitch” e “slut”. Por este motivo, podemos afirmar que as três palavras em inglês foram tratadas como clichês de raiva sinônimos, de usos semelhantes.

### 3.7 SÍNTESE DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA TRADUÇÃO DOS CLICHÊS DE RAIVA – PALAVRÕES

Após as análises apresentadas, a respeito das traduções feitas para as legendas dos filmes escolhidos para *corpus* nesta pesquisa, elaboramos dois quadros – um com o levantamento das estratégias utilizadas na tradução dos palavrões em *10 coisas que eu odeio em você* (Quadro 22) e outro com o levantamento daquelas usadas no filme *Meninas malvadas* (Quadro 23).

Na primeira coluna de cada quadro, destacamos o clichê analisado seguido de suas respectivas traduções. Em seguida, relacionamos cada tradução e um tipo de estratégia e, finalmente, indicamos o exemplo em que aparecem para quaisquer verificações.

Quadro 22:

AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO NAS LEGENDAS DE DC			
CLICHÊ DE RAIVA	TRADUÇÃO NA LEGENDA	ESTRATÉGIA UTILIZADA	SITUAÇÃO
<b>Shit</b>	Sem tradução	Não tradução ou corte	Exemplos 03 e 04
	Droga / idiotas	Suavização	Exemplos 02 e 05
	Besteiras	Adaptação	Exemplo 01
<b>Bitch</b>	Sem tradução	Não tradução ou corte	Exemplo 07
	Nojenta / doida	Suavização	Exemplos 09, 10 e 11
	Cadela / saco / galinha	Adaptação	Exemplos 06, 08 e 12
<b>Suck</b>	-----	Não tradução ou corte	Não ocorre
	-----	Suavização	Não ocorre
	Droga / chata	Adaptação	Exemplos 13 e 14
<b>Punk</b>	-----	Não tradução ou corte	Não ocorre
	Idiota	Suavização	Exemplos 15 e 16
	-----	Adaptação	Não ocorre

Quadro 23:

AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO NAS LEGENDAS DE MM			
CLICHÊ DE RAIVA	TRADUÇÃO NA LEGENDA	ESTRATÉGIA UTILIZADA	SITUAÇÃO
<b>Bitch</b>	-----	Não tradução ou corte	Não ocorre
	Vaca / vadia	Suavização	Exemplos de 01 a 06
	Vagabunda	Adaptação	Exemplo 07
<b>Slut</b>	Sem tradução	Não tradução ou corte	Exemplo 16
	Vadia	Suavização	Exemplos 12
	Vagaba / piranha / galinha / perua	Adaptação	Exs 08 a 11 e 13 a 15
<b>Whore</b>		Não tradução ou corte	Não ocorre
	Vadia	Suavização	Exemplo 17
	Vagabunda / piranha	Adaptação	Exemplos 18 e 19

Se compararmos as estratégias utilizadas para a tradução dos clichês de raiva em *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*, mostradas nos Quadros 22 e 23 respectivamente, é possível observar que, embora apresente mais palavras que aquele, a suavização é mais utilizada enquanto estratégia de tradução nas legendas de *Meninas malvadas*. Isso porque consideramos que “piranha”, “vadia”, “vaca”, não

obstante serem termos de insulto em português, apresentam uma carga semântica menos ofensiva que o termo “puta”<sup>70</sup> ou a expressão “filha-da-puta”<sup>71</sup>, as quais não foram utilizadas em nenhuma das traduções. Por outro lado, os clichês de raiva “galinha”, “vagabunda” e “vagaba”, por serem mais freqüentes, foram consideradas adaptações para o português do Brasil nas ocasiões em que apareceram nas legendas de *Meninas malvadas*.

Neste capítulo, apresentamos nossa análise sobre a tradução das expressões selecionadas nas legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. Descrevemos as cenas em que cada uma apareceu e consideramos os fatores que podem ter influenciado as traduções. Finalmente, sintetizamos as estratégias utilizadas e fizemos relação aos termos utilizados para situações semelhantes no Brasil. No próximo capítulo, relatamos os resultados do experimento aplicado na verificação do tipo de legenda mais aceito pelo público: as legendas formais, sem a tradução de palavrões; ou as legendas informais, com a adaptação de palavrões comumente utilizados no Brasil.

---

<sup>70</sup> Em pesquisa no *site Google*, o termo “puta” apareceu 26.000.000 vezes; em combinação com outras palavras, como “Sua puta” e “Você é uma puta”, o termo apareceu 24.000 e 11.100, respectivamente. Comparando com os termos “vaca”, “vadia”, “vagabunda”, “piranha” e “galinha”, discutidos anteriormente, com a palavra “puta”, podemos dizer que ele é mais freqüentemente usado que os demais.

<sup>71</sup> No mesmo *site*, a fraseologia “filha-da-puta” aparece 25.000 vezes; “filho-da-puta”, 340.000; e “puta-que-pariu”, 184.000 vezes.

#### 4. LEGENDA FORMAL OU INFORMAL: PESQUISANDO A PREFERÊNCIA DO PÚBLICO

Até o momento, procedemos à elaboração dos MCIs de língua oral/escrita e à análise das traduções nas legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. Como mencionado no capítulo anterior, a elaboração dos MCIs de escrita foi importante para relacionarmos o uso da linguagem formal à escrita e, conseqüentemente, às legendas. A análise das legendas, por sua vez, foi importante para verificarmos se os MCIs identificados a priori exerceram qualquer influência no tipo de linguagem utilizada na tradução legendada dos filmes escolhidos.

Com a conclusão destes dois procedimentos iniciais, realizamos um outro experimento para tentar verificar que tipo de linguagem (formal ou informal) os espectadores brasileiros mais apreciam nas legendas de filmes americanos.

Nesta última parte da pesquisa, utilizamos apenas um trecho do filme *10 coisas que eu odeio em você* de duas formas: um com as legendas originais e outro com as legendas elaboradas pela pesquisadora. Além do trecho, foi aplicado um questionário para verificar a intuição da audiência quanto às duas legendas: as novas e as originais.

Os passos percorridos para a realização deste experimento foram os seguintes: primeiro, selecionamos o trecho a ser exibido durante a pesquisa. Em seguida, gravamos o trecho em duas mídias – a primeira, em DVD, com o áudio em inglês e as legendas originais em português; a segunda mídia, em CD, recebeu a cópia do trecho ripada para *mpg*, também com áudio em inglês. Enquanto aguardávamos a finalização das mídias, copiamos as legendas originais em um arquivo do *Word* e, por meio de comparação entre as legendas originais e o *filmscript* (texto oral em inglês), elaboramos o que seria um esboço das novas legendas. Após esses procedimentos, trabalhamos a cópia em *mpg* e as legendas elaboradas anteriormente no programa para legendagem *Subtitle Workshop*. Durante a utilização do programa foram realizadas todas as modificações necessárias para a adequação das legendas ao trecho exibido:

alteração de vocabulário, quebra de legendas em linhas ou quadros de exibição diferentes, alteração no tempo de exibição do texto etc. Finalizado o trabalho no programa *Subtitle Workshop*, visualizamos o produto por meio de outro programa eletrônico, chamado *BS Player* (leitor de mídias), e procedemos às alterações necessárias.

Paralelamente à elaboração das legendas, dedicamo-nos à elaboração do questionário a ser aplicado após a exibição do trecho escolhido. Uma vez concluídos o questionário e as legendas, passamos ao desenvolvimento prático da pesquisa junto aos informantes.

Vejam, a seguir, informações mais detalhadas sobre o trecho do filme utilizado, a elaboração das novas legendas, a aplicação do experimento e os resultados obtidos.

#### **4.1 AMOSTRA DO FILME *10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ***

Como mencionado em outra ocasião, o filme *10 coisas que eu odeio em você* apresenta um enredo bastante simples, ou melhor, comum. É encenado, principalmente, por adolescentes em situações do dia a dia com uma linguagem informal. Optamos por trabalhar com *10 coisas que eu odeio em você* em vez de *Meninas malvadas*, porque acreditamos que o primeiro mostre situações mais semelhantes às aquelas cotidianas vividas por adolescentes reais. Afinal, não é todo dia que uma garota vinda da África, e sem nunca ter ido a uma escola antes, aparece para fazer amigos em um novo colégio (*Meninas malvadas*).

O trecho selecionado para a realização deste experimento foi de aproximadamente 10 minutos, com áudio em inglês. Um novo DVD foi preparado contendo apenas o trecho escolhido, com o propósito de facilitar sua exibição durante a realização da pesquisa.

No trecho escolhido, Cameron e Michael tentam colocar em prática um plano para que Patrick saia com Kat. Inicialmente, os dois garotos conversam a

respeito de Pat e chegam à conclusão de que ele seria o rapaz ideal para sair com Kat. Os dois tentam uma aproximação, mal sucedida, com Patrick e concluem que a única forma de fazê-lo colaborar seria por meio de um generoso pagamento. Sem dinheiro, Cameron e Michael decidem envolver Joey, um modelo esnobe, com muito dinheiro e que também está interessado em Bianca. Michael faz Joey acreditar que, pagando alguém para sair com Kat, seria mais fácil sair com a irmã, Bianca. Empolgado pela possibilidade de conseguir sair com Bianca, Joey procura Patrick para as negociações. No trecho em questão, são apresentadas situações como: tentativa de aproximação entre adolescentes estranhos (Cameron e Patrick, Patrick e Kat), apresentação entre dois adolescentes desconhecidos (Patrick e Kat, Joey e Patrick), discussão entre pai e filha (sr. Stratford e Kat), briga entre irmãs (Kat e Bianca) e briga entre colegas de escola (Kat e Joey, Joey e Patrick). Considerando as situações mencionadas, acreditamos que o trecho seria propício para o uso da linguagem informal e dos palavrões.

## **4.2 AS NOVAS LEGENDAS**

As legendas consideradas originais são as legendas, em português, oficiais do DVD, elaboradas pela *Dolby Digital* e disponíveis no mercado para a apreciação do público em geral. Essas legendas apresentam a linguagem formal, a suavização e o corte de palavrões como estratégias de tradução, conforme mostramos no capítulo anterior. Em relação ao uso da linguagem formal, as legendas exibiram construções lingüísticas baseadas na norma culta padrão, tais como: conjugação de tempos verbais não comuns na oralidade (futuro simples e futuro do pretérito do indicativo); uso de ênclise para pronomes oblíquos e não contração de preposições e artigos também comuns na oralidade (para a, para o, em um etc. em lugar de pra, pro, num etc.). No tocante aos palavrões, quando não foram omitidos, tais termos foram substituídos por outros considerados menos ofensivos.

Para a elaboração das novas legendas (vide anexo 04), procuramos construir um texto o mais informal possível (Quadro 24). Para isso, utilizamos as seguintes estratégias: o uso da linguagem informal e a adaptação dos palavrões utilizados pelos personagens. No que diz respeito à linguagem informal, as legendas foram elaboradas a partir da utilização de expressões e construções lingüísticas comumente usadas durante uma conversa do dia a dia, tais como: adaptação de vocabulário, ou seja, palavras e expressões que se identificam ao estilo e idade dos personagens; conjugação dos verbos em tempos comuns à língua oral (verbo “ir” seguido de infinitivo e utilização da forma “ia” em lugar de “iria”); contração de preposições e artigos e uso de próclise para pronomes oblíquos. Em relação aos palavrões, procuramos adaptá-los e utilizar os termos provavelmente utilizados em situações semelhantes no Brasil.

Quadro 24:

COMPARAÇÃO ENTRE AS LEGENDAS ORIGINAIS E AS NOVAS LEGENDAS		
TEXTO ORAL EM INGLÊS	LEGENDAS ORIGINAIS	NOVAS LEGENDAS
<i>He sold his own liver on the black market for a new set of speakers.</i>	Vendeu o fígado no mercado negro para comprar uns amplificadores.	<b>O cara</b> <sup>72</sup> vendeu o fígado <b>pros traficantes pra</b> comprar uns amplificadores.
<i>He's our guy.</i>	É nosso homem.	Esse é o <b>cara</b> .
<i>Hey, how ya doin'?</i>	Oi. Tudo bem?	E aí, <b>mano</b> ?
<i>How do we get him to date Kat?</i>	Como faremos para que saia com a Kat?	O que <b>a gente</b> faz <b>pra</b> ele <b>sair</b> com a Kat?
<i>Yeah, I'm on it.</i>	-Estou tentando.	<b>-Tô</b> tentando.
<i>People wouldn't know what to think.</i>	Ninguém saberia o que pensar.	Ninguém <b>ia saber</b> o que pensar.
<i>Yeah, well, what we need is a backer.</i>	Bem, precisamos de um aval.	Precisamos de um “ <b>laranja</b> ”.
<i>What is it? Asshole day?</i>	É o dia dos idiotas?	É o dia dos <b>pé-no-saco</b> ?
<i>You bitch!</i>	Sua nojenta!	<b>Filha-da-puta!</b>
<i>Watching the bitch violate my car doesn't count as a date.</i>	Ver essa doida amassar meu carro não conta como encontro.	Ver aquela <b>puta</b> amassar meu carro não é encontro.

Como podemos observar no Quadro 24 apresentado, as novas legendas oferecem aos espectadores um tipo de linguagem diferente daquela utilizada nas legendas originais: vocabulário típico de adolescentes (e.g. cara, mano, laranja, a gente), conjugação dos verbos semelhante à da fala (e.g. ia saber, tô), contração de preposições e artigos (e.g. pros, pra) e adaptação na tradução dos palavrões usados

<sup>72</sup> O grifo, e todos os seguintes, serve apenas de ilustração para os exemplos apresentados no quadro, não aparecem nas legendas.

pelos personagens (e.g. pé-no-saco, filha-da-puta, puta). Estas foram as estratégias de tradução para as novas legendas. A seguir, tratamos do questionário aplicado nesta parte da pesquisa.

### **4.3 QUESTIONÁRIO**

O questionário (vide anexo 05) para este experimento foi elaborado com o objetivo de se verificar o grau de receptividade ou rejeição dos espectadores em relação ao tipo de linguagem utilizada na tradução das legendas, a saber, a linguagem formal ou informal. Este foi um questionário curto a fim de não enfadar os informantes, uma vez que já constava do tempo para o teste a exibição dos 10 minutos de filme.

Elaboramos três questões, para as quais os participantes foram orientados a utilizar uma escala de 1 (um) a 7 (sete) para responder cada item apresentado. As características representadas por cada número variaram de questão para questão, por este motivo, sempre que tais características eram alteradas, um novo quadro era mostrado para ajudar os participantes a escolherem o valor mais adequado ao seu modo de pensar.

Essas questões nos permitiram verificar a hipótese central desta pesquisa, ou seja, que tipo legenda obteria maior aceitação por parte do público: a legenda de linguagem formal ou a de linguagem informal, com palavrões explícitos. Sendo assim, as perguntas versaram sobre três aspectos: o grau de conforto dos participantes em relação à linguagem dos personagens e das legendas, a naturalidade das legendas em relação à fala e a quantidade de palavrões exibidos caso o trecho fosse em português.

Na primeira questão, perguntamos aos participantes como eles se sentiram (confortáveis ou desconfortáveis) em relação a alguns aspectos do trecho exibido, tais como: a linguagem dos personagens, a tradução dos diálogos nas legendas, o uso de palavrões pelos personagens e o uso de palavrões nas legendas. Com intenção de evitar que os quatro itens revelassem o foco de nosso interesse, acrescentamos outros itens

apenas para desviar a atenção dos informantes. Nesta questão, cada participante deveria marcar 1 (um) caso se sentisse muito desconfortável em relação ao item mostrado, 2 (dois) para o fato de se sentir desconfortável, 3 (três) se sua sensação fosse meio desconfortável, 4 (quatro) para um estado neutro, 5 (cinco) caso se sentisse meio confortável, 6 (seis) se sua sensação fosse confortável e, finalmente, 7 (sete) se o informante se sentisse totalmente confortável em relação ao item em tela.

A questão seguinte versou sobre a naturalidade das legendas, ou seja, perguntamos o nível de semelhança entre as legendas exibidas e maneira como falamos normalmente. Os informantes deveriam escolher o número 1, caso as legendas fossem muito estranhas, muito diferentes da linguagem oral, e 7, se as julgassem muito naturais. Na última questão indagamos sobre a frequência de palavrões em um trecho semelhante exibido em português. Dessa vez a escala variava de “menos palavrões” (1) a “mais palavrões” (7). Para essas últimas questões, os participantes tiveram a oportunidade de fazer comentários, caso achassem necessário.

#### **4.4 PARTICIPANTES**

Para este experimento, contamos com uma amostra de 99 informantes de ambos os sexos, com idade a partir de 12 anos, e escolaridade variando do ensino médio até pós-graduação. Dos 99 informantes totais, 89 eram alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE (42 do inglês, 19 do francês e 28 do espanhol); os outros 10 eram colegas, graduados em diferentes universidades. Nenhum dos informantes havia tido qualquer contato anterior com o objeto de estudo desta pesquisa.

Embora o objetivo deste experimento fosse verificar a aceitação das legendas em português, era possível que o conhecimento prévio do inglês como língua estrangeira interferisse nas respostas dos participantes. Desta forma, é importante mencionar que foi feito um levantamento a respeito do nível de conhecimento da língua inglesa por parte dos informantes.

Quarenta e oito pessoas assistiram ao trecho com as legendas originais. Deste total, 22 eram homens e 26, mulheres. Esse grupo contou com a participação de alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE dos cursos de espanhol (07), francês (15) e inglês (16) e mais 10 pessoas as quais não tiveram qualquer contato anterior com esta pesquisa. A idade dos participantes variou da seguinte maneira: 05 pessoas tinham entre 12 e 18 anos, 24, entre 19 e 25 anos, 10 tinham entre 26 e 35 e 09 pessoas tinham acima de 35 anos. Em relação à escolaridade, 10 participantes cursaram (ou cursavam) o ensino médio, 28 cursaram (ou cursavam) a graduação e 10, a pós-graduação.

Em relação ao conhecimento da língua inglesa, 36 sujeitos admitiram estudar ou ter estudado o idioma: 04 deles, há um ano; 05, há dois anos; 13, há três anos e 14 pessoas estudavam inglês há quatro anos ou mais.

No segundo grupo, 51 pessoas assistiram ao trecho com as novas legendas. Deste total, 23 eram homens e 28, mulheres. Todos os participantes eram alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE dos cursos de espanhol (21), francês (04) e inglês (26) dos quais, 16 cursaram o ensino médio, 33 cursaram (ou cursavam) a graduação e 02, a pós-graduação. A idade dos sujeitos que formaram este segundo grupo variou da seguinte forma: 11 pessoas tinham entre 12 e 18 anos, 31, entre 19 e 25 anos, 07 tinham entre 26 e 35 e 02 pessoas tinham acima de 35 anos.

Em relação ao conhecimento da língua inglesa, 33 sujeitos admitiram estudar ou ter estudado o idioma: 04 deles, há um ano; 05, há dois anos; 13, há três anos e 14 pessoas estudavam inglês há quatro anos ou mais.

#### **4.5 PROCEDIMENTOS**

Para a realização do experimento, solicitamos permissão à coordenação geral, e às respectivas coordenações de línguas, do Núcleo de Línguas da UECE. Em seguida, consultamos os professores das turmas escolhidas e os respectivos alunos. O único critério utilizado na escolha das turmas foi o desconhecimento do objeto de

estudo desta pesquisa, portanto, alunos de professores colegas do curso de mestrado ou que já tivessem tido qualquer conhecimento prévio a respeito do nosso estudo por meio de apresentações ou conversas informais foram descartados. O mesmo critério foi usado para os dez participantes que não eram alunos do Núcleo de Línguas.

Recebido o aval do professor e dos alunos, o experimento foi realizado, sob a supervisão desta pesquisadora, no Laboratório 01 do CMLA ou na sala 13 (de áudio e vídeo) do Núcleo de Línguas, conforme a disponibilidade de cada turma.

Os participantes foram convidados a se deslocarem de suas salas até os locais mencionados e receberam instruções para assistirem ao trecho do filme escolhido como se estivessem em suas casas, isto é, sem se preocuparem com o que seria perguntado no questionário. Os informantes assistiram ao trecho do filme e, logo a seguir, receberam o questionário e procederam ao seu preenchimento. Antes, porém, a pesquisadora solicitou que os participantes não dispensassem muito tempo na reflexão das respostas, mas que procurassem responder às questões de acordo com sua primeira impressão. A partir daí, procedemos ao levantamento estatístico dos questionários respondidos com o auxílio do programa *Excel* (tabelas e gráficos dinâmicos) e do programa *Epiinfo versão 6.1B*. O último passo realizado foi a análise (mostrada a seguir) das informações fornecidas pelos dois programas.

#### **4.6 ANÁLISE DOS RESULTADOS: A RECEPÇÃO DO PÚBLICO EM RELAÇÃO ÀS LEGENDAS**

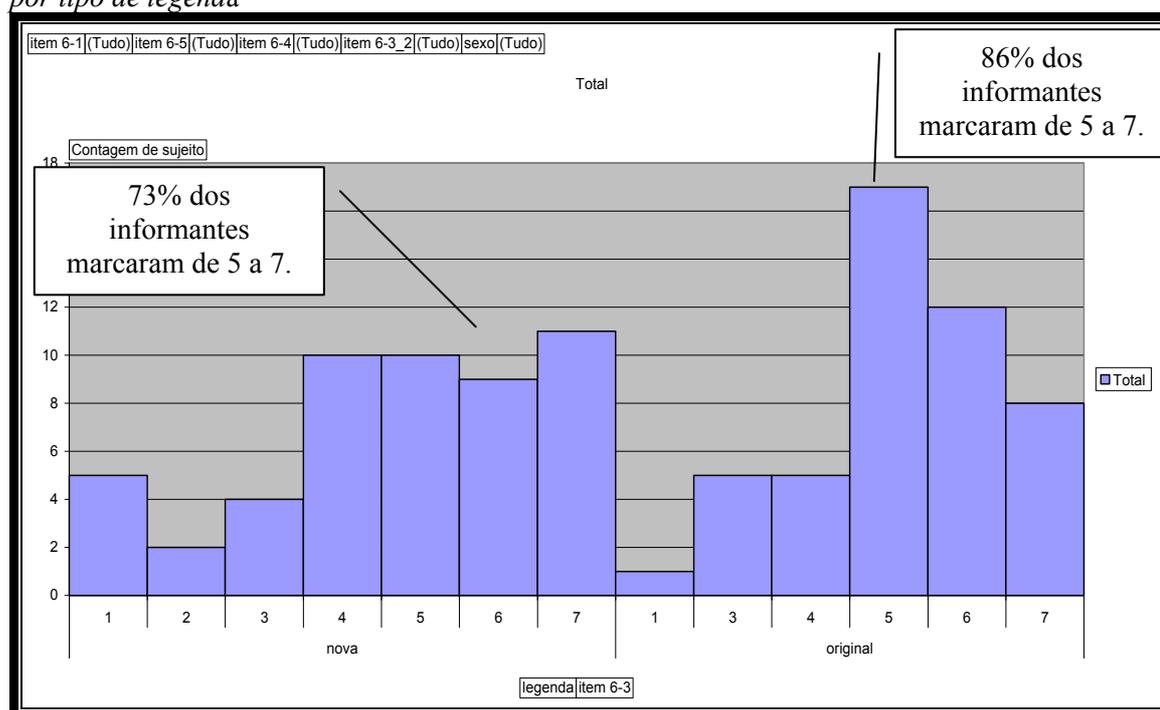
Conforme mencionado anteriormente, os participantes foram alertados a não dispensarem muito tempo na reflexão das respostas; era importante para o resultado da pesquisa que os informantes marcassem sua primeira impressão a respeito de cada aspecto perguntado.

Após a aplicação dos questionários, realizamos análises estatísticas, como, ANOVA, para testar a variância dos grupos, e qui-quadrado, para testar a dissemelhança entre os mesmos. Como resultado, nenhum dos dados obtidos foi

conclusivo, estatisticamente falando. Basicamente, analisamos os grupos, considerando: se houve diferença na intuição dos sujeitos, como um todo, quanto às legendas novas e originais; se homens e mulheres tiveram intuições diferentes quanto a essas legendas; e, por fim, se informantes que estudaram inglês julgaram as legendas (novas e originais) de forma diferente. Para detalhar alguns aspectos verificados, passamos a mostrar o levantamento realizado.

Quanto à sensação de conforto ou desconforto causada pelos aspectos lingüísticos do filme e das legendas, os questionários mostraram que 86% dos informantes se consideraram de meio confortável a muito confortável no que diz respeito à linguagem utilizada pelos personagens do trecho exibido com as legendas originais (Gráfico 01).

**Gráfico 01** – *Nível de conforto dos informantes quanto à linguagem usada pelos personagens, por tipo de legenda*

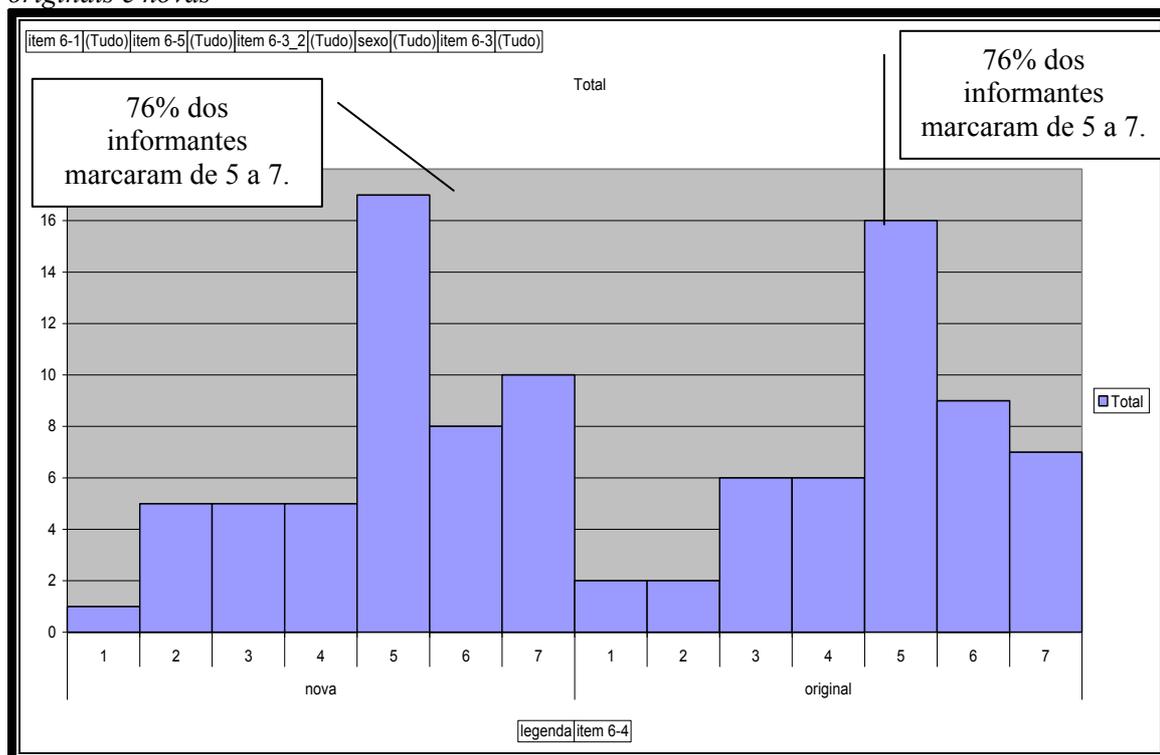


*Escala variando de 1, muito desconfortável, a 7, muito confortável.*

Conforme o gráfico anterior, em relação às novas legendas, a porcentagem foi um pouco menor, mas não significativa, 73% dos sujeitos se sentiram entre meio e muito confortável ao analisar a linguagem utilizada pelos personagens.

No tocante à tradução dada para os diálogos nas legendas (Gráfico 02), 76% dos participantes revelaram sentir-se entre meio confortável a muito confortável. O resultado foi o mesmo para os dois grupo, fato curioso que contrariou a hipótese de que as legendas informais poderiam causar desconforto aos participantes por contrariarem o MCI para escrita.

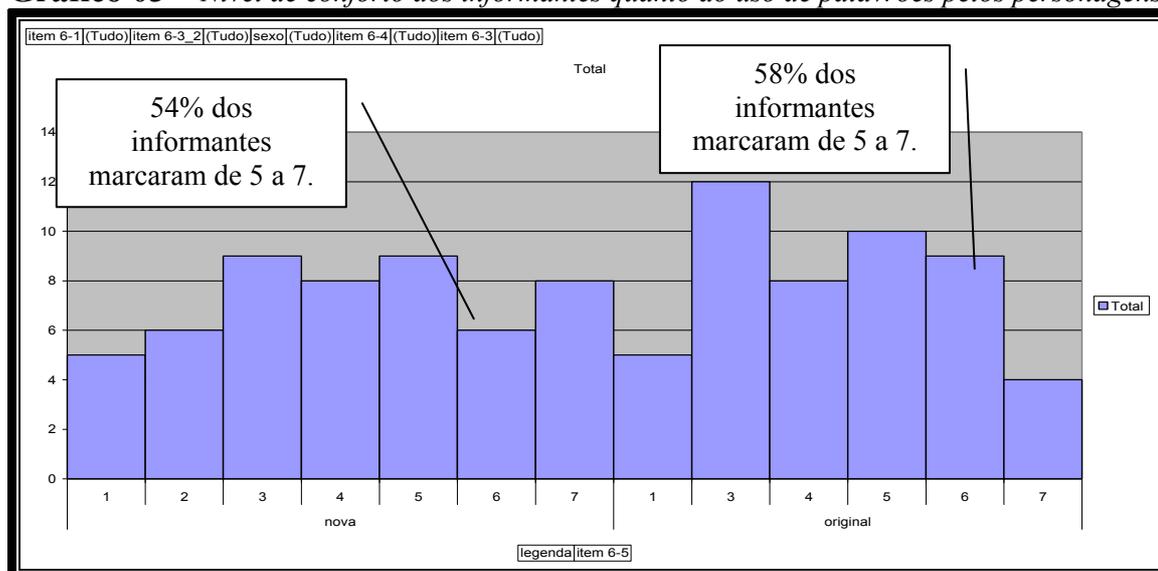
**Gráfico 02** – *Nível de conforto dos informantes quanto à tradução dos diálogos nas legendas, originais e novas*



*Escala variando de 1, muito desconfortável, a 7, muito confortável*

O uso de palavrões pelos personagens sofreu uma variação menor, se comparado aos outros itens (Gráfico 03). Nesse caso, 58% das pessoas que assistiram às legendas originais sentiram-se entre meio confortável a muito confortável contra 36%, no mesmo grupo, que se sentiram de muito desconfortável a meio desconfortável.

**Gráfico 03** – *Nível de conforto dos informantes quanto ao uso de palavras pelos personagens*

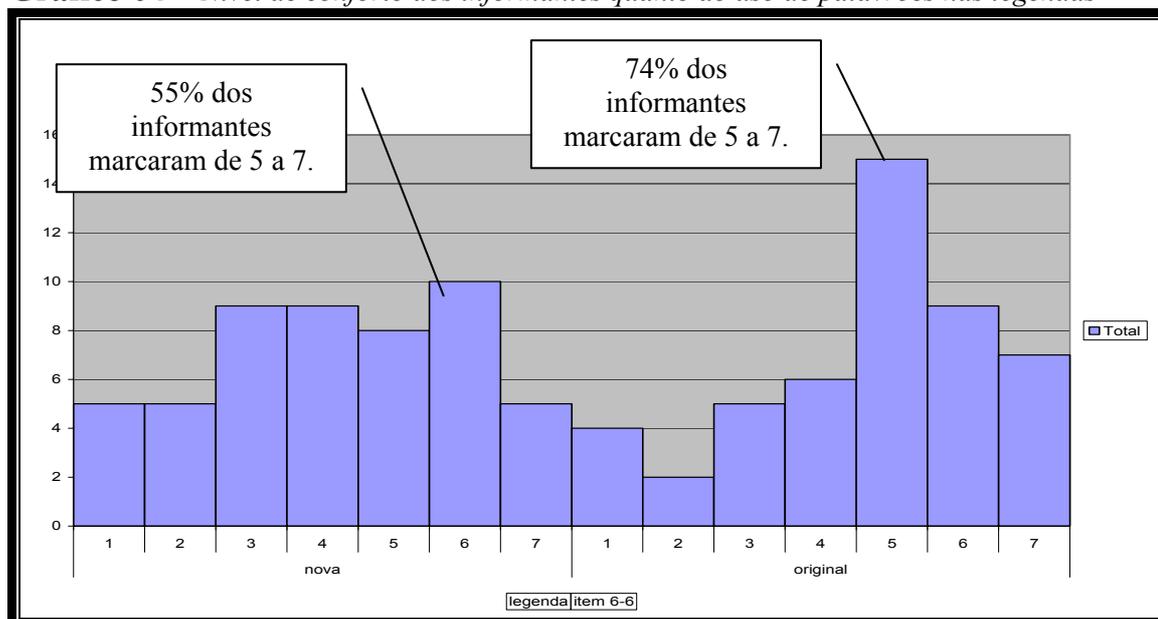


*Escala variando de 1, muito desconfortável, a 7, muito confortável*

Do grupo que assistiu às novas legendas, 54% admitiram sentir-se confortável em relação aos palavras utilizados pelos personagens (Gráfico 03).

Em relação ao uso de palavras nas legendas originais, 74% dos informantes revelaram sentir-se entre meio confortável a muito confortável (Gráfico 04). Enquanto 55% dos que assistiram às novas legendas disseram ter se sentido confortável quanto à tradução dos palavras para as legendas.

**Gráfico 04** – *Nível de conforto dos informantes quanto ao uso de palavras nas legendas*



*Escala variando de 1, muito desconfortável, a 7, muito confortável*

Essa diferença mostrada entre o grupo das legendas originais e das novas legendas pode ser indício de que o palavrão escrito pode incomodar mais que o falado, visto terem sido pronunciados pelos personagens, em inglês. Mesmo os participantes que conheciam inglês, e que assistiram às legendas originais sem palavrões (ou com suavização), não se incomodaram em ouvi-los, no entanto, os sujeitos das novas legendas se sentiram mais incomodados que os primeiros.

O conforto dos participantes em relação às legendas originais pode ser atribuído às seguintes possibilidades: primeiro, os palavrões não estarem escritos e não terem sido ouvidos pelo espectador; segundo, terem sido ouvidos pelo sujeito, mas não estarem escritos nas legendas; terceiro, terem sido ouvidos, não lidos nas legendas e serem percebidos como naturais pelo espectador. Por envolverem aspectos inerentes à fala e à escrita, fica clara a influência dos MCIs mencionados anteriormente na relação do público com os palavrões.

É importante mencionar que, para os informantes leigos no conhecimento de língua inglesa, os itens “a linguagem dos personagens” e “a tradução dos diálogos nas legendas”, assim como “o uso de palavrões pelos personagens” e “o uso de palavrões nas legendas” não deveriam apresentar resultados diferentes, pelo fato de não conseguirem estabelecer relações de semelhanças e/ou diferenças entre áudio e legendas, este em português, aquele em inglês. Assim, buscamos verificar se o conhecimento da língua inglesa por parte dos informantes foi uma variável interferente no resultado desta primeira questão analisada. Os sujeitos não estudantes da língua inglesa, e que assistiram às legendas originais, apresentaram uma variação sensível em relação aos gráficos gerais apresentados anteriormente. Nos gráficos mostrados, os maiores números oscilaram entre meio desconfortável (para o uso de palavrões pelos personagens) e meio confortável (para os outros três aspectos). Um levantamento considerando apenas os não estudantes de língua inglesa mostrou que as maiores pontuações chegaram a confortável e muito confortável.

Ainda em relação ao mesmo aspecto, os dados revelaram que o comportamento dos sujeitos não estudantes de inglês, que assistiram às novas legendas, foi semelhante ao do grupo anterior. O único aspecto que obteve maior

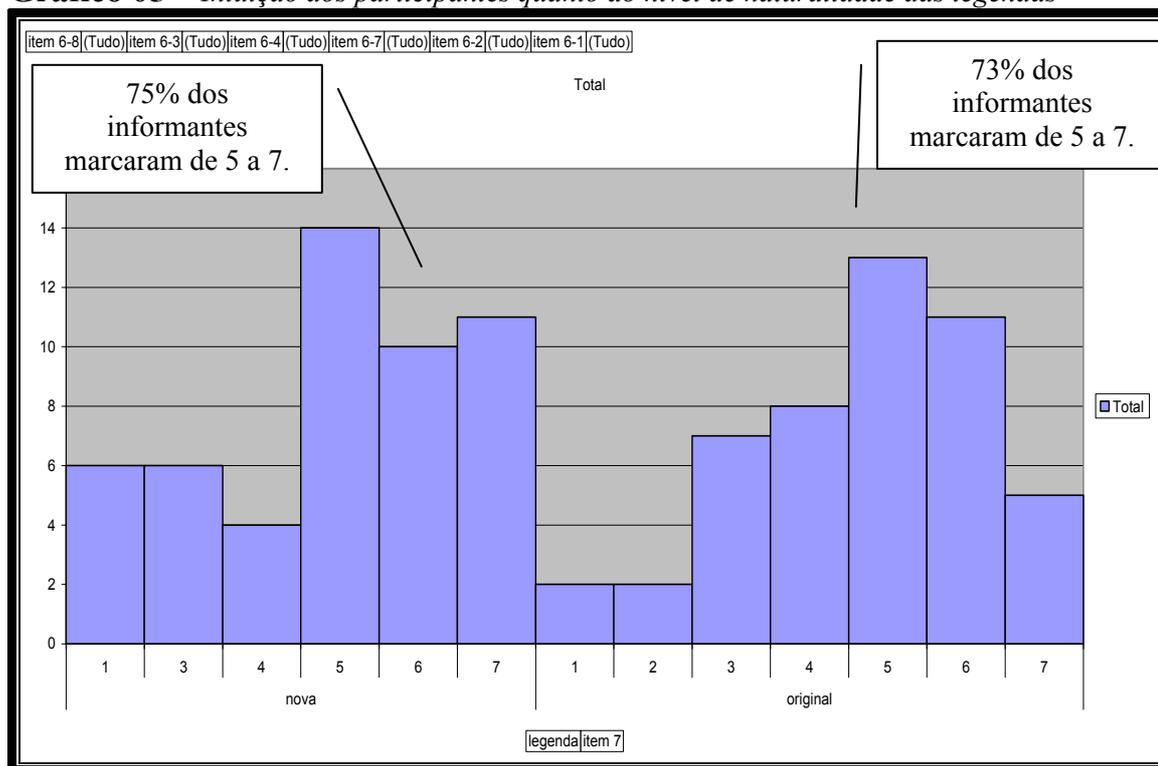
inclinação para o desconforto foi o item relacionado aos palavrões ditos pelos personagens, os demais não tiveram tendência alguma devido à grande variação de opiniões.

O levantamento por sexo, sem levar em consideração o nível de conhecimento em língua inglesa, mostrou que, em relação ao uso de palavrões pelos personagens, as mulheres das novas legendas apresentaram uma grande variação de opiniões, enquanto aquelas que assistiram às originais revelaram uma tendência ao conforto. Os homens, de uma forma geral, sentiram-se confortáveis no tocante aos palavrões proferidos pelos personagens.

Em relação ao uso de palavrões, podemos fazer as seguintes considerações: primeiro, os participantes desta pesquisa, embora, não fossem estudantes de inglês, tinham um vago conhecimento da língua, o que lhes permitiu uma compreensão dos palavrões em inglês proferidos no trecho (“bitch” e “asshole”, bastante comuns em filmes). Isto gerou uma variação bastante equilibrada entre os números da escala. Uma vez que os palavrões das legendas originais foram suavizados ou suprimidos, isto gerou um conforto maior por parte dos espectadores.

A questão de número 07 procurou investigar a naturalidade das legendas em relação à oralidade. Nesse caso, a pesquisa mostrou que 6%, dos que assistiram às legendas originais, consideraram as legendas originais muito estranhas, 4% que elas eram estranhas, 12% consideraram que as legendas eram um pouco estranhas, 17% acharam que elas não eram estranhas nem naturais, 27% dos informantes avaliaram as legendas originais como sendo um pouco naturais, 23% como naturais, e 23% consideraram as legendas como muito naturais em relação à forma como falamos correntemente.

**Gráfico 05 – Intuição dos participantes quanto ao nível de naturalidade das legendas**



*Escala variando de 1, muito estranho, a 7, muito natural*

Contrariando à hipótese levantada no início de nossa pesquisa, o gráfico mostra que o grupo das novas legendas apresentou uma grande tendência para a aceitação das legendas reelaboradas (75%) como sendo naturais. No entanto, o levantamento estatístico, levando em consideração o sexo dos participantes revelou uma diferença estatística relevante no grupo masculino: os homens das legendas originais variaram muito em suas respostas, enquanto os homens do grupo das novas legendas revelou uma tendência a achá-las naturais, com significância estatística ( $F=3,744$ ;  $p=0,05$ ).

Alguns dos participantes fizeram comentários para justificar sua opinião em relação à naturalidade das legendas originais exibidas:

- Sujeito 39 marcou 6 (natural) para a naturalidade nas legendas: *“As legendas fazem com que o filme tenha alguma similaridade com a fala dos jovens brasileiros.”*
- Sujeito 41 marcou 4 (neutro): *“Normalmente, toda legenda de um filme tende a ser muito formal.”*
- Sujeito 43 marcou 7 (muito natural): *“Elas parecem expressar exatamente o que se passa e o que se fala.”*

Conforme foi mostrado pelo Gráfico 05, parte de nossa hipótese foi comprovada ao constarmos que 73% do público consideraram as legendas, feitas sob os padrões da linguagem formal, naturais. Isto pode ser confirmado pelas opiniões manifestadas por alguns dos informantes no questionário. Para o sujeito 41, a formalidade nas legendas é natural dada a sua frequência, o uso constante de determinado padrão faz com que, mais cedo ou mais tarde acabe sendo aceito como natural, por meio da repetição. Para os sujeitos 39 e 43, as legendas formais são tão naturais que eles não chegam a fazer qualquer distinção entre as legendas escritas e a fala dos personagens.

Quanto à naturalidade das novas legendas, os comentários realizados foram os seguintes:

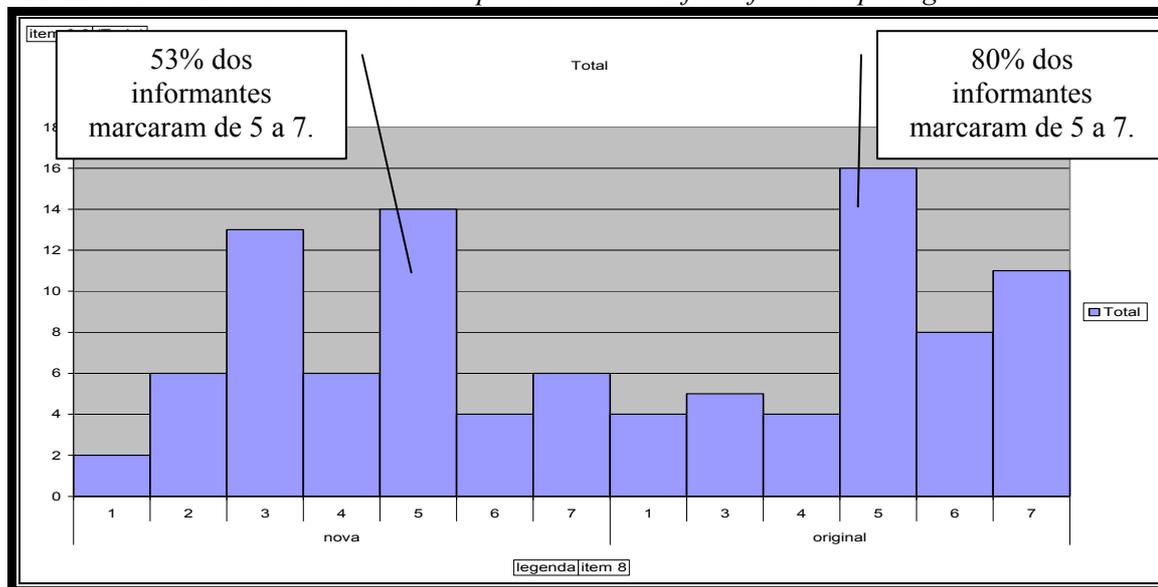
- Sujeito 01 marcou 7 (muito natural) para a naturalidade nas legendas: *“Para mim a legenda é bem natural, porém como não sei inglês muito bem, não dá para saber se o que eles falam é traduzido corretamente.”*
- Sujeito 03 marcou 7 (muito natural): *“Devido a tamanha naturalidade acaba-se tornando estranho pelo fato de ser filme (natural de mais).”*
- Sujeito 34 marcou 1 (muito estranho): *“Pois as legendas estavam aparecendo de acordo com a fala do personagem.”*
- Sujeito 47 marcou 5 (um pouco natural): *“É natural este problemas entre jovens, mas os termos são péssimos, horríveis, deploráveis.”*

A satisfação dos participantes também se verificou no depoimento daqueles que assistiram às novas legendas, os quais acharam que essas legendas representavam de forma eficaz a fala dos personagens, sem causar qualquer estranheza pelo seu tipo de linguagem.

Além dos aspectos abordados até o momento, também verificamos a opinião dos participantes em relação ao uso de palavrões em português. Perguntamos se o número de palavrões seria maior ou menor caso o mesmo trecho fosse exibido com áudio em português. O resultado, mostrado no Gráfico 06, mostrou que 80% dos informantes (que assistiram às legendas originais) acreditavam que, se o trecho exibido fosse em português, haveria mais palavrões do que o original em inglês. No grupo que assistiu às novas legendas, o gráfico atinge os maiores picos nas escalas 3 e 5, portanto uma variação equilibrada entre um pouco menos e um pouco mais de palavrões caso o

trecho fosse em português. Essa diferença entre os grupo foi representativa, com uma estatística de frequência F igual a 5,864 e p igual a 0,01.

**Gráfico 06** – *Nível de ocorrência de palavrões caso o filme fosse em português*



*Escala variando de 1, menos palavrões, a 7, mais palavrões*

O levantamento por idade mostrou que os indivíduos, que assistiram às novas legendas, com idade entre 26 e 35 anos, apresentaram grande variação em suas opiniões, portanto, com tendência à indiferença, enquanto aqueles de outras idades mostraram uma inclinação para acharem que haveria mais palavrões.

O levantamento por sexo mostrou uma diferença estatisticamente relevante no grupo das mulheres:  $F = 3,953$  e  $p = 0,05$ . As que assistiram às novas legendas apresentaram uma variação muito grande nas respostas, enquanto aquelas que assistiram às originais mostraram uma inclinação para “mais palavrões” se o mesmo trecho fosse exibido em português. Para os homens, os dados apontaram uma inclinação para “mais palavrões”, mas sem diferença estatisticamente relevante, portanto sem possibilidade de qualquer conclusão.

Esses resultados podem ser indícios de que as pessoas, ao assistirem a um filme, baseiam-se muito mais nas legendas do que no áudio do filme. Pensamos nessa possibilidade por dois motivos: primeiro, devido à declaração feita pelo informante 48, mostrada no quadro a seguir. Este acredita que, nos Estados Unidos, não há liberdade de expressão e que, por isto, os personagens do filme não falavam palavrões; segundo,

em nossa pergunta, não fizemos qualquer referência às legendas ou ao áudio especificamente, no entanto, pareceu-nos que grande parte dos participantes considerou a quantidade de palavrões, baseando-se apenas nas legendas. Se não fosse assim, os participantes com conhecimento prévio na língua inglesa perceberiam que o áudio apresentou palavrões que, provavelmente, apareceriam nas mesmas circunstâncias para o trecho em português.

É interessante refletir a respeito deste aspecto porque duas das estratégias de tradução utilizadas nas legendas originais é a suavização e o corte de palavrões. Isso pode fazer com que o espectador tenha a impressão de que os filmes em inglês não utilizam palavrões ao passo que os brasileiros estão repletos deles. Tal pensamento pode ser um dos aspectos que, durante muito tempo, contribuiu para a depreciação do cinema nacional.

Os comentários feitos em relação ao uso de palavrões em um trecho em português foram os seguintes, para o grupo das legendas originais:

- Sujeito 39 marcou 7 (mais) para o uso de palavrões caso o trecho fosse em português: *“Porque estamos vendo relações entre jovens.”*
- Sujeito 44 marcou 4 (o mesmo): *“Em português o filme é mais natural e os palavrões apareceriam e nas legendas vimos pouco, não expressando as falas do filme.”*
- Sujeito 45 marcou 7 (mais): *“Em filmes nacionais o uso de palavrões é globalizado.”*
- Sujeito 48 marcou 7 (mais): *“Aqui no Brasil, devido a força de expressão dos palavrões e o poder de se ter o direito de liberdade de expressão, com certeza este trecho teria tido muitos palavrões.”*

A declaração feita pelo informante 39 mostra a influência do MCI para palavrões no uso e aceitação dessas expressões. O MCI indica que os adolescentes podem usar palavrões e, se o trecho fosse em português, seria natural ouvirmos mais palavrões devido à idade dos personagens (adolescentes).

O grupo de informantes que assistiu às novas legendas fez os seguintes comentários:

- Sujeito 23 marcou 5 (um pouco mais): *“Eu não me incomodaria de ver alguns palavrões até porque eu os uso diariamente, mas o público em geral talvez não aceite.”*
- Sujeito 35 marcou 5 (um pouco mais): *“É uma realidade da vida, pois no dia a dia os amigos se tratam desta forma ou talvez muito pior.”*

Os pensamentos apresentados por esse grupo se assemelha ao anterior. Ambos acreditaram que um trecho em português apresentaria mais palavrões que o trecho em inglês.

Com base no que apresentamos até o momento, podemos afirmar que, de um modo geral, não obtivemos resultados estatisticamente significativos, ou seja, nenhum dado foi conclusivo. Em decorrência disto, não foi possível dizer se o uso da linguagem informal e de palavrões nas legendas, de fato, são naturais na mesma medida que as legendas formais. Mesmo assim, podemos mencionar três crenças dos espectadores em relação às legendas originais do trecho exibido: primeiro, o uso da linguagem formal nas legendas não causa estranheza aos espectadores; segundo, a linguagem utilizada nas legendas (a linguagem formal) é natural para os espectadores brasileiros, ou seja, no que diz respeito às expectativas dos informantes, a linguagem formal consegue representar, de forma satisfatória a oralidade dos diálogos, pelo menos no tocante aos filmes; e por último, o uso de palavrões é mais comum em filmes brasileiros do que em filmes em inglês.

Em relação às novas legendas, nossa hipótese inicial não foi confirmada, ou seja, os espectadores consideraram o uso da linguagem informal também natural. É possível que isto tenha acontecido devido ao gênero do filme: comédia romântica adolescente. Como foi mostrado na elaboração dos MCIs, os adolescentes são um grupo especial de falantes que possuem certos privilégios lingüísticos concedidos pela sociedade: eles podem falar palavrões sem serem repreendidos por isso, enquanto os demais são proibidos.

Portanto, é possível que, se a mesma pesquisa fosse realizada com um outro gênero de filme, a reação dos informantes se manifeste de uma maneira diferente da que foi revelada nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pretendemos verificar se as legendas interlinguais de filmes americanos feitas sob os padrões da norma culta do português do Brasil eram naturais ao espectador brasileiro. Esses padrões, fruto das estratégias utilizadas na tradução dos diálogos dos filmes, baseiam-se nas regras da gramática normativa e de censura para expressões consideradas ofensivas pela sociedade.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que os espectadores preferem esse tipo de legendas em razão das crenças relacionadas à língua escrita e à língua falada cultivadas socialmente. Destarte, fundamentamo-nos nos MCIs, teoria da Linguística Cognitiva desenvolvida por Lakoff (1987). Em outras palavras, acreditamos que os brasileiros prefeririam assistir a legendas feitas sob os padrões da norma culta devido aos MCIs para fala/escrita e linguagem informal/formal valorizados culturalmente.

Partindo desse pressuposto, nossa pesquisa foi desenvolvida em três fases: na primeira, fizemos um levantamento das crenças envolvendo fala/escrita e linguagem formal/informal apontadas em textos científicos acerca da linguagem. por meio de um experimento, procuramos verificar se essas crenças seriam confirmadas por falantes nativos do português do Brasil a ponto de constituírem MCIs para cada um dos tipos de linguagem mencionados. Após a contagem dos questionários aplicados no experimento, fizemos nossa proposta de MCIs para fala, escrita, linguagem formal, linguagem informal e palavrões.

Na segunda fase, fizemos um levantamento de unidades fraseológicas e clichês de raiva usados nos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*, como também suas respectivas traduções nas legendas. Por meio da comparação entre as expressões selecionadas em inglês e suas traduções, foi possível verificar se a linguagem formal e a suavização ou corte de palavrões foram estratégias utilizadas na tradução de cada expressão. Constatado o uso dessas estratégias,

analisamos se o seu uso poderia ser justificado por algum dos MCIs propostos na fase anterior.

Após relacionar as estratégias de tradução, identificadas nas legendas dos filmes mencionados, aos MCIs, passamos para a terceira fase: a realização da pesquisa de recepção do público. Nessa última fase, nosso objetivo foi confirmar ou não a hipótese levantada no início da pesquisa. Sendo assim, realizamos um experimento em que um grupo de indivíduos assistiu a um trecho do filme *10 coisas que eu odeio em você* com as legendas originais, enquanto outro grupo assistiu às legendas elaboradas pela pesquisadora. Essas legendas foram elaboradas com base nos MCIs de fala e linguagem informal, portanto, contrariando o modelo padrão das legendas em português. Após assistirem ao trecho, todos os participantes responderam a um questionário direcionado a impressão de cada espectador em relação às legendas apresentadas no trecho.

De acordo com os dados revelados na pesquisa, o grupo de participantes que assistiu ao trecho com as legendas originais apresentou, em suas respostas, uma tendência a aceitá-las como naturais. Isto quer dizer que o uso da linguagem formal e a suavização ou corte dos palavrões, estratégias correntemente utilizadas nas legendas em português, não causaram estranheza aos espectadores. Esse resultado permitiu-nos comprovar parte de nossa hipótese em que as legendas feitas sob os padrões da norma culta brasileira são naturais para os espectadores que assistem a filmes com legendas.

O segundo grupo de participantes, que assistiu às novas legendas, apresentou o mesmo comportamento do grupo anterior. Isto fez com que nossa hipótese inicial fosse comprovada apenas em parte. Inicialmente, esperávamos confirmar a rejeição do público em relação às legendas elaboradas fora dos padrões apresentados pelos MCI para escrita e linguagem formal. No entanto, os dados revelaram o contrário: a aceitação do público para com a linguagem informal e os palavrões traduzidos nas novas legendas.

Atribuímos os resultados encontrados aos MCIs propostos na primeira fase desta pesquisa. A aceitação das legendas originais, por exemplo, pode ser justificada pelos MCIs para escrita e para linguagem formal. Segundo esses modelos, a escrita é relacionada à linguagem formal, ou seja, o texto escrito deve seguir os padrões

normativos da língua. Por serem escritas, as legendas também devem apresentar o mesmo tipo de linguagem. O MCI para palavrões também revelou rejeição a esses termos quando escritos em locais públicos, principalmente, e, uma vez que as legendas são textos escritos de acesso público, a suavização ou o corte de palavrões é esperado nas traduções.

A aceitação das novas legendas também se justifica pelos MCIs, porém, nesse caso, o gênero fílmico exerceu certa influência nos resultados encontrados. O trecho exibido para os participantes foi do filme *10 coisas que eu odeio em você*, uma comédia romântica adolescente. Em relação aos clichês de raiva, por exemplo, o MCI para palavrões mostrou que as pessoas costumam ser toleráveis com os adolescentes. Em outras palavras, os palavrões são, normalmente, rejeitados socialmente, mas podem ser usados com certa liberdade se proferidos por adolescentes. Embora não tenhamos dirigido o primeiro questionário aplicado no sentido de verificar se o mesmo acontece em relação à linguagem informal, acreditamos que as pessoas sejam inclinadas a um comportamento semelhante.

Diante do exposto, consideramos alcançados os objetivos propostos para a pesquisa em tela, entretanto, reconhecemos a limitação dos resultados apontados e a possibilidade de um maior aprofundamento em um novo estudo guiado por diferentes perspectivas. Futuras pesquisas podem ser realizadas no sentido de verificar a recepção do público em relação às legendas de diferentes gêneros fílmicos. Também seria interessante verificar a existência de algum outro MCI envolvido na relação público-legendas, como, por exemplo, um MCI específico para legendas.

Além dos pontos sugeridos, seria válido para os estudos de tradução uma análise da possível relação dos MCIs com outras técnicas de TAV, a saber, a legendagem para surdos, a dublagem e o *voice-over*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÉONG, Stanley. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: Bagno, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 145-174.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Normas Para a Tradução de Clichês na Dublagem e Legendação**. Universidade Estadual do Ceará – Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada, 2000.

\_\_\_\_\_. To be or not to be natural: clichés of emotion in screen translation. In: Gambier, Yves. **Meta** – Audiovisual translation, Montreal, v.49, n.1, p.161-171, abril, 2004.

ARMERDING, C.E, Ph.D. et al. **Bíblia de estudo de Genebra**. São Paulo e Barueri, Ed. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.03; 25.

ARROJO, Rosemary. A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado. In: Arrojo, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**, Campinas, São Paulo, Editora: Pontes, 2ª ed., 2003, p.35-39.

\_\_\_\_\_. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões. In: Arrojo, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**, Campinas, São Paulo, Editora: Pontes, 2ª ed., 2003, p.71-79.

\_\_\_\_\_. O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. In: Arrojo, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**, Campinas, São Paulo, Editora: Pontes, 2ª ed., 2003, p.99-105.

BAGNO, Marcos. Norma lingüística e outras normas. In: Bagno, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.09-21.

BASSNETT-McGUIRE, S. **Translation studies**. London: Methuen, 1980.

BENDA, Ndomba. Teaching English idioms and stereotyped expressions. In: **English teaching forum**, vol.XIX, n.2, abril, 1981. p.31.

CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução**: um ensaio em lingüística aplicada. Trad. Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHAPMAN, Robert L. **American slang**. New York: Perennial Library, Ed. Harper & Row, Publishers – Cambridge, Philadelphia, San Francisco, Washington, London, Mexico City, São Paulo, Singapore, Sydney, 1987.

CIENKI, Alan. Metaphors and cultural models as profiles and bases. In: Gibbs, Raymond W. Jr. & STEEN (eds), Gerard J. **Metaphor in cognitive linguistics** – selected papers from the fifth international cognitive linguistics conference. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, July, 1997, p.189-203.

CINTAS, Jorge Díaz. **Teoría y práctica de la subtitulación** – Inglés/Español. Barcelona: Editora Ariel, 2003, p.75-134.

\_\_\_\_\_. Audiovisual Translation Today – A Question of accessibility for all. **Translating today magazine**, London, Issue 4, p. 03-05, julho, 2005.

CORBEIL, Jean-Claude. Elementos de uma teoria da regulação lingüística. In: Bagno, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 175-202.

COULMAS, Florian. On the sociolinguistic relevance of routine formulae. In: **Journal of pragmatics**, vol.3, North-Holland Publishing Company, 1979. p.239-266.

CUENCA, M. J. & HILFERTY, J. **Introducción a la linguística cognitiva**. Espanha, Córcega: editora Ariel Lingüística, 1999.

DERRIDA, J.(2002). **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto, Belo Horizonte, Ed. UFMG, p.25; 70.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica cognitiva**: fundamentos teóricos, interfaces e procedimentos exploratórios gerais em pesquisa qualitativa. No prelo, 2007.

FREUD, Sigmund. **A Young Girl's Diary**. Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000. www.virtual books.com.br. Cited: 20/04/07.

GIBBS, Raymond W. Jr. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: Gibbs, Raymond W. Jr. & STEEN (eds), Gerard J. **Metaphor in cognitive linguistics** – selected papers from the fifth international cognitive linguistics conference. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, July, 1997, p.145-166.

GOTTLIEB, Henrik. Subtitling. In: BAKER, M. **Routledge encyclopedia of translation studies**. Londres: Routledge, 1998. p.244-248.

GURILLO, Leonor Ruiz. Aspectos de fraseologia teórica española. In: \_\_\_\_\_. **Cuadernos de Filología**, Anejo nº XXIV de la Revista, Universidad de València, 1997.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua e nação. In: Bagno, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 97-114.

HORNBY, A.S (2000). **Oxford advanced learner's dictionary of current English**. Oxford New York, Ed. Oxford University Press, 6<sup>th</sup> ed.

<http://www.liberdadigital.com.br/?p=54>. Acesso em: 02/04/07

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **A inter – ação pela linguagem**. Coleção Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Contexto, 4<sup>a</sup> edição, 1998, pp. 79-91.

KÖVECSES, Zoltán. Metaphor – does it constitute or reflect cultural models. In: Gibbs, Raymond W. Jr. & STEEN (eds), Gerard J. **Metaphor in cognitive linguistics** – selected papers from the fifth international cognitive linguistics conference. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, July, 1997, p.167-188.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: What Categories Reveal about the Mind**. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1987. p.68-76.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coleção As faces da lingüística aplicada. Coordenação da tradução: ZANOTTO, Mara Sophia. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, São Paulo: Educ, 2002.

LEFEVERE, A. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London: Routledge, 1992b.

LEFEVERE, A. BASSNETT, S. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights. The 'cultural turn' in Translation Studies. In: \_\_\_\_\_. (Ed.) **Translation, history and culture**. London: Pinter, 1990, p.01-13.

LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (Org.). **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Annablume, Nova Prova, Educs, 2003, p.155-180.

LINDENFELD, J. **The cross-cultural translation of linguistic routines**. Babu, vol.39, no 3, 1993. p.151-156.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 1990, p.10-11; 45-48.

\_\_\_\_\_. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. In: URBANO, H. *et alii* (orgs.). **Dino Preti e seus temas**: oralidade, leitura, mídia, ensino. São Paulo, 2001b, p.321-332.

\_\_\_\_\_. O uso lingüístico e a noção de certo e de errado. **Lingüística 12**. São Paulo, 2000/2002c, p.175-184.

\_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola?** – Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. **Gramática e gramáticas** (no prelo). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, C. Araraquara, Car. / CNPq.

NIKOLIĆ, Kristijan. Differences in subtitling for public and commercial television – The Question of Style. **Translating today magazine**, London, Issue 4, p. 33-36, julho, 2005.

PADLEY, G. A. A norma na tradição dos gramáticos. In: Bagno, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 55-96.

PAWLEY, A. & SYDER, F.H. Two Puzzles for Linguistic Theory: Nativelike Section And Nativelike Fluency. Richards, J. & Schmidt (eds.), **Language and Communication**, London, Longman, p.191-226.

PLOUÏDY, Isabelle; ASHOUR, Marlene Hall. Film Subtitling in Switzerland. **Translating today magazine**, London, Issue 4, p.30-32, julho, 2005.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**. Cambridge University Press, 2nd ed., 1993, p.164-201.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**. São Paulo, Ed. UNESP, 1ª reimpressão, 2000, p.132-162.

ROSA, Alexandra Assis. Features of oral and written communication in subtitling. In: GAMBIER, Yves; GOTTLIEB, Henrik. **(Multi) media translation**, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2001, p.113-121.

SNELL-HORNBY, M. **Translation studies** – An Integrated Approach. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 39.

TAGNIN, Stella Ester Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo, Ática, 1989. p.56-58.

TAGNIN, Stella Ester Ortweiler. **O jeito que a gente diz** - Expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo, Disal, 2005.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem** – problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 12<sup>a</sup> ed., 2003. p.23.

VENUTI, L. The translator's invisibility. **Criticism**, v.18, n.2, 1986, p.179-212.

Word reference online dictionary: [www.wordreference.com](http://www.wordreference.com). Sited: 12/02/07

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis** – Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

## **ANEXOS**

## Anexo 01 QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa que desenvolvemos sobre alguns aspectos da linguagem. Não se trata de um teste; estamos interessados em entender como você, falante nativo do português, entende a língua de uma forma geral. Agradecemos desde já sua participação e pedimos que responda todas as perguntas de forma sincera e objetiva.

01. **Sexo:**     F                       M  
02. **Idade:**    12-18         19-25         26-35         acima de 35  
03. **Escolaridade:**  
       Ensino fundamental                       Graduação  
       Ensino médio                                       Pós-graduação  
       Curso técnico

Avalie os itens a seguir em uma escala de 1 (um) a 7 (sete), conforme as instruções dadas. Não leve muito tempo pensando; marque os itens de acordo com sua primeira impressão. Você pode marcar qualquer número de 1 a 7.

**Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa a linguagem totalmente informal e 7 representa a linguagem totalmente formal, escreva nos parênteses à esquerda de cada item o número que reflete sua opinião em relação às perguntas 04, 05 e 06.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Totalmente informal		Um pouco informal		Um pouco formal		Totalmente formal

**04. Em que nível da escala, você acha que cada item abaixo caracteriza a linguagem formal e/ou a linguagem informal?**

- Linguagem comum usada pela maioria das pessoas.
- A língua dos grandes escritores.
- Linguagem que obedece às regras da gramática.
- Linguagem usada em discursos, palestras e conferências.
- Linguagem utilizada por pessoas não-alfabetizadas.
- Linguagem utilizada por pessoas cultas.
- Linguagem que sai naturalmente durante uma conversa.
- A língua correta, livre de erros.
- Linguagem das pessoas mais ricas.
- Linguagem mais parecida com a forma que as pessoas falam.
- Linguagem utilizada por um menor número de pessoas.
- Linguagem considerada mais elegante, mais chique.
- A língua aprendida com o auxílio de livros e professores.
- Linguagem aprendida desde criança.
- Linguagem aprendida na escola.
- Linguagem falada.
- Linguagem escrita.

**05. Que nível de formalidade da linguagem você julga necessário em cada uma das situações abaixo?**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Reunião de negócios       | <input type="checkbox"/> Músicas           |
| <input type="checkbox"/> Reunião de amigos         | <input type="checkbox"/> Restaurante       |
| <input type="checkbox"/> Cerimônia de formatura    | <input type="checkbox"/> Sermão na igreja  |
| <input type="checkbox"/> Festa de aniversário      | <input type="checkbox"/> Jornal impresso   |
| <input type="checkbox"/> Entrevista para emprego   | <input type="checkbox"/> MSN Messenger     |
| <input type="checkbox"/> Em casa                   | <input type="checkbox"/> Na feira          |
| <input type="checkbox"/> Sala de Júri (julgamento) | <input type="checkbox"/> Testamento        |
| <input type="checkbox"/> Jogo de futebol           | <input type="checkbox"/> Carta pessoal     |
| <input type="checkbox"/> Jornal televisivo (TV)    | <input type="checkbox"/> Carta comercial   |
| <input type="checkbox"/> Novelas modernas          | <input type="checkbox"/> Diário            |
| <input type="checkbox"/> Livro de atas             | <input type="checkbox"/> Artigo científico |

**06. Em que nível de formalidade da linguagem, você, normalmente, associa as pessoas abaixo?**

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Jornalista | <input type="checkbox"/> Feirante                |
| <input type="checkbox"/> Taxista    | <input type="checkbox"/> Faxineiro               |
| <input type="checkbox"/> Pedreiro   | <input type="checkbox"/> Juiz                    |
| <input type="checkbox"/> Contador   | <input type="checkbox"/> Presidente da República |
| <input type="checkbox"/> Gari       | <input type="checkbox"/> Político                |
| <input type="checkbox"/> Professor  | <input type="checkbox"/> Agricultor              |
| <input type="checkbox"/> Médico     | <input type="checkbox"/> Arquiteto               |

**07. Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa muito desvalorizada e 7 representa muito valorizada, escreva nos parênteses à esquerda de cada item o número que reflete sua opinião.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Totalmente desvalorizada		Um pouco desvalorizada		Um pouco valorizada		Totalmente valorizada

**Em que nível da escala, você acha que a sociedade valoriza as profissões abaixo?**

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Jornalista | <input type="checkbox"/> Feirante                |
| <input type="checkbox"/> Taxista    | <input type="checkbox"/> Faxineiro               |
| <input type="checkbox"/> Pedreiro   | <input type="checkbox"/> Juiz                    |
| <input type="checkbox"/> Contador   | <input type="checkbox"/> Presidente da República |
| <input type="checkbox"/> Gari       | <input type="checkbox"/> Político                |
| <input type="checkbox"/> Professor  | <input type="checkbox"/> Agricultor              |
| <input type="checkbox"/> Médico     | <input type="checkbox"/> Arquiteto               |

**Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa totalmente inadequado e 7 representa totalmente adequado, escreva nos parênteses o número que reflete sua opinião em relação às situações apresentadas a seguir.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7
Totalmente inadequado		Um pouco inadequado		Um pouco adequado		Totalmente adequado

**08. Um colega de praia usando palavras difíceis durante uma conversa.**

1( )    2( )    3( )    4( )    5( )    6( )    7( )

**09. Um escritor famoso usando palavras difíceis durante uma conversa.**

1( )    2( )    3( )    4( )    5( )    6( )    7( )

**10. Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa um péssimo atendimento e 7 representa um atendimento excelente, escreva nos parênteses à esquerda de cada item, o número que reflete sua opinião em relação às situações apresentadas a seguir.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7
Péssimo		Ruim		Bom		Excelente

**Em uma loja, que tipo de atendimento você acha que a pessoa abaixo receberia?**

( ) *“Bom dia, moça! Por gentileza, quanto custam os sapatos pretos na segunda prateleira?” “Por favor, você poderia trazer um par número 40 para eu experimentar?” “Obrigada.” (Algum tempo depois...) “Estes não ficaram bons, você não teria um outro modelo mais confortável?”*

( ) *“Ô, moça! Quanto é aquele sapato? Aquele ali, ó, perto das calça jeans.” “Traz um 40 pra mim?” (Algum tempo depois...) “Não gostei desse negócio. Ele aperta meus pé. Você tem outro tipo mais melhor que esse?”*

**11. Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa nenhuma credibilidade e 7 representa total credibilidade, escreva nos parênteses à esquerda de cada item o número que reflete sua opinião em relação a quanta credibilidade as pessoas abaixo receberiam em um julgamento:**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7
Nenhuma credibilidade		Pouca credibilidade		Alguma credibilidade		Total credibilidade

- ( ) Um faxineiro não-alfabetizado
- ( ) Um faxineiro alfabetizado
- ( ) Um médico

**Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa as características exclusivas da fala e 7 representa as características exclusivas da escrita, escreva nos parênteses à esquerda de cada item o número que reflete sua opinião em relação às perguntas 12 e 13.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Características exclusivas da fala	Características da fala com algumas características da escrita		Características da escrita com algumas características da fala		Características exclusivas da escrita	

**12. Em que nível da escala, as afirmativas abaixo apresentam características da FALA e/ou da ESCRITA?**

- ( ) As pessoas aprendem antes de ler e escrever.
- ( ) É aprendida na escola.
- ( ) Apresenta frases mais longas.
- ( ) Apresenta frases mais curtas.
- ( ) Obedece às regras da gramática.
- ( ) É natural e muitas vezes não segue a gramática.
- ( ) As palavras mudam com o tempo, podem ser diferentes.
- ( ) As palavras não mudam com o tempo, são as mesmas.
- ( ) Linguagem mais organizada, sem repetições.
- ( ) Linguagem repetitiva, com frases incompletas.
- ( ) É cheia de rodeios, muitas palavras para dizer uma coisa.
- ( ) Linguagem resumida, direta.
- ( ) Tudo é dito só por palavras.
- ( ) Os gestos também transmitem mensagem.
- ( ) Só dura um momento, poucos instantes.

**13. Em que nível da escala, as frases abaixo apresentam características de um texto falado e/ou de um texto escrito?**

- ( ) “Uma palavra que eu não sei o significado.”
- ( ) “Você poderia me dar uma carona?”
- ( ) “O Paulo, eu vi ele no cinema.”
- ( ) “Porra! Dá pra me ouvir?”
- ( ) “Uma palavra cujo significado eu não sei.”
- ( ) “Vende-se picolé.”
- ( ) “Cê podia me ajudar?”
- ( ) “Televisão, não, me conta uma história.”
- ( ) Expressões regionais (“Ave Maria”, “Arre Égua”, “Botar boneco”)
- ( ) Palavrão (“Porra”, “Merda”, “Galinha”)
- ( ) Expressões com preposições: em um, de uma, para o, ao.
- ( ) Conjugações verbais do tipo: tu vais, eu iria, vós falastes.
- ( ) Gíria (“Bro”, “É TDB”, “Mano”)
- ( ) Vocabulário rebuscado (“Misógino”, “Indumentária”, “Parcimônia”)

**Em uma escala da 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa totalmente inaceitável e 7 representa totalmente aceitável, escreva nos parênteses à esquerda de cada item o número que reflete sua opinião em relação às perguntas 14, 15 e 16.**

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Totalmente inaceitável		Um pouco inaceitável		Um pouco aceitável		Totalmente aceitável

**14. Em que nível da escala, você aceita ou não o uso de palavrões nas situações abaixo?**

- ( ) Os palavrões de um modo geral.
- ( ) Os palavrões quando escritos em um local público.
- ( ) Os palavrões quando escritos em um local privado.
- ( ) Os palavrões quando falados por alguém.
- ( ) Os palavrões ditos por alguém conhecido.
- ( ) Os palavrões ditos por alguém desconhecido.

**15. Em que nível da escala, você acha que a sociedade aceita ou não o uso de palavrões nas situações abaixo?**

- ( ) Palavrões entre amigos
- ( ) Palavrões num júri
- ( ) Palavrões num jornal televisivo (TV)
- ( ) Palavrões num filme
- ( ) Palavrões no teatro
- ( ) Palavrões num livro
- ( ) Palavrões numa música
- ( ) Palavrões num *outdoor*
- ( ) Palavrões num discurso político
- ( ) Palavrões num sermão de igreja
- ( ) Palavrões em sala de aula

**16. Em que nível da escala, você acha aceitável ou não o uso de palavrões pelas pessoas abaixo?**

- ( ) Um adolescente
- ( ) Um idoso
- ( ) Um homem
- ( ) Uma mulher
- ( ) Uma criança
- ( ) Um político
- ( ) Um jornalista
- ( ) Um professor
- ( ) Um artista de TV
- ( ) Um policial
- ( ) O Presidente da República
- ( ) Um juiz
- ( ) Um galego
- ( ) Um vendedor

ANEXO 02

TEXTO ESCRITO – INGLÊS

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	THE	2.901	3,16
2	I	2.897	3,15
3	TO	2.775	3,02
4	AND	2.719	2,96
5	SHE	1.811	1,97
6	A	1.782	1,94
7	THAT	1.632	1,78
8	IT	1.540	1,68
9	IS	1.293	1,41
10	OF	1.241	1,35
11	IN	1.238	1,35
12	NOT	1.062	1,16
13	FOR	1.054	1,15
14	BUT	1.051	1,14
15	HER	1.012	1,1
16	WE	1.008	1,1
17	WAS	959	1,04
18	SAID	816	0,89
19	HE	800	0,87
20	SO	731	0,8
21	ME	683	0,74
22	ONE	648	0,71
23	YOU	635	0,69
24	AT	628	0,68
25	WITH	622	0,68
26	HAVE	621	0,68
27	ALL	596	0,65
28	HAD	587	0,64
29	HELLA	568	0,62

TEXTO ORAL – INGLÊS – MM

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	I	415	3,98
2	YOU	415	3,98
3	TO	217	2,08
4	THE	207	1,98
5	IT	191	1,83
6	A	188	1,8
7	THAT	134	1,28
8	AND	133	1,27
9	SHE	133	1,27
10	ME	110	1,05
11	IS	105	1,01
12	IN	97	0,93
13	MY	92	0,88
14	THIS	92	0,88
15	HER	90	0,86
16	WAS	85	0,81
17	OF	83	0,8
18	WE	82	0,79
19	SO	77	0,74
20	WHAT	75	0,72
21	DO	72	0,69
22	NO	72	0,69
23	NOT	70	0,67
24	REGINA	70	0,67
25	FOR	69	0,66
26	YOUR	69	0,66
27	LIKE	66	0,63
28	HAVE	62	0,59
29	ON	61	0,58

TEXTO ORAL – INGLÊS – DC

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	YOU	429	5,23
2	I	336	4,1
3	A	180	2,2
4	THE	178	2,17
5	TO	173	2,11
6	THAT	131	1,6
7	ME	114	1,39
8	AND	98	1,2
9	IT	96	1,17
10	KNOW	81	0,99
11	WHAT	81	0,99
12	FOR	77	0,94
13	OF	77	0,94
14	NOT	71	0,87
15	IS	69	0,84
16	NO	69	0,84
17	SO	64	0,78
18	WE	59	0,72
19	MY	57	0,7
20	THIS	56	0,68
21	DO	52	0,63
22	SHE	52	0,63
23	IN	51	0,62
24	YOUR	50	0,61
25	JUST	48	0,59
26	BUT	47	0,57
27	DON	46	0,56
28	YEAH	46	0,56
29	HAVE	44	0,54

**TEXTO ESCRITO – INGLÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	MOTHER	517	0,56
31	DORA	503	0,55
32	ABOUT	481	0,52
33	WHEN	475	0,52
34	ON	462	0,5
35	BE	461	0,5
36	FATHER	459	0,5
37	AS	439	0,48
38	CAN	429	0,47
39	HAS	424	0,46
40	WHAT	412	0,45
41	DAY	404	0,44
42	ARE	400	0,44
43	THEN	376	0,41
44	REALLY	372	0,41
45	WOULD	337	0,37
46	MY	322	0,35
47	BECAUSE	314	0,34
48	IF	306	0,33
49	THERE	306	0,33
50	ONLY	299	0,33
51	DID	293	0,32
52	KNOW	291	0,32
53	US	287	0,31
54	THEY	286	0,31
55	QUITE	281	0,31
56	SAYS	280	0,3
57	DO	279	0,3
58	GO	268	0,29
59	LIKE	263	0,29
60	DON	252	0,27

**TEXTO ORAL – INGLÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	WITH	61	0,58
31	ARE	54	0,52
32	BUT	53	0,51
33	DON	52	0,5
34	KNOW	52	0,5
35	BE	50	0,48
36	CAN	50	0,48
37	OK	49	0,47
38	ALL	48	0,46
39	OUT	48	0,46
40	UP	47	0,45
41	JUST	45	0,43
42	ABOUT	43	0,41
43	OH	42	0,4
44	GET	41	0,39
45	CADY	39	0,37
46	AT	38	0,36
47	OH	42	0,4
48	GET	41	0,39
49	CADY	39	0,37
50	AT	38	0,36
51	WHY	38	0,36
52	HEY	37	0,35
53	WHO	37	0,35
54	HOW	35	0,34
55	GOOD	31	0,3
56	ONE	31	0,3
57	RIGHT	31	0,3
58	THERE	31	0,3
59	THEY	31	0,3
60	DID	30	0,29

**TEXTO ORAL – INGLÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	OUT	44	0,54
31	GO	43	0,52
32	LIKE	43	0,52
33	WITH	43	0,52
34	ARE	42	0,51
35	OKAY	42	0,51
36	CAN	39	0,48
37	WAS	39	0,48
38	OH	38	0,46
39	THINK	38	0,46
40	WELL	36	0,44
41	HEY	35	0,43
42	UP	35	0,43
43	WANT	35	0,43
44	BE	34	0,41
45	HE	34	0,41
46	ABOUT	33	0,4
47	ON	33	0,4
48	GET	30	0,37
49	HER	30	0,37
50	THERE	30	0,37
51	WHO	29	0,35
52	I'M	28	0,34
53	KAT	28	0,34
54	RIGHT	28	0,34
55	LOOK	27	0,33
56	ALL	26	0,32
57	REALLY	25	0,3
58	DID	24	0,29
59	LET	24	0,29
60	UH	24	0,29

**TEXTO ESCRITO – INGLÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	ALWAYS	246	0,27
62	SUCH	246	0,27
63	MUST	241	0,26
64	WERE	237	0,26
65	BEEN	236	0,26
66	NO	236	0,26
67	WILL	236	0,26
68	HIM	235	0,26
69	OUT	235	0,26
70	OR	234	0,25
71	UP	229	0,25
72	TOO	227	0,25
73	VERY	224	0,24
74	GOING	217	0,24
75	NEVER	216	0,24
76	FRAU	211	0,23
77	FROM	205	0,22
78	TIME	204	0,22
79	ANYTHING	200	0,22
80	SAY	199	0,22
81	THIS	193	0,21
82	AN	192	0,21
83	COURSE	187	0,2
84	MORE	179	0,19
85	NOW	179	0,19
86	CAME	178	0,19
87	AWFULLY	173	0,19
88	COULD	168	0,18
89	OUR	168	0,18
90	MUCH	166	0,18
91	SHOULD	164	0,18

**TEXTO ORAL – INGLÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	LL	30	0,29
62	THINK	30	0,29
63	WHEN	30	0,29
64	AARON	29	0,28
65	HE	29	0,28
66	IF	28	0,27
67	YEAH	28	0,27
68	REALLY	27	0,26
69	VE	27	0,26
70	HAD	26	0,25
71	HERE	26	0,25
72	WANT	26	0,25
73	BACK	25	0,24
74	FROM	25	0,24
75	GO	25	0,24
76	PEOPLE	25	0,24
77	GIRL	24	0,23
78	GOD	23	0,22
79	NOW	23	0,22
80	BECAUSE	22	0,21
81	COULD	22	0,21
82	EVERYBODY	22	0,21
83	TELL	22	0,21
84	DIDN	21	0,2
85	GOT	21	0,2
86	GRETCHEN	21	0,2
87	LOVE	21	0,2
88	SOME	21	0,2
89	US	21	0,2
90	WOULD	21	0,2
91	HIM	20	0,19

**TEXTO ORAL – INGLÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	AT	23	0,28
62	HERE	23	0,28
63	IF	23	0,28
64	NOW	23	0,28
65	ONE	23	0,28
66	THEY	23	0,28
67	GOING	22	0,27
68	LL	22	0,27
69	THEN	22	0,27
70	YOU'RE	22	0,27
71	BIANCA	21	0,26
72	HOW	21	0,26
73	SISTER	21	0,26
74	WHEN	21	0,26
75	HIM	20	0,24
76	SEE	20	0,24
77	SOME	20	0,24
78	WHY	20	0,24
79	AS	19	0,23
80	DON'T	19	0,23
81	GOT	19	0,23
82	VE	19	0,23
83	BECAUSE	18	0,22
84	HATE	17	0,21
85	PEOPLE	17	0,21
86	SAY	17	0,21
87	HI	16	0,2
88	JOEY	16	0,2
89	ALRIGHT	15	0,18
90	COULD	15	0,18
91	DATE	15	0,18

**TEXTO ESCRITO – INGLÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	TOLD	161	0,18
93	GOT	159	0,17
94	HIS	159	0,17
95	SCHOOL	159	0,17
96	WENT	159	0,17
97	ANY	158	0,17
98	AFTER	156	0,17
99	WELL	156	0,17
100	SHALL	154	0,17
101	DOKTOR	152	0,17
102	FRIGHTFULLY	150	0,16
103	JUST	149	0,16
104	WHO	147	0,16
105	THEM	145	0,16
106	THINK	145	0,16

**TEXTO ORAL – INGLÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	SAY	20	0,19
93	SCHOOL	20	0,19
94	SEE	20	0,19
95	THANKS	20	0,19
96	GIRLS	19	0,18
97	GOING	19	0,18
98	MAKE	19	0,18
99	MEAN	19	0,18
100	MOM	19	0,18
101	LET	18	0,17
102	TALK	18	0,17
103	THEN	18	0,17
104	GONNA	17	0,16
105	HOME	17	0,16
106	LOOK	17	0,16

**TEXTO ORAL – INGLÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	EVEN	15	0,18
93	NEVER	15	0,18
94	TAKE	15	0,18
95	WOULD	15	0,18
96	DADDY	14	0,17
97	GUY	14	0,17
98	HAS	14	0,17
99	LISTEN	14	0,17
100	OR	14	0,17
101	SHOULD	14	0,17
102	TELL	14	0,17
103	CAMERON	13	0,16
104	GIRL	13	0,16
105	GUYS	13	0,16
106	LITTLE	13	0,16

ANEXO 03

TEXTO ORAL – PORTUGUÊS

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	NÃO	79	3,87
2	É	70	3,43
3	DE	56	2,74
4	A	55	2,69
5	E	53	2,59
6	QUE	51	2,5
7	O	40	1,96
8	ENTÃO	37	1,81
9	AHN	36	1,76
10	SE	35	1,71
11	MAS	27	1,32
12	PORQUE	27	1,32
13	EU	26	1,27
14	TEM	26	1,27
15	PARA	25	1,22
16	UM	21	1,03
17	MAIS	20	0,98
18	COM	18	0,88
19	ELES	18	0,88
20	ELA	17	0,83
21	UMA	17	0,83
22	MUITO	16	0,78
23	QUER	16	0,78
24	ESTÁ	14	0,69
25	AGORA	13	0,64
26	JÁ	13	0,64
27	NA	13	0,64
28	DIZER	12	0,59
29	OU	12	0,59

LEGENDAS – PORTUGUÊS – MM

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	NÃO	256	2,93
2	É	248	2,84
3	QUE	244	2,79
4	DE	226	2,59
5	A	225	2,58
6	O	179	2,05
7	VOCÊ	163	1,87
8	EU	128	1,47
9	ELA	125	1,43
10	E	108	1,24
11	PARA	103	1,18
12	UMA	89	1,02
13	POR	87	1
14	UM	79	0,9
15	COM	78	0,89
16	ESTÁ	76	0,87
17	ISSO	76	0,87
18	SE	76	0,87
19	REGINA	68	0,78
20	ME	65	0,74
21	DA	61	0,7
22	MAS	59	0,68
23	EM	56	0,64
24	DO	52	0,6
25	COMO	51	0,58
26	BEM	49	0,56
27	NA	47	0,54
28	AS	44	0,5
29	ELE	38	0,44

LEGENDAS – PORTUGUÊS – DC

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
1	QUE	252	3,88
2	NÃO	251	3,86
3	É	162	2,49
4	DE	144	2,21
5	O	138	2,12
6	A	113	1,74
7	VOCÊ	103	1,58
8	E	101	1,55
9	UM	83	1,28
10	ME	74	1,14
11	EU	69	1,06
12	SE	69	1,06
13	UMA	67	1,03
14	POR	64	0,98
15	PARA	59	0,91
16	COM	57	0,88
17	ESTÁ	57	0,88
18	BEM	46	0,71
19	MAS	46	0,71
20	ELA	44	0,68
21	ISSO	38	0,58
22	COMO	36	0,55
23	TE	36	0,55
24	EM	35	0,54
25	DA	34	0,52
26	DO	34	0,52
27	TEM	34	0,52
28	MAIS	32	0,49
29	SIM	31	0,48

**TEXTO ORAL – PORTUGUÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	TUDO	12	0,59
31	CASA	11	0,54
32	DO	11	0,54
33	ELE	11	0,54
34	ASSIM	10	0,49
35	EM	10	0,49
36	NÉ	10	0,49
37	DA	9	0,44
38	DEPOIS	9	0,44
39	ESCOLA	9	0,44
40	FOI	9	0,44
41	POR	9	0,44
42	QUANDO	9	0,44
43	AINDA	8	0,39
44	NO	8	0,39
45	NÓS	8	0,39
46	OS	8	0,39
47	OUTRO	8	0,39
48	ANOS	7	0,34
49	AS	7	0,34
50	DOIS	7	0,34
51	ESTÃO	7	0,34
52	GENTE	7	0,34
53	SÃO	7	0,34
54	AH	6	0,29
55	COISA	6	0,29
56	DIA	6	0,29
57	FAZ	6	0,29
58	FILHOS	6	0,29
59	MÃE	6	0,29
60	QUEM	6	0,29

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	FOI	38	0,44
31	PODE	38	0,44
32	CADY	36	0,41
33	SÓ	36	0,41
34	OS	35	0,4
35	TUDO	35	0,4
36	SOU	34	0,39
37	QUEM	33	0,38
38	MAIS	32	0,37
39	VOU	32	0,37
40	NO	31	0,35
41	OI	31	0,35
42	MUNDO	30	0,34
43	VAI	30	0,34
44	MINHA	29	0,33
45	AARON	28	0,32
46	SER	28	0,32
47	VOCÊS	28	0,32
48	MUITO	27	0,31
49	SEI	27	0,31
50	SUA	27	0,31
51	OBRIGADA	25	0,29
52	VAMOS	25	0,29
53	CERTO	24	0,27
54	ESTOU	24	0,27
55	MEU	24	0,27
56	QUANDO	24	0,27
57	FAZER	23	0,26
58	JÁ	23	0,26
59	SÃO	23	0,26
60	SEU	23	0,26

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
30	NA	29	0,45
31	KAT	28	0,43
32	SEI	28	0,43
33	SEU	26	0,4
34	TUDO	26	0,4
35	MUITO	25	0,38
36	SUA	25	0,38
37	NO	24	0,37
38	OS	24	0,37
39	VAI	24	0,37
40	AS	23	0,35
41	MEU	23	0,35
42	BIANCA	22	0,34
43	MINHA	22	0,34
44	SÓ	22	0,34
45	QUEM	21	0,32
46	PAI	20	0,31
47	PODE	20	0,31
48	QUER	20	0,31
49	PRA	19	0,29
50	QUANDO	19	0,29
51	QUÊ	19	0,29
52	VAMOS	19	0,29
53	ATÉ	18	0,28
54	ENTÃO	18	0,28
55	ESTOU	18	0,28
56	FOI	18	0,28
57	IRMÃ	18	0,28
58	NADA	18	0,28
59	NEM	18	0,28
60	PORQUE	18	0,28

**TEXTO ORAL – PORTUGUÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	REALMENTE	6	0,29
62	SEMPRE	6	0,29
63	SER	6	0,29
64	TENHO	6	0,29
65	UHN	6	0,29
66	AQUELE	5	0,24
67	ÀS	5	0,24
68	BEM	5	0,24
69	CERTO	5	0,24
70	CINCO	5	0,24
71	CORRE	5	0,24
72	DÁ	5	0,24
73	DAS	5	0,24
74	DELA	5	0,24
75	ESSA	5	0,24
76	ESTAMOS	5	0,24
77	FAMÍLIA	5	0,24
78	FAZER	5	0,24
79	GRANDE	5	0,24
80	MANHÃ	5	0,24
81	MARIDO	5	0,24
82	MENOS	5	0,24
83	SABE	5	0,24
84	SEI	5	0,24
85	TAMBÉM	5	0,24
86	TÊM	5	0,24
87	TER	5	0,24
88	TRABALHO	5	0,24
89	CORRENDO	4	0,2
90	DEPRESSA	4	0,2
91	DIZ	4	0,2

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	ERA	22	0,25
62	NOS	22	0,25
63	ALGUÉM	21	0,24
64	DELA	21	0,24
65	PORQUE	21	0,24
66	QUÊ	21	0,24
67	TUDO	21	0,24
68	MÃE	20	0,23
69	ESSA	19	0,22
70	ESTAVA	19	0,22
71	GRETCHEN	19	0,22
72	NÓS	19	0,22
73	QUER	19	0,22
74	TEM	19	0,22
75	CASA	18	0,21
76	ESSE	18	0,21
77	TER	18	0,21
78	AQUI	17	0,19
79	FALAR	17	0,19
80	NINGUÉM	17	0,19
81	DIZER	16	0,18
82	LIVRO	16	0,18
83	À	15	0,17
84	ÁFRICA	15	0,17
85	ASSIM	15	0,17
86	COISA	15	0,17
87	ESCOLA	15	0,17
88	JANIS	15	0,17
89	LEGAL	15	0,17
90	MIM	15	0,17
91	POSSO	15	0,17

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
61	QUERO	18	0,28
62	ISTO	17	0,26
63	MIM	17	0,26
64	SABE	17	0,26
65	SAIR	17	0,26
66	ALGUÉM	16	0,25
67	JÁ	16	0,25
68	JOEY	16	0,25
69	NUNCA	16	0,25
70	ACHO	15	0,23
71	AO	15	0,23
72	AQUI	15	0,23
73	FAZER	15	0,23
74	ODEIO	15	0,23
75	SÃO	15	0,23
76	SER	15	0,23
77	SOU	15	0,23
78	ASSIM	14	0,22
79	CAMERON	14	0,22
80	DISSE	14	0,22
81	FESTA	14	0,22
82	IR	14	0,22
83	POSSO	14	0,22
84	TÃO	14	0,22
85	VOU	14	0,22
86	CERTO	13	0,2
87	OLÁ	13	0,2
88	TENHO	13	0,2
89	BOGEY	12	0,18
90	EI	12	0,18
91	ELE	12	0,18

**TEXTO ORAL – PORTUGUÊS**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	DOS	4	0,2
93	EH	4	0,2
94	ESSES	4	0,2
95	ESTOU	4	0,2
96	EXATAMENTE	4	0,2
97	FEZ	4	0,2
98	FORA	4	0,2
99	HORA	4	0,2

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – MM**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	TÃO	15	0,17
93	TENHO	15	0,17
94	VIDA	15	0,17
95	ACHO	14	0,16
96	MENINAS	14	0,16
97	ONDE	14	0,16
98	ELAS	13	0,15
99	ENTÃO	13	0,15

**LEGENDAS – PORTUGUÊS – DC**

<i>N</i>	<i>Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
92	AGORA	11	0,17
93	ÁÍ	11	0,17
94	AMIGO	11	0,17
95	BAILE	11	0,17
96	GAROTA	11	0,17
97	LEGAL	11	0,17
98	NINGUÉM	11	0,17
99	ONDE	11	0,17

## ANEXO 04

LEGENDAS ORIGINAIS	NOVAS LEGENDAS
<i>Vendeu o fígado no mercado negro para comprar uns amplificadores.</i>	O cara vendeu o fígado pros traficantes pra comprar uns amplificadores.
<i>É nosso homem.</i>	Esse é o cara.
<i>Oi. Tudo bem?</i>	E aí, mano?
<i>Ouçã, eu...</i>	Ei, eu...
<i>Até mais.</i>	Falou.
<i>Como faremos para que saia com a Kat?</i>	O que a gente faz pra ele sair com a Kat?
<i>Não sei.</i>	Não sei.
<i>Podíamos pagar... mas não temos dinheiro.</i>	A gente podia pagar... mas não temos grana.
<i>Bem, precisamos de um aval.</i>	Precisamos de um “laranja”.
<i>Como assim?</i>	Como assim?
<i>Alguém com dinheiro e burro.</i>	Um babaca com dinheiro.
<i>Ah, sim!</i>	Ah, tá!
<i>Esse rolinho é de pêssogo? Não se vêem muitos...</i>	É enroladinho de frutas? É difícil encontrar desses...
<i>Normal. Legal. Tudo bem.</i>	Copiei. Tá, bem.
<i>-Está perdido? -Não.</i>	-Anda perdido? -Não.
<i>Na verdade, vim conversar.</i>	Vim bater papo.
<i>-Nós não conversamos. -Bem, eu...</i>	-A gente não bate papo. -É que eu...
<i>queria conversar com você e ver se você se interessa.</i>	queria falar uma coisa e ver se te interessa.
<i>-Não. -Ouça primeiro.</i>	-Não. -Primeiro, ouça.
<i>Você se interessa pela Bianca, certo?</i>	Você tá a fim da Bianca, né?
<i>Mas não pode sair com ela porque a irmã...</i>	Mas não pode ficar com ela porque a irmã...
<i>é um caso mental e ninguém sairá com ela, certo?</i>	é louca e ninguém sai com ela, né?
<i>Esta conversa tem algum propósito?</i>	Aonde você quer chegar?
<i>Eu acho que você devia...</i>	Acho que você devia...
<i>contratar um cara para sair com ela.</i>	contratar alguém pra sair com ela.
<i>Alguém que não se assuste facilmente.</i>	Alguém que não tenha medo dela.
<i>Aquele ali?</i>	Aquele ali?
<i>-Soube que comeu um pato vivo. -Tudo, menos o bico e as patas.</i>	-Soube que comeu um pato vivo. -Tudo, menos o bico e as patas.

*Obviamente,  
é um investimento sólido.*

*-O que você lucra?  
-Ei...*

*passo pelo corredor, eu te cumprimento,  
você me cumprimenta.*

*Sim, já entendi.  
Você fica popular por tabela.*

*Vou pensar.*

*Já terminamos.*

*-Por que meteu ele nisso?  
-Calma. Fica frio.*

*Fingiremos que ele manda.*

*Enquanto está ocupado se organizando,  
você terá tempo com a Bianca.*

*É uma boa idéia.  
Tudo bem.*

*Tenho um Bráulio na cara, não?*

*Lembrem, pessoal...  
Segurem e mandem ver.*

*Ei, tudo bem?*

*Comi um pato  
delicioso ontem.*

*Eu te conheço?*

*Está vendo aquela garota.*

*É Kat Stratford.  
Quero que saia com ela.*

*Até parece, fresco.*

*Olha, não posso sair com a irmã  
até que Kat comece a sair.*

*O pai dela é meio maluco.  
Tem uma regra que...*

*É uma história comovente.  
No duro. Mas não é problema meu.*

*Seria problema seu  
se recebesse um cachê legal?*

*Você me pagaria para  
sair com uma garota?*

*-Quanto?  
-Vinte dólares.*

*Está bem, \$30.*

*Vejamos.*

*Se vamos ao cinema  
são 15 dólares.*

*Compremos pipocas, são \$53.*

*E se ela quiser doce?*

*Ficaria uns \$75.*

*Como vê,  
é negócio certo.*

*-O que você ganha?  
-Ah...*

*a gente se cumprimenta  
quando passar pelo corredor.*

*Ah! Entendi.  
Você fica popular por tabela.*

*Vou ver.*

*-Fim de papo.*

*-Tá.  
-Por que meteu ele na parada?  
-Não esquentá.*

*Vamos fingir que ele manda.*

*Enquanto ele se ocupa com o cara,  
você ganha tempo com a Bianca.*

*Boa idéia.  
Tá certo.*

*Tô com um pau na cara, né?*

*Escutem, pessoal...  
segurem e metam bronca.*

*E aí, cara?*

*Comi um pato  
delicioso ontem.*

*Te conheço?*

*Tá vendo aquela garota?*

*É Kat Stratford.  
Quero que saia com ela.*

*Até parece, frouxo.*

*Olha, não dá pra ficar  
com a irmã até que a Kat saia.*

*O pai dela é meio doido.  
Tem uma regra que...*

*É comovente, mas...  
No duro, não é da minha conta.*

*Seria da sua conta  
se pintasse uma grana legal?*

*Vai me dar dinheiro pra  
sair com uma mina?*

*-Quanto?  
-Vinte paus.*

*Tá bem, \$30.*

*Olha só.*

*Se vamos ao cinema  
São 15 paus.*

*Com as pipocas, são \$53.*

*E se ela pedir doce?*

*Fica uns \$75.*

*Isso não é uma negociação.  
É pegar ou largar, vira-lata.*

*Cinqüenta dólares e trato feito, Fábio.  
Divirtam-se!*

*-Belo ataque, Stratford.  
-Obrigada, Sr. Chapin.*

*Oi, gata.*

*-Tudo bem?  
-Suando feito porco. E você?*

*É assim que se chama  
a atenção de um rapaz.*

*Minha função na vida.*

*Mas vejo que funcionou com você.  
O mundo voltou a fazer sentido!*

*-Então, te pego na sexta.  
-Sim. Na sexta.*

*Será a noite que te levarei  
a lugares que nunca viu antes.*

*Como a loja de conveniência da  
Broadway? Você sabe meu nome, tonto?*

*Sei mais do que imagina.*

*Duvidoso. Muito duvidoso.*

*-Estamos perdidos.  
-Não quero atitudes derrotistas.*

*-Quero ouvir seu otimismo.  
-Estamos perdidos!*

*Assim.*

*Corra, Bogey!*

*Nunca quis um visual novo?*

*É sério. Debaixo dessa hostilidade  
há um grande potencial enterrado.*

*Não sou hostil.  
Sou perturbada.*

*Por que não tenta ser legal?*

*Ninguém saberia o que pensar.  
-Não me importo com o que pensam.  
-Importa-se, sim.*

*Não, não me importo.*

*Nem sempre precisa ser  
quem querem que você seja.*

*Gosto que me idolatrem, obrigada.*

*Onde arrumou as pérolas?*

*Eram da mamãe.*

*E você as escondeu  
por três anos?*

*Não. Papai as encontrou  
em uma gaveta na semana passada.*

*Não vou discutir.  
É pegar ou largar, sem-vergonha.*

*\$50 paus e trato feito, Fábio.  
Valeu, pessoal!*

*-Bela jogada, Kat!  
-Valeu, Professor.*

*Oi, gata.*

*-Como vai?  
-Suando feito porco. E você?*

*É assim que se conquista  
o coração de um rapaz.*

*Minha sina na vida...*

*mas funcionou com você.  
Tudo faz sentido agora!*

*-Bom, te pego na sexta.  
-É. Na sexta.*

*Vou te levar a lugares  
que você nunca foi antes.*

*Como a loja de grife do shopping?  
Sabe quem eu sou, bobô?*

*Sei mais do que pensa.*

*Duvido muito.*

*-A gente tá ferrado.  
-Não seja pessimista.*

*-Quero ver seu otimismo.  
-A gente tá ferrado!*

*Isso!*

*Corre, Bogey!*

*Já pensou em mudar o visual?*

*Sério. Por trás dessa rebeldia  
se esconde um grande talento.*

*Não sou rebelde.  
Sou perturbada.*

*Por que não tenta ser legal?*

*Ninguém ia saber o que pensar.  
-Não ligo pro que os outros pensam.  
-Liga, sim.*

*Não, não ligo.*

*Nem sempre precisa ser  
o que os outros esperam.*

*Gosto de ser paparicada,  
obrigada.  
Onde conseguiu o colar?*

*Era da mamãe.*

*E aí escondeu ele  
por três anos?*

*Não. Papai achou numa  
gaveta, semana passada.*

<p><i>E agora vai usá-las?</i></p> <p><i>Ela não virá reclamar!</i></p> <p><i>E ficam bem em mim.</i></p> <p><i>Acredite, não ficam.</i></p> <p><i>Belo automóvel.</i></p> <p><i>Pára-choques clássicos.</i></p> <p><i>Está em seguindo?</i></p> <p><i>Estava na lavanderia,</i> <i>vi seu carro e vim dizer oi.</i></p> <p><i>Oi.</i></p> <p><i>Você não fala muito, não é?</i></p> <p><i>Depende do assunto. Meu pára-choque</i> <i>não me provoca um frenesi verbal.</i></p> <p><i>-Não tem medo de mim, não é?</i> <i>-Por que eu teria?</i></p> <p><i>-A maioria tem.</i> <i>-Pois eu não.</i></p> <p><i>Talvez não tenha medo, mas garanto</i> <i>que já me imaginou pelado, não?</i> <i>Está tão na cara?</i></p> <p><i>Te desejo, te quero.</i> <i>Ah, querido. Ah, querido.</i></p> <p><i>É o dia dos idiotas?</i></p> <p><i>-Você se importa?</i> <i>-Nem um pouco.</i></p> <p><i>Sua nojenta!</i></p> <p><i>Meu seguro não cobre</i> <i>tensão pré-menstrual!</i></p> <p><i>-Diga que tive uma convulsão!</i> <i>-É por causa de Sarah Lawrence?</i></p> <p><i>Está me castigando porque</i> <i>quero que fique perto de casa?</i></p> <p><i>Você não me castiga</i> <i>porque a mamãe se foi?</i></p> <p><i>-Podemos deixá-la de fora?</i> <i>-Então não tome decisões por mim.</i></p> <p><i>Sou seu pai, tenho direito.</i></p> <p><i>Então, o que eu quero não conta?</i></p> <p><i>Tem 18 anos.</i> <i>Você não sabe o que quer.</i></p> <p><i>Não saberá até ter 45 anos,</i> <i>e aí será tarde demais.</i></p> <p><i>Quero estudar na costa leste</i> <i>e que confie nas minhas decisões.</i></p> <p><i>Que pare de controlar minha vida</i> <i>só porque não pode controlar a sua.</i></p> <p><i>Sabe o que eu quero?</i></p> <p><i>-Continuaremos mais tarde.</i></p>	<p><i>E agora vai usar?</i></p> <p><i>Ela não vai reclamar!</i></p> <p><i>E fica bem em mim.</i></p> <p><i>Não, não fica.</i></p> <p><i>Carro bonito.</i> <i>Pára-choques clássicos.</i></p> <p><i>Tá me seguindo?</i></p> <p><i>Tava na lavanderia,</i> <i>vi seu carro e vim dizer oi.</i></p> <p><i>Oi.</i></p> <p><i>Você não fala muito, né?</i></p> <p><i>Depende do assunto./</i> <i>Meu pára-choque não me</i> <i>provoca um delírio verbal./</i> <i>-Não tem medo de mim, né?</i> <i>-Devia ter?</i></p> <p><i>-A maioria tem.</i> <i>-Pois eu não.</i></p> <p><i>Talvez não tenha medo, mas aposto</i> <i>que já me imaginou pelado, né?</i> <i>Tá tão na cara?</i></p> <p><i>Te desejo, te quero.</i> <i>Meu querido. Meu amor.</i></p> <p><i>É o dia dos pé-no-saco?</i></p> <p><i>-Se importa?</i> <i>-Nem um pouco.</i></p> <p><i>Filha-da-puta!</i></p> <p><i>Meu seguro</i> <i>não cobre TPM!</i></p> <p><i>-Diz que tive uma convulsão!</i> <i>-É por causa da Sarah Lawrence?</i></p> <p><i>Tá me castigando porque</i> <i>não quero que vá pra longe?</i></p> <p><i>Você não me castiga</i> <i>porque a mamãe se foi?</i></p> <p><i>-Dá pra deixar ela de fora?</i> <i>-Então não decida por mim.</i></p> <p><i>Sou seu pai, tenho direito.</i></p> <p><i>E o que eu quero</i> <i>não conta?/</i> <i>Tem 18 anos.</i> <i>Não sabe o que quer.</i></p> <p><i>E não vai saber até ter 45,</i> <i>aí vai ser tarde demais.</i></p> <p><i>Quero estudar na costa leste</i> <i>e que confie em mim.</i></p> <p><i>Pára de controlar a minha vida</i> <i>só porque não pode controlar a sua.</i></p> <p><i>Sabe o que eu quero?</i></p> <p><i>-Falamos mais tarde.</i></p>
---	---

*-Esperarei ansiosa.*

*Você bateu no carro do Joey?*

*Sim. Acho que você terá  
que pegar ônibus.*

*Será que não percebe que é  
totalmente louca?*

*Pai!*

*-Pago \$50, mas quero resultados.  
-Estou tentando.*

*Ver essa doida amassar meu carro  
não conta como encontro.*

*Se você não consegue nada,  
eu não consigo nada.*

*Por isso, consiga algo.*

*Acabo de subir meu preço.*

*Quê?*

*Cem dólares o encontro,  
adiantado.*

*Esquece.*

*Então, esqueça da irmã.*

*É melhor ser tão esperto  
Quanto pensa que é, Verona.*

*-Vou esperar ansiosa.*

*Você bateu no carro do Joey?*

*É. Agora vai ter  
que andar de ônibus.*

*Você não percebe que é  
louca varrida?*

*Pai!*

*-Pago \$50, mas quero resultados.  
-Tô tentando.*

*Ver aquela puta amassar  
meu carro não é encontro.*

*Se você não consegue nada,  
eu não consigo nada.*

*Por isso, te vira!*

*Acabo de subir meu preço.*

*Quê?*

*Cem paus o encontro,  
adiantado.*

*Esquece.*

*Então, esqueça a irmã.*

*É melhor você se  
garantir, Verona. Se não...*



07. Em uma escala de 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa muito estranho e 7 muito natural (ou seja, do jeito que a gente fala normalmente), marque o número que representa a sua opinião quanto à naturalidade das legendas:

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Muito estranho		Um pouco estranho		Um pouco natural		Muito natural

1( )    2( )    3( )    4( )    5( )    6( )    7( )

Comentários (opcional): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

08. Em uma escala de 1 (um) a 7 (sete), em que 1 representa menos palavrões e 7 mais palavrões, marque o número que representa o que você acha se o trecho exibido fosse em português: apareceriam mais ou menos palavrões?

1.....	2.....	3.....	4.....	5.....	6.....	7.....
Menos		Um pouco menos		Um pouco mais		Mais

1( )    2( )    3( )    4( )    5( )    6( )    7( )

Comentários (opcional): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_